FON FON
MC
ANNO XXIII — N.º 24
Rio, 15 de Junho de 1929
Preço: 1$000

—Quando soffria um ataque de enxaqueca,

a dôr e o mal estar tornavam-se tão intensos, que ella ficava horas e horas soffrendo horrivelmente num quarto escuro, sem poder sequer supportar a luz.

Que achado, que allivio, quando, depois de haver experimentado meia duzia de remedios, sem resultado, tomou uma dóse de

Passados poucos momentos, e a dôr e o mal estar tinham desapparecido como por encanto!

Dôres de cabeça em geral; dôres de dentes e ouvido; nevralgias, cólicas menstruaes e rheumatismo; consequencias de tresnoitadas, excessos alcoolicos, etc.

"o meu unico allivio"!

Não affecta o coração nem os rins.

O conto brasileiro

A Conversão de Sergio Lemos

DIZIAM-LHE que era devasso, sceptico, inutil... Mas que lhe importava tudo isso?

A lembrança do sorriso cheio de graça de Zuleika, lançava um sobre as pequenas inquietações do espirito, que ás vezes o pungiam. Possuia muito dinheiro, muita saude! Por que melhores dons?

E, instinctivamente, lançou o olhar á secretária, onde estava ainda o livro de cheques, aberto, escancarado, convidativo. Sorriu e depois circumvagou a vista por todo o minusculo aposento que elegera em gabinete.

Sorriu novamente ao se lhe deparar uma photographia de Dolores del Rio, em pose de espiritual e artistico nú.

Então lembrou-se duma tremenda decepção que tivera no dia anterior.

Todas as manhãs, uma "dacty" tomava o bonde, defronte á janella do seu appartamento.

Adoravel na sua alacridade de garôta loira, enchia duma estridula alegria as manhãs doiradas...

Vestia sempre sedas claras e risonhas, como o seu semblante eternamente claro e risonho.

E, num requinte de luxuria, elle a seguira, cheio de insolitos pruridos de posse...

Foi, no emtanto, repellido, insultado, escarnecido, pela garôta loira...

Procurou esquecel-a, com desregramentos e proezas faceis.

Champagne e mulheres que se vendem!

Por que mais?

Incredulo, não acreditava em deus e zombava das religiões: vivia para a carne e para a materia.

Tinha a certeza, como todos os homens, que havia de chegar a hora fatal do grande mergulho nas trevas do desconhecido.

Si viera condemnado irremessivelmente, por que lutar contra essa lei determinista que nos rege?

Resignar-se com o destino commum, e deixar que a vida passasse...

Prodigo do dinheiro, jogava com este grande elemento para attingir as culminancias da felicidade terrena.

E tinha dessa felicidade uma idéa muito relativa.

O amôr... que seria o amôr que enche de suicidios o noticiario dos jornaes?

Aguardava ainda a revelação.

Sergio Lemos accendeu lentamente um charuto e assumou á janella.

Cinco horas da tarde.

Sobresaltou-se á recordação de que tinha uma entrevista para aquella hora.

E, apressadamente, se atirou para a vida flammejante, para o prazer inesgotavel.

* * *

QUANDO Sergio abriu os olhos e passou a vista ao redor do quarto, teve uma sensação de deslumbramento e espanto.

Onde estava?

Sua memoria trahia-o.

Lembrava-se, vagamente, que ceára e passára a noite com Zuleika, a do sorriso doirado e cheio de graça...

Depois... Recordava-se, tambem, que tomára um auto e déra a direcção do seu appartamento.

E nada mais.

Memoria infiel!

Quiz levantar a cabeça do travesseiro e não poude. Uma dôr profunda immobilizava-o no leito.

Realmente, não conhecia a alcova em que estava.

Não era o seu pequeno e artistico gabinete-leito, elle bem o via.

Ou dar-se-ia o estranho caso de ter o retrato de Dolores se transformado numa oleographia do Coração de Jesus, suspensa da parede?

Fechou os olhos. E o seu cerebro fatigado foi theatro duma luta espantosa de mil idéas obscuras e sem nexo.

Tornou a abrir os olhos, e os seus labios se descerraram numa pergunta fraca:

— Onde estou?

Surprehendeu-se ao ver deante de si uma linda mulher.

Não a conhecia: mas era muito bella, bellissima mesmo.

Cabeça magnifica de Madona, realçada pela exuberancia duma cabelleira loira.

O COMMENTARIO

COM o seu dôce desencantamento dos homens e das coisas, o capitão de fragata da marinha francêsa Julien Viaud acompanhou as tropas de desembarque do seu paiz que fôram até a capital do Celeste Imperio impôr a paz na bôcca dos canhões ao enfraquecido Filho do Céo. Era ao tempo dos boxers. E o que Julien Viaud observou Pierre Loti descreveu no seu delicioso livro Les derniers jours de Pekin.

No momento actual, armada até os dentes, entregue á uma anarchia sanguinaria que as idéas de Moscou assopram, a China convulsiona-se de maneira atroz. Ha um caudilhismo militar que a domina e estrangula. Ninguem sabe o que vae sahir daquelle cháos pavoroso. E os ultimos dias de Pekin já passaram. Agora estão sendo contados na eterna ampulhêta do tempo os derradeiros dias da China.

Não haverá um outro Pierre Loti para escrevêl-os?

Olhos vivos e alegres...

Uma harmonia dulcissima de elegancia e graça.

Sergio sentiu o contacto dumas mãos, espalmadas sobre suas faces.

Depois, os seus pulsos foram tacteados por aquellas mãos serenas.

Ergueu a cabeça.

Ella sorria.

— Clara! C l a r a ! — murmurou Sergio.

Seria possivel? Clara, a amiga de sua irmã, junto delle?

Certamente, ainda sonhava.

E cerrou os olhos, mas sentia o contacto daquellas mãos suaves sobre as suas palpebras doridas e febris.

* * *

SERGIO Lemos, gravemente ferido num desastre de automovel, dera entrada na Casa de Saude Santa Ursula.

Helena, sua unica irmã, ao ter conhecimento da tragica occorrencia, ficou desesperada, louca de dôr. Tivera sempre o amargo presentimento de que, mais cedo ou mais tarde, algo de grave haveria de succeder ao irmão, como castigo de sua desenfreada impiedade.

Orphãos de mãe, desde tenra edade, faltou-lhes o carinho insubstituivel dum coração materno.

O pae era um desses homens irresolutos e sem energia, a quem nada absolutamente incommodava.

Riquissimo, achava que, não faltando dinheiro aos filhos, tudo o mais se lhes acrescentaria...

E, ao ter sciencia do desastre, Helena correu á casa de Clara, sua fiel amiguinha desde os tempos austeros do internato, e que, agora, levada por vocação irresistivel, ia ingressar na vida religiosa.

O sonho que empolgava a mente piedosa de Clara era muito mystico.

Debalde seus paes quizeram apagar a chamma sagrada que a consumia. E na imaginação exaltada da linda rapariga perpassava sempre um mundo de pensamentos pios, como numa visão de fantasmagoria.

Via-se em plena China, tentando, com o seu exemplo, com a sua dedicação, com a suavidade de suas palavras, conduzir ao aprisco do Senhor uma multidão de ovelhas desgarradas.

Não deixava tambem de sonhar com o martyrio: e nestes momentos transfigurava-se, e nas suas feições se estampava um sentimento extasiado de pureza e ternura, identico áquelle que animou os rostos serenos das primeiras virgens christãs, quando nos circos romanos, ligadas ao dorso dos aurochs,

O CONTO BRASILEIRO

(Continuação)

* * *

saciavam os olhares lubricos da patuléa feroz.

E foi surprehendida numa dessas maravilhosas abstracções, por Helena, que chegara suffocada, anhelante, para relatar o desastre do irmão e pedir uma palavra de consolo.

E Clara ouviu-a, tambem cheia de dôr, e procurou consolal-a, dizendo-lhe que tivesse fé, porque Christo viera para salvar o que se havia perdido.

E talvez a desgraça occorrida fosse um aviso da Providencia para tentarem a regeneração de Sergio.

Clara offereceu-se então para enfermeira do ferido.

Trataria primeiro do corpo e depois, então, da alma...

* * *

VINTE dias haviam decorrido, após uma intervenção cirurgica, a que tivera Sergio de sujeitar-se.

E ia entrar em convalescença.

Clara fôra sua enfermeira desvelada e paciente.

As ordens dos medicos eram, porém, rigorosas.

Clara tinha obrigação de zelar pelo socego do doente, não lhe permittindo conversas i n u t e i s, emquanto não passasse a phase perigosa.

Mas logo que foi aberto o periodo da convalescença, ella começou as p r i m e i r a s escaramuças, com grande indifferença de Sergio, que não desejava saber de moral e religião.

Encontrava-se c o m p l e tamente preso aos encantos da linda enfermeira.

Seria já o amôr? Elle pensava que sim...

E era-lhe sempre penoso o instante em que Clara lhe perguntava suas idéas acerca da alma, dos seus futuros projectos para a vida.

A alma? Seria possivel que existisse? E os seus projectos? Si não os tinha.... Projectos em todo caso... Desejaria nunca mais sahir da Casa de Saude, para ter Clara sempre ao seu lado.

Experimentava um prazer especial quando ella lhe tomava o pulso para verificar a temperatura.

O contacto suavissimo daquella mão proporcionava-lhe um gozo estranho e nunca sentido.

Depois ficava a fital-a, de soslaio, a admirar-lhe a opulencia maravilhosa dos cabellos côr de oiro velho, o contorno sereno do busto, o ondular magnetico das ancas promettedoras...

E foi sentindo que não podia ter longe de si a enfermeira...

— Clara, quero-te muito, mas não posso crer. E a minha descrença se fortalece na razão inversa de tua fé. Não posso admittir que seja agradavel aos olhos de Deus o sacrificio que a ti mesma impuzeste.

— Tua alma, Sergio, está coberta por uma espessa camada de scepticismo. Por isso, não alcanças a nobreza e o desprendimento do meu gesto. Vou ingressar na vida religiosa, obedecendo aos dictames do meu coração e da minha consciencia. E tu, Sergio, que amo como irmão, has de abandonar a tua vida de desregramento e de impiedade. Quero conquistar-te para Christo.

E eram sempre assim os longos dialogos que entretinham ao entardecer, quando um pesado silencio descia sobre a alcôva do doente. Clara tinha perdido, já, quasi toda a esperança de conduzir Sergio para a senda da verdade.

Agora temia-o. Elle tinha uns modos estranhos de fital-a, que a enchiam dum vago temor.

Os olhos do enfermo adquiriam, ás vezes, uma tonalidade esquisita, que a assustava.

Uma tarde, elle lhe pegára nas mãos e dissera:

— Minha santa! Minha salvadora! Olhando em teus olhos, eu acredito no Céo, porque elles reflectem sentimentos que não são desta nossa terra miseravel. Mas só quando ponho os meus olhos no fundo de tuas pupillas, que têm uma côr vaga de esmeralda e absyntho. Olha-me sempre, jamais tires os teus olhos dos meus, para que eu possa acreditar em Deus.

Clara, atemorizada com as maneiras bruscas do seu doente, se desvencilhara de suas mãos e fôra refugiar-se na capella da enfermaria. Mas a conversão de Sergio estava fixada no livro do Destino e se fez duma maneira como nunca Clara a sonhára.

Certo dia, estava Sergio recostado num amplo divan do seu soturno quarto.

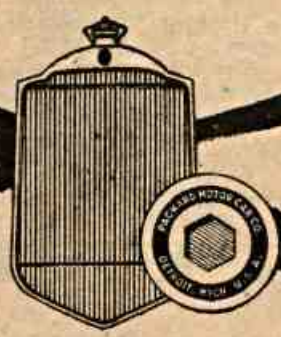
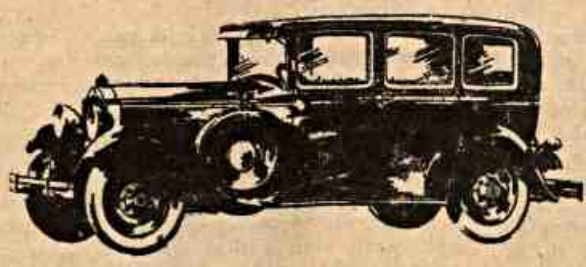
Faltavam-lhe tres dias para deixar a casa de saude.

Escutava passivamente Clara, nas suas interminas lições de moral.

Ella resolvera travar a ultima e decisiva batalha.

Aproveitando a bôa disposição do seu ouvinte, se poz a defender a causa sagrada que esposara. Sergio não a ouvia, nada entendia. Só tinha olhos para admirar-lhe a fascinante formosura.

Nunca a vira tão bella.

Um halo de encanto e suavidade pairava-lhe sobre a cabeça.

AO tratar-se do novo Packard de oito cylindros em linha é quasi impossivel dispensar-se os superlativos. Antes mesmo das palavras está o proprio carro, que justifica todo e qualquer elogio que delle se possa fazer.

EM nossa opinião, este carro Packard é o melhor que até hoje se tem fabricado. Para se convencer disto, submetta-o a uma prova, dando nelle um passeio e comparando-o, ponto por ponto, com qualquer outro carro — qualquer que seja.

TEMOS a certeza de que V. S. ficará convencido da superioridade do Packard — tanto na commodidade como no funccionamento.

PERGUNTE A QUEM TEM UM

P A C K A R D

Distribuidores:

COMPANHIA COMMERCIAL E MARITIMA

AUTO GERAL

Rua Benedictinos, 1 a 7 — Rio de Janeiro.

Clara se calou, esperando que elle dissesse alguma cousa.

Decorreram longos minutos de embaraçado silencio.

Subitamente, Sergio correu para brindo-a de beijos; os olhos, os ca-
brindo-a de beijos: os olhos, os cabellos, a bocca...

E tendo-a apertada contra seu peito, disse-lhe quanto a amava, quanto a queria, quanto a sua carne fremia de desejos. Como odiava a religião que ia arrebatal-a dos seus braços, do seu amôr.

Só acreditaria em Deus, se Clara lhe pertencesse, lhe entregasse o corpo, para que elle o cobrisse de beijos e de caricias.

Então, sim, acreditaria, acreditaria... Seria o primeiro a declarar a excellencia duma religião que não lhe negava a posse da eleita de sua alma.

Clara vagava num mundo desconhecido de surpresas e extases: mas reflectia, conservava ainda a

O CONTO BRASILEIRO

(Conclusão)

serenidade do seu pensamento puro e immaterial.

Veiu-lhe á memoria aquella passagem da vida de Santa Maria Egypciaca, verdadeira lição ás mulheres honestas que se obstinam com demasiada soberba em suas virtudes.

E si a conversão de Sergio custasse a conquista de seu coração, não seria isso um verdadeiro sacrificio, certamente agradavel ao Senhor?

Sergio não a largava, e os seus beijos longos e cantados, enchiam o ambiente dum chilreio de passaros.

Ella pensava que devia sacrificar-se. Sacrificio ainda mais alto, mais meritorio que o da Santa Maria Egypciaca, porquanto esta não obtivera a conversão do barqueiro immundo e bestial. Sua acção seria, portanto, mais digna de recompensa.

E os grandes doutores da Egreja não haviam approvado a conducta daquella santa?

E sua historia não vinha por acaso, contada nos livros sagrados e pintada em vitraes, verdadeiros milagres de luz?

Tudo isso lhe passava confusamente pela idéa.

E que era a carne em si?

Mero envolucro material e transitorio de sua alma bella e pura.

Ella tinha a certeza de que não commettia peccado.

Seu corpo langue cedia ante a violencia de beijos que já começavam a contagial-a...

AUGUSTO NOGUEIRA.

Do livro inedito *O homem que elles amesquinharam...*

A SERPENTE AZUL

MINYANTHO é um reinado tão pequenino que em nenhum mappa geographico consta existir. Amago, o rei, tem duas filhas de regia belleza. Uma é loira, de olhos verdes como o oceano em calma; a outra é morena, um alluvião de graça, de voluptuosidade e melancolia. Liria chama-se a linda enigmatica; Monódia, a morena esquisita e nostalgica.

* * *

Uranolitho, principe de um lendario paiz do norte, é muito amigo de Amago. Acaba de chegar de uma das suas atrevidas explorações em busca da Serpente Azul, que, segundo o dizer dos grandes sabios, encerra em sua bocca uma substancia mysteriosa capaz de dar a todos os seres — puramente humanos — eterna belleza e infinita juventude. E buscando o repouso á sua enervante vida de aventureiro, permanece um anno em Minyantho.

* * *

Agora, Liria e Monódia estão encantadas com o principe, que é, de resto, bello como um poema, arrogante como uma canção guerreira. Seus grandes olhos escuros são dois enigmas que irradiam imaginação e audacia, luz e fogo. E' tão elegante em todos os seus gestos, movimentos e palavras! E' tão insinuante, sua voz, quando murmura doces phrases de amôr ou refinadas galanterias! E, sobretudo, é tão artista! Como tange o violino e a harpa! Como canta, com sua delicada e harmoniosa voz de crystal, canções sentimentaes, á meia noite, no parque do palacio, banhado de aromas e raios de luar, de encantadores versos que falam de amôr e de morte, ante a janella estatica das jovens princezas, fascinadas pela magia perturbadora do formoso principe, galante e poeta!...

* * *

Monódia e Liria estão apaixonadas, loucamente apaixonadas. E' que o Amôr e a Vida são irmãos gemeos que enchem de poemas o Mundo...

Termina o anno. As arvores do regio parque parecem gigantescos esqueletos. Os monticulos de folhas resequidas elevam-se com o vento, musica triste de canticos de amôr que se esqueceram... O principe monta a cavallo, de retorno. Quer proseguir nas suas atrevidas explorações em busca da Serpente Azul. Uranolitho se despede cheio de saudade e affecto, exclamando: — "Talvez volte...!" se regressar será numa noite como as que se foram, quando o luar esplender. Monódia tocará harpa. Liria recitará meus versos favoritos. Quanto a mim, saudarei longe do caminho os vossos divinos olhos... Emquanto que se eu morrer nessa arriscada empresa, morrerei recordando o sorriso da vossa bocca, illuminado á luz dos vossos olhos..."

* * *

O cavallo parte a galope. Os lenços de Liria e Monódia, como brancas mariposas, se agitam acompanhando o guerreiro...

* * *

As princezas vivem de espirito meditativo, mas não choram; as suas almas aristocraticas choram no coração...

* * *

Já são passados muitos annos. Muitos cabellos brancos prateiam as augustas cabeças das princezas. O brilho de seus olhos vae-se extinguindo, pouco a pouco. O principe não voltou, porém; as princezas irreductiveis sonhadoras, não se têm esquecido e o esperam e á noite se dirigem para a mais alta janella do palacio de Minyantho melancolica. Monódia tange harpa. Liria recita, suspirosa...

* * *

Dizem que até hoje — velhinhas tremulas e curvadas — Liria e Monódia esperam o principe elegante e bello que se foi em busca da Serpente Azul.

Armando d'Assumpção.

Uma Aventura Macabra

GABRIEL DE LAUTREC

PODERIA crêr nos meus olhos? Era realmente esse, o amigo que eu conhecera tão jovial e rubicundo? Sua cara estava mais chata e mais amarella do que uma arraia com colite. Vestia uma sobrecasaca negra que lhe dava o aspecto de um quacre. Suspirei e estendi-lhe a mão sem enthusiasmo.

— Que se passou comtigo, — perguntei, — meu caro Tom Joe? Não te havia reconhecido.

Contemplou alguns minutos, com curiosidade, minha mão estendida, e decidiu-se, afinal a estreital-a. Encontravamo-nos no *boulevard*. Assobiei a um cocheiro que dormitava em meio da calçada e que veiu se collocar junto á rua. Conduziu-nos habilmente a outra rua, em frente, onde tinham o nosso ponto de parada favorito. Tom Joe sentou-se numa mezinha, ao ar livre, e fez-se servir de um copo de "mint-julep", que lhe trouxe recordações de sua infancia, e o pranto a inundar-lhe as faces. A lembrança dessa dôr não se apagará de minha memoria, ainda que no dia 11 de Dezembro proximo, a lua, astro sereno de nossas noites, se transforme subitamente e sem razão plausivel, numa vulgar pastilha de lacre.

— A historia, em duas palavras, é a seguinte: — disse elle. — Veja se não é preciso que um homem tenha um coração muito bem organizado, solidamente disposto, para resistir a semelhantes provas. Foi no anno passado. Regressava eu do Mexico, onde fôra caçar a phoca equatorial. Não ha animal mais astuto e mais terrivel do que a phoca equatorial. Sua conformação physica permitte-lhe escapar quasi com segurança á perseguição dos caçadores. Tem o seu corpo o tamanho e mais ou menos o aspecto de um grande caranguejo mas a cabeça, imperceptivel, só é visivel com o auxilio do microscopio. Durante a muda refugia-se em rochas inaccessiveis. Se eu a isso acrescentar que só é vulneravel no calcanhar esquerdo, poderás imaginar as difficuldades apresentadas nas caçadas demasiadamente interessantes, do animal fabuloso. Tivemos, nessas condições, uma sorte excepcional, e de tal fórma, que eu regressava á Europa com duzentas a trezentas duzias de pelles de phocas equatoriaes. Tive o prazer de encontrar-me um dia a bordo com meu antigo camarada Jack Bobins, meu mais querido amigo abaixo de Deus. Transportava-se á Inglaterra com o fim de proceder á inhumação de seu negro favorito, Roger Bacon, o boxeador que morrera de colera. O encontro com Bobins foi realmente um presente do destino. Era um alegre rapaz que nos relatava contos para morrer de riso. Duplo merito, pois que morriamos tambem de sêde. Sem duvida tu te recordas do calor torrido do verão passado. Na nossa embarcação elle era espantoso. Para cumulo de desgraça, a provisão de gelo se exgotou nos tres primeiros dias. Viamo-nos obrigados a beber agua quente. Não ha nada mais prejudicial. Bebi uma vez "ajenjo" preparado com agua morna. Estive a ponto de morrer.

— Talvez — objectei timidamente — devesses tomar outra cousa em vez de "ajenjo"; chá, por exemplo.

Tom Joe olhou-me com severidade.

— E a hygiene? Onde a deixas?

Vi-me obrigado a reconhecer que tinha razão.

— Soffriamos, pois, horrivelmente de calor e de falta de bebidas frescas, quando um bello dia, assim pelas quatro da tarde, emquanto passeava, febril, pela tolda, vi chegar Jack Bobins com qualquer cousa enrolada num pedaço de jornal. Com gesto imperioso, ordenou-me que o acompanhasse ao camarote, e, uma vez alli, diante de uma garrafa de "ajenjo" e de dois copos, desembrulhou o pacote. Continha um pedaço de gelo admiravelmente fresco. E desde então, duas vezes por dia, até a chegada do barco, bebemos "ajenjo" gelado, e ás escondidas dos mais viajantes. Donde provinha esse gelo maravilhoso? Não me permitte perguntar-lh'o. Mas possui a chave do mysterio no dia em que chegamos e vi Jack Bobins, de rigoroso luto, soluçando junto de um feretro que acabava de ser tirado da divisão de bagagens, e cujo conteúdo pudemos admirar ao ser retirada a tampa por uns momentos. Era o cadaver de Roger Bacon, o negro que Bobins trazia da America e que, privado pouco a pouco do gelo com que o havia rodeado para conserval-o fresco, parecia-se de um modo surprehendente com uma mumia estragada. Nunca vi cousa tão secca. Imagina um grande arenque torrado com bigodes e nariz chato...

— Sem duvida ficaste de todo estupefacto.

— Eu? de modo algum. Para dizer-te verdade, andava a suspeitar já de que havia alguma cousa de anormal no facto, pois esse gelo...

— Que achava nelle?

— Acredita-me se quizeres; mas o certo é que esse gelo tinha um gostinho de negro...

FON-FON

Revista Semanal Illustrada

Director:
SERGIO SILVA

Redactor-Chefe: Gustavo Barroso.
Thesoureiro: Cyro Machado.

Direcção, Redacção e Officinas: 62, Rua Republica do Perú, 62 (Antiga Assembléa)

Telephones — Director: C. 0871
Administração: C. 4136 — Endereço Teleg.: «Fon-Fon»

— Caixa Postal 97 —

RIO DE JANEIRO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

No Rio e nos Estados

Anno	48$000
Semestre	36$000

Venda avulsa em todo o Brasil, 1$000.

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

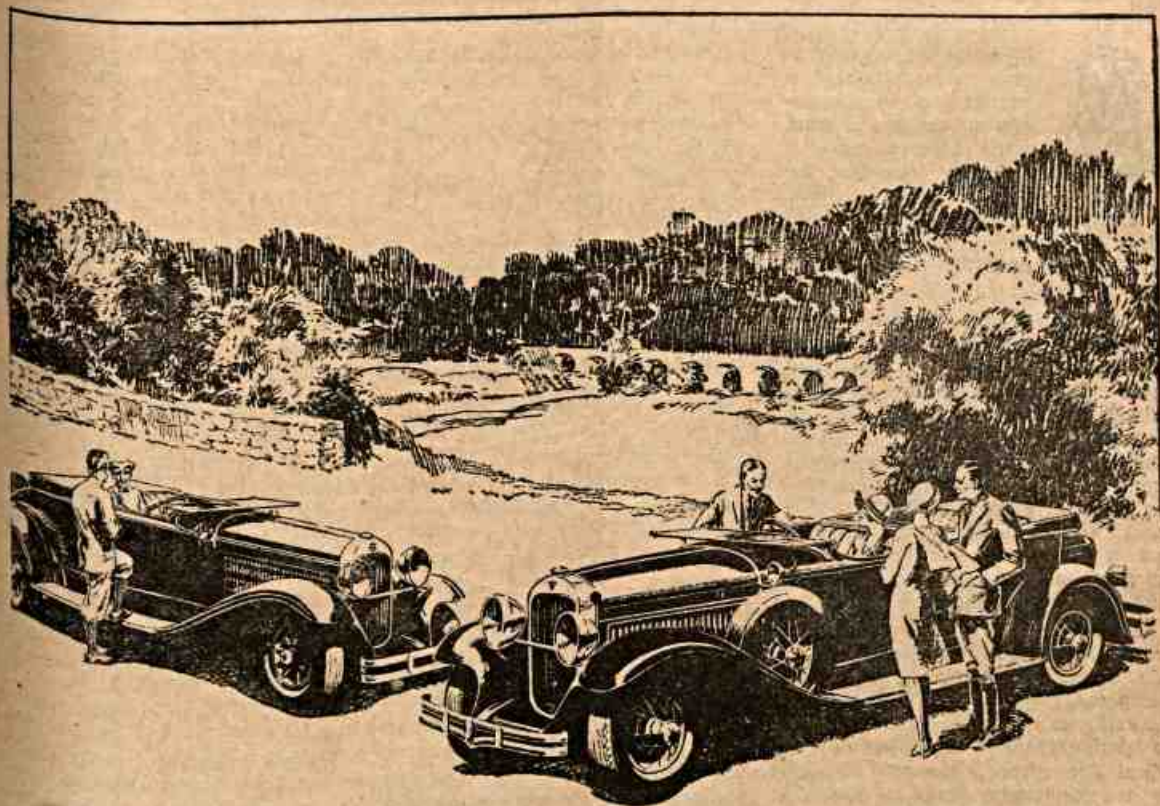
EMPRESA
FON-FON e SELECTA S. A.

Representante em São Paulo:
EMPRESA AMERICANA DE PUBLICIDADE, LTDA.

Praça do Patriarcha, 8 - sob.
Caixa do correio, 1431.

Repr. na Europa: Davignon, Bourdet & C., 9, Rua Tronchet, Paris. — 19, 21, 23, Ludgaste

O HUDSON ESSEX

Maior O Desafiador

Os Carros De Venda Mais Rapida Na Historia Do Hudson-Essex

Em todos os vinte e cinco annos de historia do Hudson-Essex, jamais se deu uma recepção tão enthusiastica á uma serie de carros Hudson-Essex. Jamais se offereceu uma serie de modelos tão satisfactoria como essa. Os pedidos de solicitação de agencias começaram a entrar em grande volume, logo depois que os concessionarios haviam visto o Hudson Maior e o Essex, o Desafiador.

Provavelmente ha ainda uma vaga em sua localidade. Communique-se com o distribuidor local do Hudson-Essex ou senão telegraphe á fabrica solicitando pormenores completos. Obtenha a parte que lhe toca da prosperidade de que desfructarão os concessionarios Hudson-Essex em 1929.

«Distribuidores para os Estados de Minas Geraes, Rio de Janeiro, Espirito Santo e Districto Federal. Ha ainda localidades disponiveis para bons agentes.»

T. L. WRIGHT & CIA. LTDA.

Exposição e vendas — RUA EVARISTO DA VEIGA, 142

Posto Serviço e Secção de Peças — RUA SANTA LUZIA, 202

Será Verdade a Reencarnação!?

A idéa de que vivemos em outras epocas, a crença na reencarnação ou em que a alma volta á terra, em differentes occasiões, tomando varios corpos, constitue uma doutrina muito antiga, a qual, segundo entendia Shaw Desmond, foi ensinada por Jesus Christo.

A reencarnação — sustenta o mesmo autor — é o que póde explicar, cabalmente, a razão por que membros da mesma familia, physicamente parecidos, e ainda gemeos, a meúdo, de temperamento, de intelligencia, e moral completamente distinctos, completamente diversos; explica ainda o motivo por que a obra do genio passa dos limites da sua experiencia, e por que ha creanças precoces como Mozart.

Fóra disso, a reencarnação é o conceito natural da peregrinação da alma, por varias existencias corporaes, que encontra o seu parallelo, na biologia, com Darwin, a qual estabelece a evolução gradual dos corpos, segundo o meio e a experiencia, como a reencarnação realiza a das almas.

Repete-se, com frequencia, que ninguem se recorda de suas vidas anteriores; mas existem muitas pessôas, algumas dellas de grande reputação scientifica e social, que asseguram recordar algo de suas vidas anteriores.

O sr. Herbert Burrows, conhecido publicista e conferencista inglez, declarou recordar-se de suas encarnações precedentes, sendo que n'uma dellas fôra gladiador no Colyseu de Roma, de onde assistiu ao terror e á brutalidade daquella epoca de sangue.

A sua reencarnação immediata, foi durante a revolução franceza, na qual tomou parte como official realista. Depois, — disse elle — mudou de politica, e pertenceu ao grupo revolucionario extremo e sendo muito amigo de Saint-Just.

O sr. Burrows explicou o seu processo para chegar a ter memoria das encarnações.

"O primeiro requisito — esclareceu elle — é possuir força de concentração, coisa que parece facil conseguir, mas que é muito difficil, na pratica. Procure-se fixar a attenção cinco minutos em qualquer objecto, em uma caixa de phosphoros, por exemplo, sem que os pensamentos se apartem um segundo.

Isto exigirá mezes de pratica constante. Uma vez abatido esse poder pode-se applicar a si mesmo e usal-o para pensar, "retrospectivamente", que é o segredo de todas as recordações do passado.

Durante mezes, deverá levar-se então a um diario, escripto ao terminar cada dia, e que registe o quanto puder recordar-se das horas em vigilia, operando a atraz, sem omittir nenhum facto por trivial que pareça.

Com o tempo, esse processo se torna facil e quasi mechanico.

Quando deitar-se, deve repetir mentalmente, — comprehendendo tantos dias anteriores quanto lhe seja possivel, e pela manhã se tentará "pensar até atraz", nos sonhos e acções subconscientes da noite.

Pouco a pouco, a memoria avançará, até que a vida actual seja em tudo coherente. Logo se irão percebendo vagas illusões de vidas anteriores, até que finalmente essas vidas se fazem tão reaes e coherentes como os successos de hontem."

O sr. Shaw Desmond affirmou que ás vezes um corpo é usado para varias almas, em tempos differentes, citando o caso de madame B..., conhecida, geralmente, pelo nome de Léonie, camponeza das cercanias do Havre, observada pelo professor Janet e outros homens de sciencia.

Normalmente, Léonie era uma aldeã catholica; mas quando o professor punha em acção a sua memoria superior, se convertia em protestante, viva e de bom humor, que não reconhecia a sua photographia commum. Quando a terceira alma tomava posse della, era lethargica e passiva, e falava em voz baixa, respondendo só ao que lhe perguntavam.

O conhecido autor inglez senhor Fielding Hall informou sobre um caso de reencarnação bem determinado, pois existem ainda muitas pessôas que o attestam.

O paciente, uma menina de sete annos, contou-lhe, com detalhes, a historia de uma anterior encarnação, na qual, segundo dizia, havia sido um homem que possuia um theatro de "marionnettes".

Para provar o seu asserto, os paes lhe compraram uma "marionnette", cujas cordas manejou perfeitamente, e até repetiu alguns dos dialogos usados nesse espectaculo.

A pequena disse ao sr. Hall que, quando homem, se havia casado quatro vezes; que duas das suas mulheres haviam morrido; que se divorciou de uma dellas e que a ultima vivia ainda.

Aquella de quem se separára era uma mulher terrivel.

— Veja, assignalando uma cicatriz no seu hombro — ella me fez isso em uma luta. Cortou-me com uma faca de cozinha.

E o mais surprehendente do caso é que o autor entrou em averiguações e soube que a pequena marca de nascimento, que a menina trazia, correspondia exactamente a uma ferida feita por sua mulher no seu esposo, dono de um theatro de "marionnettes", já fallecido.

Longa é a lista de casos de reencarnação descriptas por Shaw e outras muitas pessôas, que chamaram extraordinariamente a attenção.

BERNARDO FONTANA

ALOUETTE (Capital) — Ora essa! Serei discreto. Peço-lhe apenas isto: que não seja para dar trote. De 1 ás 5. E' facil. Leia o pé desta secção. Percebeu?

Diga o seu nome; do contrario, quando falar não attenderei.

Oh! os trotes insipidos!

RINA (S. Paulo) — Antes de tudo: os seus contos vão ser publicados. Quanto aos termos principaes da sua carta, resta-me esclarecer este ponto: não me recordo do que se passou em 1927. Comprehende? Mas gostaria de recordal-o. Quem sabe? Não creio em impossiveis. E tudo que tem de acontecer, — por uma fatalidade — obedece muito á nossa contribuição pessoal. Numa palavra: só ha os impossiveis que desejamos; do mesmo modo que as possibilidades são, ás vezes, bem mais difficeis do que as impossibilidades...

Vamos, já que é uma joven talentosa, diga se me comprehendeu E veja si repete as alegrias daquelle 1927 — que já agora muito me interessam...

LENMAS (Pernambuco) — Caro conterraneo, lamento muito não poder fazer o seu estudo graphologico. E isso pela razão muito simples de que teria de ser indelicado com o sr., dizendo-lhe coisas desagradaveis, quando só me disse coisas amaveis.

Quanto ao mais, aqui fica o seu conterraneo e admirador. Dê lembranças a essa gente bôa do Recife e faça o favor de ir até o Espinheiro, á rua da Hora, vêr si ainda ha por lá a casa onde nasci.

E por falar nisso, deu-me vontade de declamar. Casemiro de Abreu:

Oh que saudades que tenho
da aurora da minha vida...
Da minha infancia querida
que os annos não trazem mais.

MARIA (Minas) — Procure os livros que deseja na Livraria Alves, á rua do Ouvidor, 166.

— Nesse estabelecimento encontrará obras de toda natureza.

E. BARBOSA (S. Paulo) — Aqui está a sua carta, acompanhada da sua collaboração. Ainda bem que o sr. declara que, desde o anno passado, está para me agradecer a publicação dos seus trabalhos. O sr. ainda fala em agradecimento. E' uma *avis rara*, na multidão de cavalheiros que só desejam o "venha nós" do Padre Nosso do seu egoismo. Valha-nos isso!

O Luis Erbon é uma criatura fidalga sob todos os aspectos — nas attitudes e no espirito. Apresente-lhe as minhas bôas lembranças e os votos da minha camaradagem sincera.

Gostei das suas producções. Brevemente serão publicadas. Deixo, porém, á margem o soneto *Exaltação* que está mal realizado. A idéa é bonita, mas a sua technica falhou no "floriram só cyprestes", "olhos tão celestes", "refloriram como em mésse" — o que são verdadeiros estafermos enfeiando a belleza decorativa e de alta suggestão de versos como estes:

Numa alleluia rubra de papoulas,
Eram raios de sol as tuas vestes,
Toda a terra ficou illuminada.

Quem faz decasyllabos tão lindos não tem o direito de perpetrar aquellas coisas hediondas. Veja si concorda commigo, sim?

ALBERTO RIBEIRO (Capital) — Da leitura que fiz do seu soneto *Lagrima*, conclui que o sr. é um poeta de estro vibrante onde perpassa, por vezes, a nota de uma melancolia resignada que faz adormecer as almas sensitivas.

Quanto á technica do soneto, devo accentuar que encontrei um senão que lhe prejudica, de muito, a sonoridade e a belleza das rimas. E' que essas apresentam uma homophonia deploravel: *onde* e *ante*.

Isso, nos quartetos; nos tercetos ha uma outra nas rimas em *ade* e *ara*. Os bons poetas, como o sr., sabem remover essas fealdades artisticas.

ESPHINGE (Capital) — Tenha paciencia: não sou graphologo. Sou um méro informante nesta secção.

SOUZA BARROS (S. Paulo) — Entreguei o seu trabalho ao secretario, que o julgará opportunamente. De minha parte, acho apenas que, o parallelo feito entre um homem sem coragem para o *struggle for life*, e uma flôr que viceja na sua graça vegetal — a vida animal e a vegetativa — não é muito comprehensivel, nem mesmo logico, nesta época em que o racionalismo está sendo desprezado pelos homens que escrevem e na qual elle se faz precioso, *et pour cause...*

Mas é só. Quanto ao mais, o sr. se revela um philosopho, com escassas e emperradas possibilidades literarias. Mas quem sabe? Tudo depende de tenacidade e audacia — como préga o seu personagem zolaniano. E talvez a sua constancia no escrever colloque, futuramente ao philosopho ao lado do literato. E vice-versa.

MARICOTA (Capital) — Uma carta de mulher. Por que será que me hei de recordar sempre de Voltaire, todas as vezes que me chega ás mãos uma carta de literata, trazendo uma assignatura feminina? Será porque o seu nome está ligado a um facto literario, que passou ao dominio da Historia?

Foi Ninon Lenclos, a bella cortezã, quem deixou a Voltaire uma vultosa fortuna para que elle comprasse os livros que ambicionava. Mas por que me lembro dessa mulher admiravel, quasi fabulosa, quasi mythica, perfeitamente imaginaria, inconcebivel, neste momento do seculo? E que tem a sra. Maricota dos domingos de Paschoa, literata carioca, (de Itapirú ou de Ipanema?) com o genio que concebeu o *Candido* e a mulher bonita que encheu a França com o esplendor da sua fama?

Ah, já me recordo. E' que as cartas femininas, na sua generalidade, são affectuosas, cheias de phrases bonitas, lisonjeiras. E Ninon de Lenclos foi a mulher intelligente e perversa que escreveu: "Les aveux vraiment flatteurs ne sont pas ceux que nous faisons, se sont ceux qui nous échappent".

Ahi está! Quando recebo uma carta de mulher, eu me lembro de Ninon porque foi ella quem falou a verdade: "As nossas verdadeiras lisonjas não são as que dizemos, são as que nos escapam". Muito bem. Eis pois a relação que ha entre as mulheres, as suas cartas e a seductora franceza.

Mas vamos á sua carta, D. Maricota:

"Snr. Yves — Não o chamo "caro" porque o snr. até agora ainda não me custou nada; devem achalo "caro" aquelles que já levaram tunda de criar bicho com o formidavel açoite que é a sua linguagem cruelmente irônica. Se achar que me deve aplicar o mesmo correctivo e não me quiser poupar, a pesar de saber, como todo o mundo sabe, que "em uma mulher não se bate nem com uma flôr", então eu o chamarei, não "caro", mas "carissimo" snr. Yves... subirei ao superlativo. — Mas vamos ao que me leva a escrever-lhe. Neste Domingo de Páscoa, tão triste e tão escurecido pelas nuvens que velam os raios dourados do lindo sol brasileiro, eu, sentindo a alma pesada de saudades, saudades de tantos Domingos de Páscoa alegres e felizes, que morreram com a falta daqueles que me rodeavam outr'-

ora que hoje repousam no cemi-
terio, para impedir que as minhas
lagrimas corressem, lagrimas que
ninguem comprehenderia e que eu
preferia esconder bem no fundo do
meu coração, porque me seria
sobremente penoso vê-las escar-
necidas pelos indiferentes, procure-
i com os olhos uma coisa qual-
quer para sacudir da minha me-
moria o desfile dos tempos idos,
como o vento, no outono, sacode
das arvores as fôlhas mortas.

O meu olhar caiu emcima do "FON-FON" de ontem, e foi uma boa inspiração, porque me diverti a valer, lendo a secção de "Saibam todos". O snr. é muito espirituoso, mas, a par dessa interessante qualidade, comete muita injustiça nos julgamentos, sobretudo quando trata de descortinar "o [illegible]" das mulheres... Se não quer que lhe aconteça o que aconteceu ao pobre do Nobile, não suba mais nessa ariosca, porque não haverá aviador que o salve. E' pior do que o Polo Norte.. digo mais: é pior do que o fundo de uma cratera de vulcão em erupção... Ninguem sabe ao certo o que ha lá dentro. O gelo e o fogo simbolizam perfeitamente a linguagem, os gestos e a expressão que a mulher deseja imprimir nos diferentes papeis que representa, porém, no seu "eu" particular só entra a propria-consciencia, porque esta não precisa de chaves para penetrar onde quer: arromba portas e derruba trancas com a maxima facilidade e invade tudo, tal como as águas em ocasião de enchente. Bem vê o snr. que é tempo perdido tentar tão temerosa empreitada. O Barbeiro de Sevilha já disse, ha muitos anos: "Donne, donne, eterni Dei, chi v'arriva a indovinar?", espantado com a excelente lição de namoro que lhe deu Rosina, quando aquele esperto [illegible] pensava que o sabichão era ele... coitado! — Esta tirada ao snr. Yves, e só para defender as literatas, tão maltratadas pela sua pena ervada por um fauno de bronze, escravo do seu dono. Não resta duvida que êsse fauno raciocina maravilhosamente. Dou-lhe os meus parabens por possuir tão inteligente escravo. Se todos os pais de familia pensassem como êle, a mocidade de hoje não estaria assim corrompida e os conventos ficariam vazios. Mas o snr. deve libertar esse pobre cativo e, então, não o obrigar a fazer tinta com sucos de plantas venenosas: êle é muito delicado e não gosta da profissão que lhe é imposta. Eu percebi isto através das respostas que deu ás suas perguntas relativas ao caso da senhorita Circe, de S. Paulo. Louvo muito o seu criterio, esposando a opinião do simpático fauno, a quem envio um cordial apêrto de

SAIBAM TODOS...

(Conclusão)

mão. — Agora não vá o snr. pensar que tenho fumaças de literata. Não tenho, não, Deus me livre de tal! Em certas coisas não admito meios termos: ou sim, ou não. Ora, como sei que em literatura nunca serei nem assim, assim, prefiro não ser nada, conservando-me na minha obscuridade e dando graças a Deus se consigo passar para o papel o meu pensamento com clareza e sem erros graves de gramatica e de ortografia, quando escrevo a alguem.

Queira perdoar tanto abuso da sua paciencia e aceitar atenciosos cumprimentos de *Mariazita*."

N. B. Eu gostaria múito de saber o que lhe diz a minha letra a respeito do meu caracter. Poderá ser?".

Ahi está! A despeito de V. Ex. aconselhar que não me proponha a desvendar a alma feminina (para que? Para levar um *bluff*!) eu me quero dar a esse "sport" interessante e menos perigoso que o das tourada, o de aviação ou o do "football".

Porque no caso, a gente não terá o receio de enfrentar as pontas agudas de um touro; nem o de se esborrachar no chão, nem o de levar um pontapé nas tibias... A alma feminina é como essas "boites á surprise". Pensa-se que vae sair de dentro uma surpresa maravilhosa, e o que ha nella é bizouro, um camondongo, uma lagarta, uma vibora ou um jumentinho de celluloide ou qualquer outra quinquilharia sem importancia. N'uma palavra: a alma feminina é uma *blague*. Como estou certo disso, é que não procuro desperdiçar o meu tempo átôa. Com que fim? Para que? Para ganhar o quê?

E' verdade que se julga um enygma, offerecendo as attracções do Polo Norte, com os seus gelos eternos, as suas phocas, os seus ursos, os seus pinguins e o perigo dos vulcões em actividade. Mas a verdade é que o Polo Norte já não tem mais segredos e a geologia já descreveu os vulcões por dentro e por fóra.

O que me parece mais acertado é que as filhas de Eva são esphynges sem segredo, como quer Oscar Wilde. E quando existe segredo dentro ellas, é tão banal como o daquellas "boites á surprise". Mas eu creio que foi Pope, o grande psychologo, quem melhor definiu a mulher "A grande maioria das mulheres — disse elle — não tem um caracter firmado. São demasiado frivolas para conservar uma impressão duradoura. São morenas ou louras. Eis ahi a sua melhor distincção."

Accrescento por minha conta: ás vezes são lavadeiras, outras, literatas.

ARCHIDUQUE (Capital) — Os seus versos vão ser publicados. Queira esperal-os.

DULCE MARIA (S. Paulo) — A resposta que me pede não pode ser dada por aqui. A sua carta é toda confidencial.

Só quem conhece o seu texto é o redactor desta secção. Mas (até Galino percebe isso) si eu lhe fos se responder publicamente sobre o assumpto de que trata, é *claro* que até os cegos no *escuro*, seriam capazes de lel-a.

Perdôe o trocadilho *claro* — *escuro*... Elle se explica — uma vez que me pede lançar a *claridade* de uma palavra affectiva sobre a *escuridão* da sua alma melancolica...

Não faço a sua graphologia porque não me deu seu nome verdadeiro. E esse é tambem o motivo por que não posso retribuir a sua quasi affeição pela minha obscura pessôa... No primeiro caso, é a graphologia que o exige; no segundo, é a minha curiosidade, pois não é possivel que se retribuia a affeição, isto é, a quasi *futura* affeição de uma pessôa, sem se saber si é gorda ou magra, loura ou morena, feia ou bonita, moça ou solteirona.

Quanto ao mais, dê lembranças a S. Paulo é áquella linda pequena de perfil arabe, e cujos olhos são côr de folha morta...

ALFREDO (Minas) — Dirija-se á Livraria Alves, á rua do Ouvidor, 166 e ahi lhe darão informações sobre os livros que deseja adquirir.

YVES.

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97 — Telephone Central 4136.

FON-FON — 15-6-1929

Data da consulta ....

....

Nome do consultante ....

Amores de Anna Bolena e Henrique VIII

— Cuidado, senhora, que este corcel vos arrojará ao solo.

Assim disse um elegante cavalleiro no caminho que conduz a Kinvilton, a uma dama que, cam a rapidez do raio, passara a seu lado cavalgando um fogoso ginete em desordenada carreira.

A pouca distancia do cavalleiro ia seu escudeiro, para quem elle se voltou e disse, apenas se fôra embora a dama:

— Esta senhora não vae em grande segurança.

— Assim creio, senhor.

— Acha que deveria eu prestar-lhe auxilio?

— Livre-me Deus de aconselhar-vos, porque melhor sabeis o que está em vossas mãos fazer.

— Viu se era formosa?

— Assim me pareceu.

— Não vacillo então.

E cravando as esporas no cavallo, lançou-se a toda a brida atraz da dama. Era tempo, porque o corcel que a levava, enfurecido, não fazia já caso das rédeas, e, tomando o freio nos dentes, corria como louco pelo caminho empoeirado.

Pouco a pouco o cavalleiro se foi pondo a curta distancia do animal fugitivo, e a par depois; estendendo, então, um dos braços, arrancou da sella do ginete rebelde a dama, cujas forças se quebravam já.

Essa aventura não terminou, no emtanto, com a corrida do desenfreado corcel, mas proseguiu por largo tempo, e trouxe para a Europa, e especialmente para o povo inglez, consequencias que perduram ainda. Acontecia que a dama era Anna, a filha do famoso conde de Bolena. Apenas voltada a si, agradeceu ao cavalleiro que tão arriscadamente a salvara com palavras em que não pôde dissimular a impressão causada pelo olhar e pela voz do seu salvador. Terminada aquella primeira entrevista, o cavalleiro ordenou ao seu escudeiro que acompanhasse a dama até a orla do bosque onde se achavam, porque proximo ficava o castello de Anna Bolena.

Ao ficar só, e emquanto esperava o criado, meditava o cavalleiro acerca do que se acabava de passar.

— Viva Deus! — murmurava — que a tal Anna Bolena me causou mais impressão do que eu esperava, e minha nobre esposa dona Catharina poderia alarmar-se com algum fundamento, se o soubesse. Mas, ora! quem haveria de dizer? Se Anna quizesse... Não... não desvariemos, que não fôra decoroso para ella e mesquinho seria eu se exigisse alguma cousa em paga do serviço que lhe prestei. E a joven caminhava igualmente pensativa, com presentimentos semelhantes, e de tal modo ia que não notou estar junto ao castello senão quando o escudeiro lhe disse.

— Vejo, senhora, que já estamos em frente ao castello, e meu senhor me espera.

— Tem razão — respondeu a joven levantando a cabeça. — Dê novamente os agradecimentos em meu nome a seu amo pela cortezia que teve para commigo, e accrescente tambem o prazer que meu pae teria em vêl-o. Voltou o escudeiro a reunir-se ao amo e juntos continuaram o seu caminho.

Dez dias depois desse acontecimento, achava-se o conde de Bolena acompanhado das filhas, em seu castello, quando os seus escudeiros vieram avisal-o da chegada de um enviado da côrte.

— Um mensageiro de nosso bom rei Henrique VIII? — exclamou o conde. — Que se lhe prestem todas as honras devidas á altissima personagem que representa.

Em cumprimento desta ordem a recepção feita ao enviado do soberano foi realmente cerimoniosa e cheia de ostentação.

O recem-chegado trazia a nomeação de Anna como dama da rainha.

O conde não pôde recusar semelhante honraria, e, em consequencia disso, depressa começaram no castello os preparativos para a viagem.

O conde não sabia a que attribuir aquella graça do soberano, pois jamais a havia solicitado, nem seus annos ansiavam por vêr-se obrigado a ir á côrte.

Emquanto á Anna, era outra cousa. Apresentou-se immediatamente a sua memoria o cavalleiro desconhecido do bosque, cuja visita esperara pacientemente todos os dias, sem que se pudesse perdoar de não haver perguntado ao escudeiro de tal amo quem era elle e como se chamava.

Lembrava-se que o cavalleiro lhe perguntara se lhe agradaria ir á côrte, e suppuz logo que aquillo só poderia ser obra sua, porque manifestara claramente o interesse que tomava a respeito della.

Mas o que Anna não podia imaginar era na grande surpresa que a aguardava.

A apparição da joven na côrte causou um effeito extraordinario.

Por outro lado, ao encontrar-se em meio de toda aquella pompa, Anna notou tambem que todos os olhares estavam fixados nella.

Seu proprio pae a conduziu até o throno, e ao achar-se em presença dos reis, com o rosto incendiado por um rubor que augmentava suas graças naturaes,

AMORES DE ANNA BOLENA

(Conclusão)

inclinada a cabeça, só notou que estava aos pés do monarcha, quando, uma voz sua conhecida, disse-lhe.

— Erga os olhos, senhora.

A jovem teve um estremecimento, levantou a cabeça e ao reconhecer no cavalleiro que lhe falava o mesmo que a salvara no bosque, não póde abafar uma exclamação de assombro e de dolorosa surpresa.

Dois dias depois o monarcha penetrava na camara da esposa, no momento em que a mesma se encontrava cumprindo com os seus deveres religiosos na capella do palacio.

O rei sabia já disso e tambem que Anna era a unica dama que naquella occasião se achava nos aposentos da rainha.

Ao vêr o rei, a jovem tratou de retirar-se.

— Que vos succede? Esquecestes por acaso?...

— Oh, senhor! não poderia olvidar nunca o que por mim fizestes uma vez!

— Então, vós vos recordastes de mim?

— Crime fôra o contrario.

— Parece-me que estaes inquieta. Molesta-vos a minha presença?

— Não tal, mas...

Anna quiz evital-o, mas não lhe foi possivel. Teve que ouvir as palavras apaixonadas do monarcha.

— Anna — dizia elle — tudo quanto meus labios vos dizem é um pallido reflexo do que sente meu coração; que sou criminoso, dizeis? Demasiado o sei, mas não criminoso no sentido que julgaes; sou-o, porque me sinto ferido de amor desde o momento que vos vi; porque comprehendo que tambem me amaes...

— Senhor!

— Permitti-me proseguir. Comprehendo, repito-vos, que se não me amaveis então, estaveis a ponto de amar-me; comprehendendo que a minha felicidade, a paz de meus Estados, dependia deste amor, por tolos escrupulos, por considerações descabidas, retardei em dar o passo que se torna dia a dia cada vez mais indispensavel. Consiste unicamente nisto o meu crime; em não ter descoberto onde estava o remedio para o vosso mal e em não tel-o empregado. Amo-vos, não poderei ser nunca mais feliz se não obtiver o vosso amor. Sois de sobra virtuosa e nobre para vos tornardes a amante de alguem, mas juro que saberei fazer-vos minha esposa...

Henrique VIII cumpriu sua palavra. Conhecida ha de ser seguramente dos leitores a historia da dissidencia com Anna provocada pelo desejo de Henrique VIII de obter o divorcio de sua primeira esposa. Grandes foram seus esforços e teve que chegar a uma ruptura: o Parlamento approvou todas as suas decisões e Anna foi corôada rainha de Inglaterra em vida ainda de Catharina de Aragão. Esta morreu, no emtanto, pouco depois, e o reinado de Anna parecia fadado a transcorrer sem incidentes de gravidade.

Mas outra mulher atravessou na vida do monarcha inconstante, e as calumnias contra a rainha não se fizeram esperar de parte dos seus inimigos.

A nova paixão do monarcha e os ciumes foram a causa da morte de Anna.

Encarcerada e desterrada, accusada de traição, morreu nas mãos do verdugo, emquanto uma terceira rainha, Joanna Seymour, occupava o throno.

ESPIRITO ALHEIO

INQUIETUDE CONJUGAL

O medico. — Não é grave, minha senhora, o estado de seu esposo. Trata-se, apenas, de uma hydropisia. Tem elle o corpo invadido pela agua.

A mulher. — Santo Deus! Meu marido não sabe nadar, doutor!

INVENTOS UTEIS

O carrinho para bebês, com pneumaticos, buzina e parachoques...

NO LAR DO MEDICO

A menina (rezando). — ... E cura todos aquelles que estejam enfermos...

O irmãozinho (interrompendo-a). — Excepto os clientes de papae!

O ladrão (surprehendido em flagrante). — Devia ter dado corda no relogio, homem! Si elle está marcando meia noite...

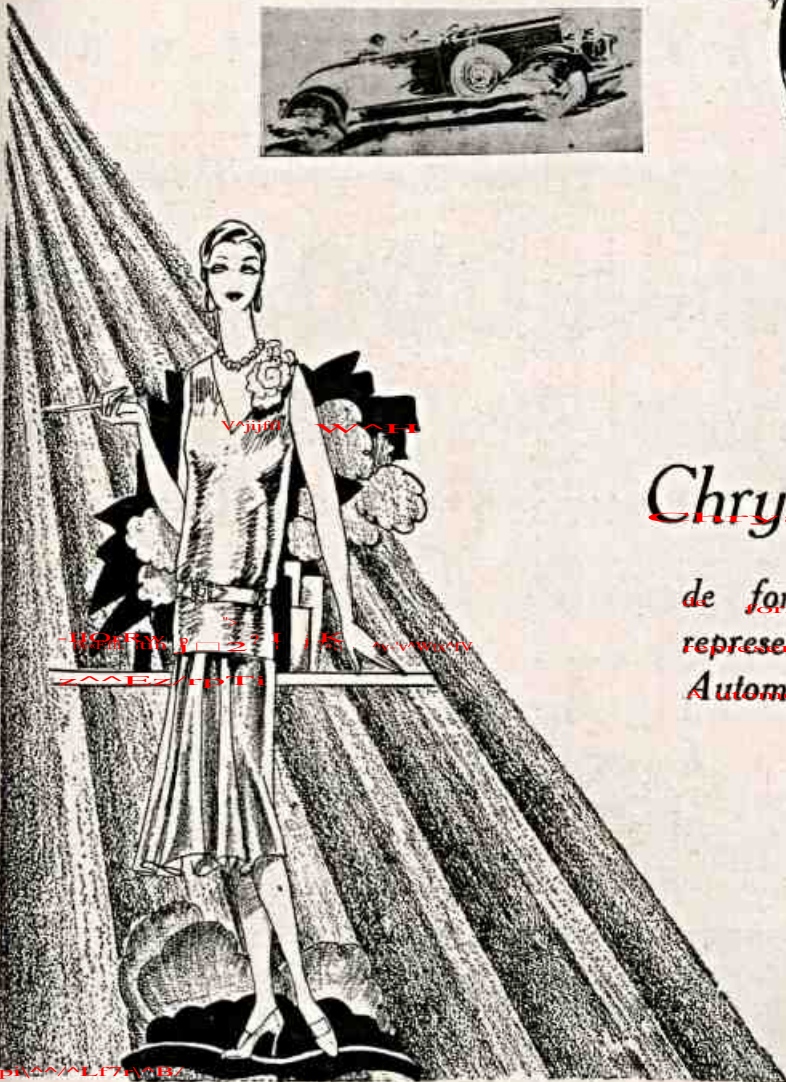
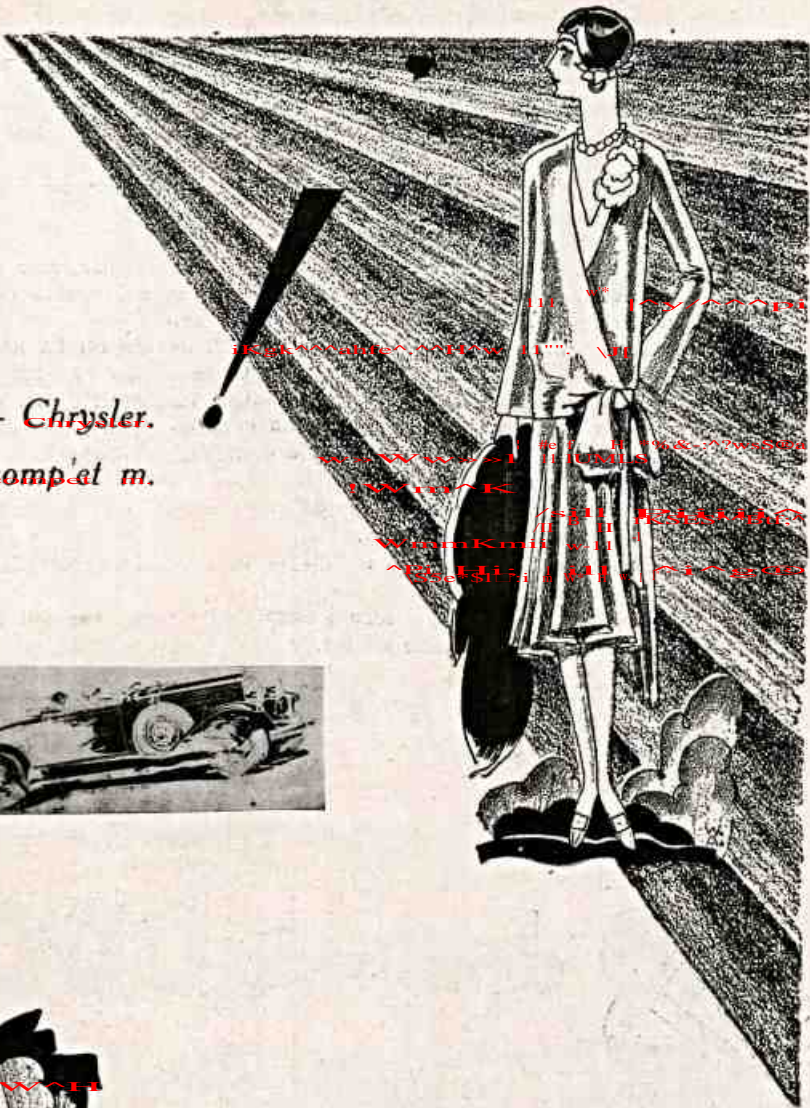
DEDUCÇÃO

— Antes de casar-nos, dizias que duvidavas houvesse outro homem igual a mim. E agora?

— Agora estou certa de que não o ha.

O criado (percorrendo a casa, depois de uma festa ali realizada). — Uma colherinha aqui?!... Com certeza, algum dos convidados tinha os bolsos furados...

— Tenho muitas cousas a falar-te, João.

— Graças a Deus! Porque, em geral, só me falas das cousas que não tens...

POSTAL SEM SELLO

Quiz o destino que eu te conhecesse um dia, nos torturosos caminhos de minha existencia de visionario!

Maldita hora em que te conheci!

Não sabes e nem pódes comprehender nunca os sentimentos de minha alma e a piedade sublime de meu coração, que tanto te ama e venera como se fosses a mais encantadora e intelligente de todas as mulheres!

Amo-te muito, é certo, mas o teu espirito de moça feliz não pode ainda avaliar a grandeza do meu affecto e compenetrar-se da minha sinceridade, que é mil vezes mais do que o teu de mulher vaidosa, talvez insensivel e sem amor!

Bem sei que a tua grandeza infinita consiste apenas no orgulho transitorio do ouro. Por isso, conheço perfeitamente a distancia cruel que nos separa nesta vida de illusões e de mentira.

Amo-te com toda a sinceridade de meu coração, mas confesso que nunca poderás ser minha e nem poderei ser teu.

O destino cruel se oppôz á realização desta felicidade de amor, que nos ha de separar por toda a vida.

Tu és bella e graciosa e tens o orgulho do ouro; eu, sou pobre e singelo, mas, sendo poeta, tenho o orgulho de rei.

S A M P A I O   J U N I O R

Aquella Deliciosa Sensação de Bem Estar

de limpesa, de confortavel frescôr, e da alegria de se sentir bem, são d'aquelles que fazem uso d' a Maravilha Curativa de Humphreys depois de barbear e após o banho.

O barbear deixa de ser um acto necessario mas encarado com horror como uma forma de voluntario supplicio, e se transforma n'um ritual agradabilissimo de todas as manhãs, fazendo-nos começar o dia com um sorrizo.

A MARAVILHA CURATIVA DE HUMPHREYS

é um excellente preparado para uso nas abluções, no banho e para barbear, e constitue tambem um remedio valioso para:

Talhos e feridas laceradas
Contusões, torceduras e luxações
Queimaduras e escaldaduras
Dôres rheumaticas
Lumbago
Nevralgia
Inflammação da garganta
Picadas de insectos
Excoriações
Queimadura do sol

E PARA USO GERAL DO TOUCADOR

Vende-se em todas as Pharmacias

HUMPHREYS' MEDICINE COMPANY
Corner Prince and Lafayette Sts. New York City, U. S. A.

MARAVILHA CURATIVA
HUMPHREYS' MEDICINE COMPANY

No fundo de uma mina

Walter Roberts

A alguns annos que, em minha qualidade de correspondente viajante de um grande diario de Nova York tive de visitar varios districtos mineiros que naquella occa são prendiam a attenção publica, com o fim de expôr numa série de artigos sobre seus verdadeiros meritos. Que minha correspondencia era lida com grande interesse, comprovava-o o immenso numero de cartas chegadas ás minhas mãos, de pessôas inteiramente desconhecidas, pedindo-me, em muitos casos, maiores detalhes.

Na epoca a que me refiro, o interesse estava concentrado num circulo mineiro existente em Serra Nevada, California, sobretudo nas regiões de Tulume e Mariposa, onde se levava a cabo em grande escala a exploração das minas. Quatro mezes passei naquella "Terra de Quartzo", como se chamava a região, familiarizando-me com todos os seus contornos, e a minha correspondencia era reproduzida por quasi toda a imprensa de São Francisco.

Durante algum tempo estabeleci minha residencia permanente, como quartel-general em Hornitos, condado de Mariposa, e alli, certa tarde, o chefe da expedição entregou-me uma extensa communicação de um rico mineiro de São Francisco, a quem eu não conhecia pessoalmente, mas cujo nome, então, era familiar em todos os centros mineiros. Esta carta vinha acompanhada de uma apresentação do director de meu jornal, em cujo cartão dizia: "Faça tudo quanto puder pelo capitão Pascoe que lhe explicará o assumpto."

A ANTIGA MINA

A carta do capitão Pascoe explicava que se lhe offerecia em venda uma antiga mina, cujo socavão tinha desapparecido la pelo anno de 1860. Dizia que ao serem abandonados os trabalhos na mina, por falta de recursos monetarios, quando já as escavações chegavam a vinte e cinto ou trinta metros de profundidade, o resultado em perspectiva parecia magnifico, e posto que as explorações daquella região rendessem agora beneficios consideraveis, parecia-lhe merecer a pena gastar alli algum dinheiro para reatar o trabalho abandonado por tantos annos.

Emquanto a mim, dizia-me que não esperaria o parecer de um perito, rogando-me fazer uma visita ao logar, effectuar uma investigação geral e communicar-lhe por telegrapho se achava valer a pena mandar um engenheiro e pessoal necessario para a exploração da veia da mina. O interior da mina tinha sido sondado pelos peões mexicanos, e a informação que o capitão Pascoe tinha agora datava de uns trinta annos atraz.

O CAMPO MINEIRO

AINDA que nunca tivesse estado em semelhantes regiões, conhecia o logar onde se encontrava a dita antiga mina mexicana. Achava-se encravada a umas

quatro milhas do antigo caminho que ia do rio Mercer a Culterville, ou seja a uma distancia de trinta kilometros da minha residencia em Hornitos.

Telegraphei, então, ao capitão Pascoe, dizendo-lhe que visitaria kilometros da minha residencia communicar-lhe-ia o resultado.

EM VIAGEM

O destino fez com que passasse por Hornito um rancheiro, coisa não muito frequente, de certo, e consegui delle levar-me em seu carro, deixando-me assim a 8 ou 10 kilometros da mina. As arvores, naquelles arredores descem pelos declives dos montes que formam, com pronunciadissimas ondulações, a grande Serra Nevada. Aqui e alli, descobrem-se alguns arbustos; geralmente a vista alcança uma grande distancia.

No fundo, encontram-se as immensas serras formadas por enormes penhascos escuros, cujo horizonte coberto de neve ou de nuvens dá-lhes um aspecto admiravel. Em frente, estende-se o fertil valle de São Jacintho, com suas vinhas, suas hortas e chacaras, emquanto o Monte Diabo, á distancia, é como uma sentinella arrogante de toda a paizagem.

O calor é insupportavel naquelles sitios abandonados, sem arvores, sem vegetação de especie alguma, sem nada mais do que uma especie de caminho selvagem, deserto e aspero. Segui-o numa grande distancia até chegar a uma choça mexicana onde residia um pastor com sua familia. Fiavam muito mal o inglez, mas o sufficiente para inteirar-me de que a antiga mina encontrava-se no cume de um pequeno cerro, admiravel pelo facto de só existir sobre elle uma velha arvore, e isto mesmo a uns tantos metros da dita mina.

SOBRE O TERRENO

ADVERTIU-ME o pastor de que eu ia encontrar um caminho longo e penoso, e aconselhava-me a que fôsse a cavallo. Para esse fim offereceu-me um [illegible] venda, porque, segundo dizia, encontraria eu nenhum mais na região assolada pelas seccas.

Assim o fiz, e, montando-o, cheguei finalmente á velha mina, duas horas antes do pôr do sol.

Atei o animal, e, depois de pendurar meu sacco e meu chapéo ao lado da arvore solitaria, entreguei-me á inspecção da mina.

No "dump", como chamam os mineiros ao logar onde se depositam os residuos, não tardei em descobrir alguns bons quartzos, ao que me pareceu, calculando que o valor da tonelada não devia ser menos de dez dollares, sempre que houvesse bastante quantidade delles. Para certificar-me, tinha de descer ao fundo da mina, cuja entrada estava tapada com algumas taboas já apodrecidas. Afastei-as com facilidade, tirando depois por meio de sondagens, varias pedras do fundo; e a julgar pelo som,

Calque o pé

COMMODAMENTE

EM SALTOS DE BORRACHA GOODYEAR

Os Saltos de Borracha Goodyear determinam a mais completa sensação de conforto no andar e melhoram a apparencia do calçado.

Use Saltos de Borracha Goodyear

SALTOS DE BORRACHA

A' venda nas seguintes casas: Augusto Seramota rua do Senado 27; Azamor Guimarães & Cia., rua do Ouvidor 55; Carlino & Lima, rua Sete de Setembro 45; Casa Amaral, rua dos Andradas 12; Casa Assembléa, rua da Assembléa 67; Casa Cadete, rua Gonçalves Dias 43; Casa Carneiro, rua 7 de Setembro 73; Francisco F. Ferreira, Carolina Meyer, 9; Casa Ouvidor, r. do Ouvidor, 171; Casa Ramos, Av. Passos 26; F. J. de Oliveira & C., rua dos Andradas 95; Francisco Tambasco, rua do Carmo 4; Guimarães Pinto & C., rua da Quitanda 34-36; J. F. Pereira, rua Senador Euzebio 107; Madeira Araujo & C., rua da Alfandega 202; Orlando Ribeiro & C., rua da Alfandega 190; Roberto Gonçalves & C., rua dos Andradas 25; Sapataria Bristol, rua São José 108-110, e Silva Braga, rua Senhor dos Passos 116.

calculei haver uns trinta metros de profundidade.

Levava commigo um martello de mineralogista, duas velas de sebo, meu cachimbo, fumo e phosphoros dentro de uma caixa resistente á agua e á humidade. Devido á completa escassez de madeiras naquella região, as empregadas na mina eram da peor qualidade, e com a acção do tempo, aquellas que não tinham cahido ao fundo não eram mais resistentes.

A DESCIDA

A escada de descida era das mais primitivas imaginadas. Suas tiras lateraes estavam cravadas na parede com pontas de madeira, e os degráos eram summamente fracos, com cerca de um metro de espaço entre um e outro. Como pesasse eu perto de cem kilos, olhava para a escada com certa desconfiança. Não obstante, não havia outro remedio, e comecei a minha descida tacteando cada degráo com o pé antes de confiar-lhe todo o volume de meu corpo, e agarrando-me aos barrotes lateraes o melhor possivel.

Havia descido já uns oito ou dez, quando o immediato foi abaixo, levando-me comsigo, até conseguir firmar-me num dos ultimos. Ahi permaneci alguns segundos; mas ao mover-me, e cedendo ao meu peso, partiu-se tambem, indo eu cahir em cheio dentro dagua. Tinha esta uns tres metros de profundidade, e depois de tocar com os pés no fundo, fiz um esforço para voltar á superficie, toda coberta de pedaços de madeira. Com algum trabalho consegui collocar transversalmente dois dos pedaços, servindo-me elles de assento para um descanso bem merecido. Tinha todo o corpo arranhado, dos pés á cabeça, mas um exame minucioso me certificou de que não havia osso algum partido.

UM ESPECTACULO EMOCIONANTE

NESSA occasião já a noite baixara e, por felicidade, não perdi nenhum dos objectos que levava commigo. Ao accender a vela e esquadrinhar debaixo do meu improvisado assento, deparei com uma scena aterradora. Parecia ali o campo escolhido por toda a classe de animaes desejosos de suicidarem-se! Havia umas dez cascaveis mortas, dois corvos e uma infinidade de outros passaros, todos no mais alto grá de decomposição, fluctuando sobre a agua immunda, entre pedaços de madeira. Felizmente, o máo cheiro não me affligia, devido a um golpe no nariz que me fez perder o sentido do olfacto.

No fundo de uma mina

(Conclusão)

Reunindo todos os pedaços perfeitos ainda de madeira, tantos quanto me foi possivel, comecei a construcção de uma escada atravez da mina, trabalho em que me occupei a noite inteira. Ao amanhecer, segundo pude observar por uma pequena luz que penetrava pela parte superior, minha obra de construcção proseguia triumphalmente, estando já a uns dez metros sobre a superficie da agua. Quando me acreditava mais seguro, veio abaixo todo o andaime, encontrando-me de novo nadando entre aquella collecção de animaes mortos. Isto me desalentou um pouco, mas, depois de fumar o cachimbo, iniciei outra vez minha tarefa de construir uma plataforma. Meus esforços não tiveram, no emtanto, o exito previsto, e novamente voltei a visitar rapidamente o jardim zoologico.

SEM ESPERANÇAS

TUDO em volta passava já de castanho escuro; aproximava-se a segunda noite de captiveiro e talvez transcorressem semanas sem que um ser vivente passasse por alli. Além disso atara fortemente o cavallo, de modo que não era provavel que fugisse com destino ao rancho mexicano, dando assim o alarma.

Sentia eu, além do cansaço natural, a angustia da fome e do somno, vendo-me obrigado a comer o resto da vela e beber agua daquelle nauseabundo poço. Depois, assentando-me sobre alguns pedaços de páo, dormi tão profundamente como nunca o fizera em toda a minha vida.

O AUXILIO

AO despertar, ouvi um som que vinha de cima. Era uma voz humana que exclamava:

— Olá! Ouves?

— Estou ouvindo! estou ouvindo! — respondi por minha vez com voz debil.

— Que diabo faz voce ahi?

— Cahi ao fundo da mina e não posso sahir!

— Que estupido! — foi a amavel exclamação de meu descobridor.

— Espere que vou em busca de soccorro.

— Vá, vá ! não tema que me escape!

Depois deste colloquio, e ainda em meio de minha afflicção, senti um grande allivio. Pareceu-me, no emtanto, uma eternidade o tempo decorrido até a chegada do meu salvador acompanhado de um peão mexicano e uma forte corda, com a qual me içaram depois de um laborioso trabalho.

Dias mais tarde, quando já de volta a Hormitos, e depois de ter-me curado das pisaduras, telegraphei ao capitão Pascoe, dizendo-lhe: "Corri toda a mina, chegando mais de uma vez até o fundo. Grande sensação..."

Sem esperar noticias addicionaes, o capitão comprou immediatamente a propriedade, e, quando o vi pessoalmente algum tempo depois, informou-me que estava satisfeitissimo com a compra...

— Mas que te aconteceu, Mabel? Por que tens uma cara tão aborrecida?

— Ah! Tu não sabes, Esther, a insolencia de certa gente. Imagina que minha modista teve a desfaçatez de escrever uma carta a meu marido dizendo-lhe que não me fará mais nem um só vestido emquanto não forem pagos aquelles que lhe devo.

Um reporter de certo importante diario norte-americano soube que acabava de produzir-se um choque de trens em determinada cidade proxima de Nova York.

Sem perda de tempo, alugou um automovel e, a setenta por hora, fez-se transportar ao logar da catastrophe.

O quadro era, na verdade desolador.

Os empregados da empresa se occupavam em tirar dos entulhos os feridos para que os medicos procedessem aos primeiros curativos.

Sentado sobre os restos de um dos vagões, um homem de meia idade contemplava indifferente aquellas scenas aterrorizadoras.

O nariz estava contundido, inchado um dos olhos e o braço direito cahia pesadamente, quebrado talvez. Aproximou-se o reporter de tão estranho personagem e, preparando o papel e lapis, perguntou:

— Cavalheiro, teria a amabilidade de dar-me alguns detalhes da catastrophe?

Voltou o outro a cabeça e, com a maior tranquillidade, respondeu:

— Engana-se, moço. Não houve aqui nenhuma catastrophe...

O interrogado era o director da companhia de estradas de ferro.

Uma opinião valiosa de Gracia Morena

A graça de minha cabelleira, independente dos meus cuidados pessoaes, devo-a, em grande parte, ao apurado gosto artistico dos coiffeurs da conceituada Casa Fadigas

Gracia Morena

Rio, Junho 1929

Interessante autographo de Gracia Morena, a nossa Estrella de Cinema — gentilmente cedido ao cabellereiro A. Fadigas, estabelecido á Rua Gonçalves Dias, 16 - 1.º andar

Vale a pena pensar:
"A mocidade é como o Lotus:
floresce apenas uma vez."

ANNO XXIII

FON-FON

NUMERO 24

SERGIO SILVA, Director.

Rio de Janeiro, 15 de Junho de 1929.

ILLUMINADOS E INCULTOS

ARCO vanguardeiro da liberdade nos movimentos civicos de que resultou a Abolição, e marco primeiro do nosso messianismo intellectual, na "expressionalização" de um espirito "nosso" e de uma lingua "nossa", e cuja melhor affirmação, em fórma e estylo, é, chronologicamente, o poema em prosa de "Iracema" — o Ceará foi desde logo cognominado a "terra da luz".

Não vivemos presentemente uma época de "illuminados". Os videntes andam em menor numero que os "doentes" — no caso, doentes da luz, *heliopathicos*. Por isso mesmo, a heliotherapia, succedaneizada por apparelhos modernos de Raios X, Ultra-violetas, etc., enche os cartazes clinicos e industrializa o antigo senso medico dos diagnosticadores...

Mas, si o nosso tempo é menos de "illuminados" que de "photogenicos", o anseio photoscopico das grandes almas ainda nos leva á eminencia dos mirantes do sonho e da belleza, em que os poetas provêem á "illuminação da vida".

Terra da luz — bello e justo titulo á gloria eviterna do Ceará.

Força integrante da predestinada região do nordeste, tambem o pequenino e grandioso Sergipe recebe directamente o baptismo do Sol e as benção de Deus. E teve, do consenso de todos um glorioso cognome — "terra da intelligencia". Todo sergipano, dizia-me, ha tempos, o illustre e bonissimo Rocha Pombo, é mais ou menos poeta, philosopho, ou revolucionario a seu modo.

Agora, entretanto, presente entre nós o chefe do governo do grande Estado pequenino, alguns descontentes frisam e teimam e espalham que o presidente é um homem *inculto*.

Inculto? Comprehende-se. O presidente Manoel Dantas não é um *doutor*. Doutor não era, igualmente, o governador Costa Rego. Ao contrario: jornalista, chronista, quasi alistavel na classe *inutil* dos poetas. E, não obstante, esse chronista *indoutorado* realizou em Alagôas a melhor, a mais efficiente, quiçá a unica *verdadeira administração* que o Estado tenha tido nestes ultimos vinte annos...

Do presidente de Sergipe, annuncia-se, ha mais de dois annos, que vem ao Rio fazer um emprestimo. E que tem feito então? Tem administrado e pago dividas dos antecessores. Só da divida fluctuante já resgatou cerca de 2.300 contos. E só no municipio da capital, já elevou a receita, de 600 contos, pauta em que a encontrou, a 1.200, computo orçamentario em que está firmada.

E num periodo de secca intensa, como a do anno passado, ampliou a riqueza agricola do Estado, modernizou todo o material escolar, completou o plano de rodoviação do Estado, apparelhou Aracajú de viação electrica e de illuminação modernissima, tem feito tudo isso, e o que não fez até agora foi o tal emprestimo.

E perguntam-me si esse homem é intelligente!

Hom'essa...

HERMES FONTES

DA LIBERDADE

(Por Sylvia Moncorvo)

REVIVESCENCIA da alegria. Emoção que se deslumbra da sua propria vertigem. Afago ineffavel de todos os acasos felizes.

A liberdade é a propria historia da alma dos povos, escripta a sangue e a dôr nos codigos do universo.

Nas revoluções, a musica de guerra são phrases que se divinizam á epopeia de liberdade. A vida humana é um anseio perenne de Liberdade.

Toda a grandeza da terra esplende em triumpho, em sonho, em realização, pela ansia divina de ser livre. Tudo gravita para a Liberdade.

E os males que a Liberdade estimula e propaga.

Os males se radicam á propria essencia da vida.

No ergastulo, nas celas escuras, nos desvãos temerosos é que os males proliferam vastamente.

A Liberdade é a esphynge dramatica do mundo inteiro.

A sua legenda todos os corações sabem de cór. E' a legenda luminosa, suave, cheia de dôr e de encanto. Recordação magnifica ou dilaceramento tormentoso, a Liberdade é o veio e a força de todos os destinos.

Intentando processos de rebeldia ou rogando aos milagres da Fé, temos sempre corações afflictos transpondo sentimentos — furores e doçuras — em busca des-

sa figura subjectiva que é o esplendor dos tempos e das civilizações.

Liberdade synthetiza humanidade.

As figuras legendarias que passaram á historia viveram para a Liberdade em todas as formulas de sacrificio.

E nas festas delirantes que se fazem em honra dos posteros, commemora-se tambem sobre todos os feitos gloriosos a victoria da figura subjectiva e dramatica que se eterniza além dos homens. Os heroes compassivos soffrem pela Liberdade todos os transes da agonia.

Mendigos de ideal. Infelizes de intelligencia. Esses mesmos abandonados da sorte são apostolos da Liberdade.

Liberdade... Flôr mysteriosa do Bem. Alma de todas as almas. Riqueza dos pobres thesouros. Tu representas a fantasia azul do coração humano. Tu symbolizas a grande borboleta dourada da chimera, a esvoaçar em torno dos mais desgraçados, dos mais desprezados.

Liberdade que se prodigaliza em sonhos de luz.

Liberdade, fructo que o sol protege com os seus raios.

Liberdade raio-milagroso.

Ah! Ser livre, é a maior graça que se alcança de Deus.

E a Liberdade, eterno symbolo que Madame Roland eternizou, cantará, ainda que tarde, a sua canção redemptora para alegrar todas as almas.

UMA noite de arte e elegancia foi a ultima festa do Club dos Bandeirantes, realizada sabbado. Olegario Mariano, o poeta que tanto admiramos, fez uma palestra literaria, dando inicio á parte artistica da reunião. Depois, outras figuras de prestigio em nossos circulos intellectuaes provocaram, tocando ou cantando, os applausos da assistencia. Houve, tambem, danças, como nota final dessa festa de tão grandes attractivos.

O Praia Club, que nos tem dado, este anno, uma rutilante temporada de festas, offereceu, domingo passado, um «aperitivo-dançante» á sociedade de Copacabana, que brilhou galantemente nos salões do palacio da Avenida Atlantica.

JUNHO

Junho, o mez das noites frias, o alegre mez das fogueiras em volta das quaes os nossos antepassados festejavam ruidosamente os milagreiros Santo Antonio, São João e São Pedro, é, agora, um mez igual aos outros.

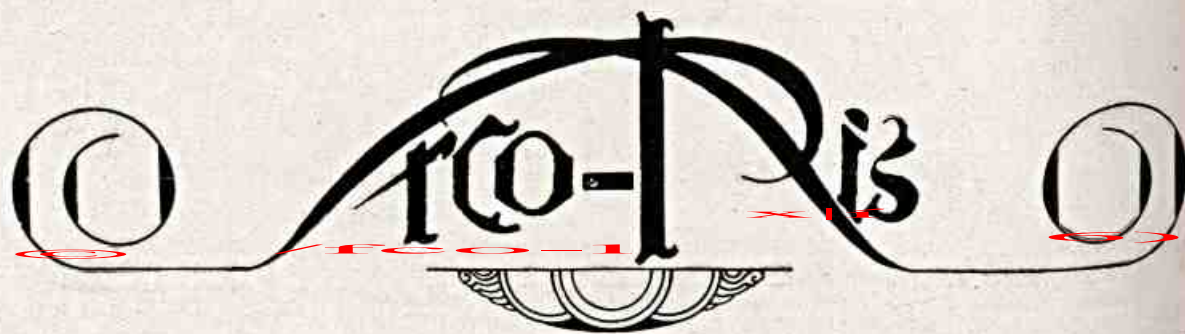
Morreu a tradição tão cara aos nossos avós, acabou-se a doce poesia da vida, e o mundo tornou-se árido, pois que a civilização hodierna é feita de gestos deselegantes, avidez, atrevimento, brutalidade.

A cidade dominou os campos, o arranha-céo destruiu os solares onde a saudade era flôr cultivada com carinho, a hypocrisia venceu a sinceridade, não mais é possivel sonhar...

Vivemos a éra do automovel, do cinema, de tudo quanto é doido, rapido, vertiginoso.

Junho, agora, é um mez igual aos outros.

E' com tristeza que nos apercebemos de que o Brasil é um paiz destinado a não ter tradições, dentro em pouco, si o Norte brasileiro não levantar barreiras solidas ao cosmopolitismo invasor do Sul.

Nos salões do Praia Club, durante o «aperitivo-dançante» de domingo passado.

BEIJO MADURO

Arvore que não dá nem frutos pêccos,
nem, siquer, chora prantos de resina,
eu sou, e pende-me, entre talos seccos,
na imminencia
de cahir sobre a suave deliquescencia
da romã dessa bocca feminina,
um beijo, gôtta d'alma, aereo bago
dúlcido... amaridúlcido... amargoso,
o qual, estando em mim, que em mim o trago,
é menos meu que teu — falso antegozo,
felicidade, desespero ansioso
de duas boccas tremulas, razão
de toda essa impaciencia irrazoavel
com que transformo um sonho, realizavel,
numa utopia sem realização.

Arvore? não. Sou como aquella fonte.
E' um olho d'agua... Olhos que valem labios
cheios da luz miracular da vida,
com uma palavra nova, incomprehendida
de apostolos e sabios...
Eu sou aquella fonte:
viveu chorando, chora ainda, e tanto,
que já talvez por falta de quem conte
tantas lagrimas, guarda a ultima, no canto
dos olhos... e essa, a ultima, a lembrança
da primeira... essa lagrima retida
nas palpebras da fonte, em vão tremúla:
está ali — cáe-não-cáe, cança-não-cança,
beijo esquecido, meia-morte, vida
quasi nulla...
No entanto, a fonte morta ainda arrúla
nessa lagrima em flôr, na gota aerea
desse caduco bago immarcessivel
— vago esplendor da esplendida miseria
de um amor impossivel...

Tenho-o a pender dos labios... Quer te vás,
quer te approximes, esse beijo fica,
velho suspiro que se liquefaz,
ou lagrima que se solidifica.
Esse fruto de magico embriaguez,
enche-me a bocca, enche-me o pensamento...:

Tu, que o semeaste para meu tormento,
colhe-o depressa, leva-o, de uma vez...!

E vanidade...

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Não se pode impedir que uma mulher bonita (bonita ou feia?) nos pergunte as coisas mais absurdas deste mundo. Absurdas, mas, quasi sempre interessantes: "Qual será o ultimo homem a mentir? E a ultima mulher a fingir? De que mais gosta o sr.: de um homem sincero ou de uma mulher mentirosa? Gosta de beijos? Que pensa delles?"

Ahi está uma torrente de coisas de quem não tem o que fazer — mas que não deixam de ter uma graça: a graça de quem não tem que pensar...

* * *

Aliás, estou convencido de que, si a autora dessas perguntas, que se assigna, poeticamente, Roxane — não é velha nem feia, fatalmente deve ser bonita...

Psiu! E' como quem diz: gracinha, encanto, frivolidade alegre e espevitada... Bonequinha de porcelana e de rendas... Flôr de estufa... Etc. e tal.

* * *

Mas voltemos ao caso das interrogações, á curiosidade de Roxane, que não deve ser a de Rostand...

Rostand. Falar em Rostand é recordar o famoso verso:

Le baiser c'est le point rose du i du verbe t'aimer...

E já que falei em beijo, começarei respondendo á curiosa Roxane, justamente pela sua pergunta: "Gosta de beijos? Que pensa delles?"

* * *

Que penso delles? Poderia dizer como o escriptor italiano: "os beijos são a stenographia do amor..." Realmente. Os beijos, na sua musica stenographica, dizem mais do coração do que todos os tratados de psychologia sentimental. Cada beijo é um mundo de emoções que a alma sente (ou não as sente?) sem que a linguagem falada explique com clareza e propriedade.

Mas eu não gosto de repetir as definições alheias. Assim, direi que o beijo é a musica dos instinctos — quando se trata de beijos apaixonados; mas, quando se trata de uma pura e simples amizade. Mas é um instrumento que só póde ser tocado a duas boccas, como certos motivos só podem ser tocados no piano a duas mãos...

Mlle. Carmen Baptista Bittencourt, uma galante figurinha da sociedade carioca.

(Photo Annunciato.)

* * *

Gosto delles? pergunta a minha missivista.

Gostar ou não gostar — eis a questão.

Um escriptor francez disse uma vez que certos beijos valiam pelas mais lindas phrases. Eu inverterei a ordem do conceito: ha palavras que valem pelos mais vivos beijos.

Sim, ás vezes, um "sim" imprevisto vale por todos os beijos que se possam dar ou receber.

Porque, na verdade, não é o beijo que apaga um desejo, fazendo a felicidade de um minuto, é a certeza que se tem de que esse beijo é dado com toda a alma, com toda a febre, com todo o amor. E' o beijo que, antes de se objectivar, antes de vibrar á flôr da bocca, já nos invadiu a alma, com a musica desta palavra amavel e consoladora: "sim!"

Sim! Este adverbio não terá, por si mesmo, a fórma pequenina de um beijo?

E' verdade que, ás vezes, um "não" nos labios de uma mulher significa "sim". Mas quem beija — e quem é beijado — sabe quando um "não" quer dizer "sim" e um "sim" quer dizer "não!"

E. agora, Mlle. Roxane, queira perdoar si lhe não respondo o resto com mais vagar.

Qual o ultimo homem a nascer?

— E' aquelle que vier após a ultima filha de Eva — si não ha erro de biologia, no caso. Qual a ultima mulher a fingir? — Aquella que não nascer...

* * *

OS HOMENS... AS MULHERES — *Nihil novi sub sole...*

— Ainda cita Salomão, neste seculo, Mlle. X...?

— Ora essa, doutor. Não ha nada novo sobre a terra. E' a maior verdade que se pode enunciar.

Estavamos no cinema. Havia chegado o intervallo, entre o fim de uma fita e o começo de outra.

Sentada a meu lado, eu podia sentir o perfume de sandalo que vinha dos seus cabellos, confun-

— Fallo das coisas subjectivas.

— Dê um exemplo, doutor.

— Um exemplo?

— Sim. Um exemplo que esclareça a sua these.

— Ha tantos!...

— Pois dê um só.

— O amor.

Riu-se. Cahiu a penumbra na sala de projecções. E ambos ficámos a sussurrar, um ao lado do outro. Mlle X... motejou:

— Ora o amor!

— O amor, digo bem. O amor é das coisas imponderaveis a unica que tem um grande poder renovador.

— Como assim?

— Elle torna novo aquillo que envelhece com os seculos.

— Dê outro exemplo.

— O beijo.

— Ah, eu logo vi. Era até ahi que desejava chegar, não é?

os labios num beijo faminto de amor. A legenda era a seguinte: "Aquelle beijo era uma sensação nova para a sua vida"!...

— Reparou naquella scena. Elles, os artistas, illustram na tela as palavras que lhe acabo de dizer.

Na meia sombra do cinema senti a respiração de Mlle. alterar-se, mais forte. Tomei-lhe a mão enluvada. A sua mãozita tremia.

— Então, que diz? Não é verdade que o beijo, scentelha de amor, renova as coisas velhas?

— Não é tanto assim...

— Espirito de contradicção. O beijo, pelo menos, nos dá sempre uma sensação de novidade. E' o milagre do amor fazendo das coisas seculares uma coisa nova e surprehendente.

— Bonito.

dido com o do seu pó de arroz de alto preço. Ella repetiu:

— Não ha nada novo sobre a face da terra.

— Mas ha muita coisa velha com a força das renovações.

— A propria vida.

SOBRE as linhas da elegancia, as pelliças de luxo...

* * *

Na fita, dois artistas que se encontravam numa estrada deserta, após uma longa fuga de automovel, estreitavam-se e se esmagavam

— Não faça ironia, Mlle. Exponho uma idéa velha sobre coisa nova.

— Mas o beijo só é novo para quem nunca o recebeu.

— Cada um tem a sua maneira de beijar.

— Sussurradamente, em surdina?

— Não sei. Ahi está uma coisa que não se explica bem senão *in loco*.

— Não comprehendo...

Tomei-a de assalto. E o meu beijo fechou os seus labios, esmagando-os. Fez-se luz no salão. Ella retocou o *rouge*, e sorriu:

— Então?

— O sr. foi ousado. Não faça outra, ouviu?

— Diga-me: achou muito velha a sensação desse... isto é, dessa minha ousadia?

— Nova, absolutamente nova.

O film havia terminado. Sahimos do cinema.

CHARLA — De Yves — Uma dama das minhas relações, solteirona que vae passando dos trinta para a casa dos *enta* (quarenta) espanta-se de vêr como é que ella, sendo bonita e intelligente, ainda não casou. E pede-me conselhos, argumentando que prestarei um grande beneficio á *classe* numerosa.

Diz ella: "Si é permittido a um individuo qualquer inventar a sua formula para conservação da pelle e entregal-a ao publico, sob a allegação de que vae concorrer para o embellezamento das mulheres, por que não pode o senhor, como homem experiente que é, fornecer-nos uma receita para combater os effeitos do solteiranismo?

O senhor, sr. Y..., faria um beneficio espantoso á classe numerosa das "vieilles filles", que vão perdendo a doce esperança de casar."

E estimula-me:

"Vamos! Escreva um decalogo, onde synthetize as suas idéas, a base para o combate a esse mal que tanto amargura a existencia das solteironas."

Ora, muito bem.

Essa dama quer assim dar-me uma grande importancia que não tenho. Que posso eu fazer em pro-

A terceira dirá que é difficil a arte de sorrir...

* * *

veito da nobre *classe?* Acaso a minha palavra terá o valor de um dogma? Em que poderá consistir o remedio ou a conjuração para essa *jettatura?* (Aconselho a todos que se benzam.)

Não! Não! traçarei o decalogo. Não me permitto esse direito de thaumaturgo, uma vez que sou um homem cheio de imperfeições, e ando a lutar com a *guigne!* (Outro benzimento, meus senhores!)

Em todo caso, vou consubstanciar, aqui, a minha doutrina, em fórma de *itens*, o que é menos dogmatico e menos pretencioso.

Penso que o melhor meio de conjurar o mal é observar estes principios facillimos.

I — A mulher deve ser accessivel, nada de pedante, nem muito offerecida, nem muito intromettida.

II — Deve ser bonita, semi-intelligente e cheia das *notas* etc. e tal carinhos. No maximo, deve ter vinte e dois annos.

III — Não deve ser literata nem poetisa, e muito menos sabichona.

IV — E' expressamente prohibido desejar "prince charmant" e dizer: "Eu, uma "jeune fille" educada no Sion"...

V — Deve dançar muito, e não fazer restricções. A dança é um

meio facil de arranjar casamento. Mas quando a dama *faz chiqué*, geralmente é deixada á margem, "fazendo renda" ou "pegando na creança".

VI — Deve sahir só, quasi sempre. No maximo, pode levar uma amiguinha "camarada".

VII — A moça que não quizer ficar solteirona deve exhimir-se de reclamar cinema, theatro, chás, automovel e presentes de anniversario e de Natal. Tem direito á passagem de bonde, de omnibus, de trem, de barcas, a circo de cavallinhos e a festas a convite.

VIII — Não deve fazer questão de homem pobre, nem rico, nem feio, nem bonito, nem gordo, nem magro, nem intelligente, nem obtuso. Exceptuam-se: os desclassificados.

que começasse por esse *introito* embalador dos contos infantis: Era uma vez...

Mas logo a seguir parei a pensar no que havia de escrever...

Ha tanta coisa que pode ser contada com este inicio de contos de Perrault: "era uma vez"...

Emfim, como já cheguei até aqui, não quero deixar de contar alguma coisa, mesmo que não seja verdadeira.

Era uma vez uma creaturinha linda, de alma de porcelana, como as bonecas de bazar. E' verdade que as bonecas de bazar são inteiramente vazias. Mas como estamos tratando de coisas que não existem, não faz mal que a alma dessa minha heroina seja de porcelana.

Ella não tinha coração. Ou por outra, tinha-o. Tinha-o, mas não

Elle, ingenuo que era, acredi[tava] em tudo que a minha heroina [lhe] dizia.

O tempo tornou a passar. E ella, a pequena loura como Julieta [de] Romeu e voluvel como Manon L[es]caut, nunca mais lhe deu um [...] de sua graça.

O rapaz, porém, nunca perd[eu] a esperança de apanhal-a. E dizi[a]: "Ah, si eu a pego, cravo-lhe n[as] costas um punhal, como quem fisga com um alfinete de uma borboleta dissecada"... esperou. E ella — nada.

Uma tarde (essas coisas se d[ão] sempre á tarde) o moço ia pa[s]sando pela Avenida Atlantic[a] quando a tal criatura loura lhe deparou, com uma criança qu[e] era linda como um anjo e loura tão loura, tão parecida com a

---

VERSOS QUE O VENTO LEVA

— Temos feito do amor o encanto e a suavidade
de nossa vida inteira, e até agora não
houve um malentendido entre nós, a intenção
menor, de afastamento um do outro — é o que é verdade.

Vive meu coração dentro em teu coração,
e a tua mocidade em minha mocidade;
nossa felicidade é uma felicidade
toda feita de amor, ventura e adoração.

Mas, si um dia tua alma esquecer-me? Si um dia,
cada um por seu caminho, o coração sangrando
rebentar de saudade e atroz melancolia?

— Eu seguirei soffrendo e seguirei te amando.
Esquecer-te? Talvez... Por certo isso algum dia.
Um dia hei de esquecer-te, o que não sei é quando!

ESDRAS-FARIAS.

R A I N H A

Não te incommodes que te chame assim
de rainha. Eu não faço phrase á tôa.
Tu és mesmo rainha porque és bôa,
e a mais linda rainha para mim.

Não tens castello algum, não se apregôa
que estás num thrôno de oiro ou de marfim.
Mas reinas nos rosaes do teu jardim,
e a tua cabelleira é uma corôa.

Tu mandas no teu gato e no teu cão,
no teu loiro canário tagarella,
nos teus vestidos e no teu piano.

Eu quizera tambem o doce engano
de ser, em meio á tua gloria, ó bella,
teu valete, teu rei ou teu bufão.

CARLOS PAURILIO.

IX — Deve ouvir apenas uma voz e um conselho: o do coração. Aos vinte e dois annos, tudo que cair na rêde é peixe — guardadas as excepções do *item* precedente.

X — Ser sincera, não fingir um amôr que não sente e não apresentar o seu predilecto a outra amiga mais joven e em superioridade de condições.

A joven que seguir essa doutrina, ou mandamentos, ficará livre, creio eu, de rolar no abysmo do solteiranismo. (Em linguagem erudita — celibato.)

GRAND-GUIGNOL — Era uma vez... Era uma vez, o que? Peguei da penna com a intenção de escrever qualquer coisa

fazia uso delle, quando amava. De modo que a criaturinha loura como Julieta de Romeu e voluvel como Manon Lescaut, não se apiedava do padecimento daquelle rapaz moreno que era louco por ella.

Um dia, porém, fôsse por que fôsse, ella jurou ao moço apaixonado que o seu coração — o delle, vejam bem! — seria della.

— Será quando? — indagou elle.

— Será, não, já é.

— Já é meu, o teu coração, criatura loura e voluvel?

— Juro que é.

O tempo foi passando. Ella simulou uma viagem. Iria para a Europa. Faria isto e aquillo, escreveria cartas de amôr ao rapaz. Etc., etc.

moça que só podia ser sua filh[a] [...]

A dama teve um susto tr[e]mendo, ao reconhecer o antigo na[]morado. Os senhores podem im[a]ginar o tamanho do susto.

— Othelo! — exclamou.

Elle ainda chegou a procura[r] o punhal na cava do collete. M[as] a creancinha atirou os bracit[os] para elle, e balbuciou na sua [lin]gua de bébé: "Papae!"

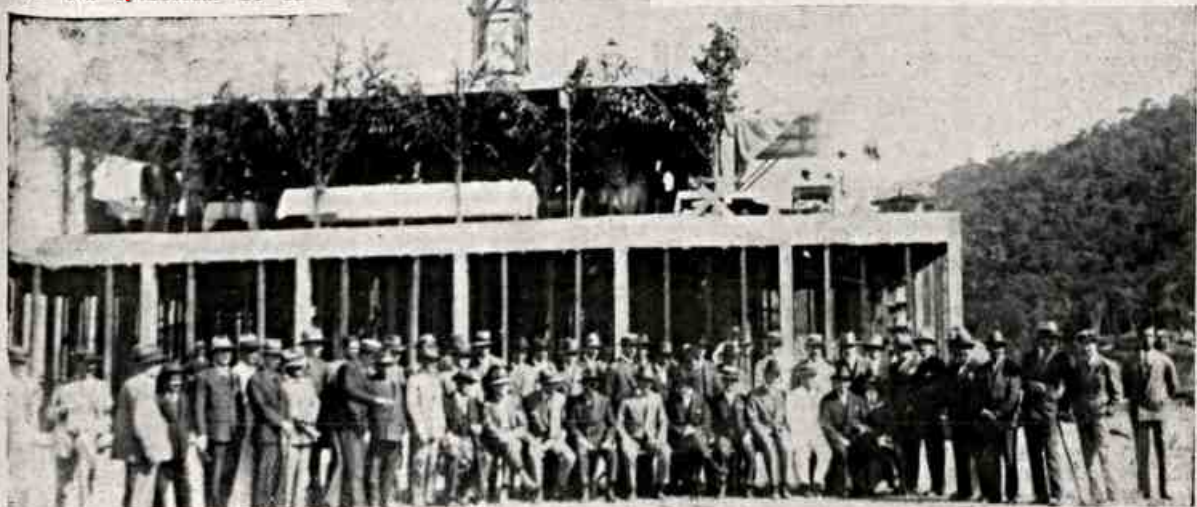
...E o pobre moço, que ia m[a]tar a heroina deste conto, de[s]atou a chorar...

Os senhores estão pensando q[ue] esse episodio não é verdadeiro? Pois estão enganados. E' authen[]tico. E eu bem conheço os h[e]róes desse pequeno romance d[a] vida real...

A commissão executiva do Monumento Rodoviario proporcionou a 6 do corrente, quinta-feira penultima, uma attrahente excursão aos congressistas e representantes da imprensa que attenderam ao convite amavel da directoria do Touring Club do Brasil, e foram, de automovel, visitar as obras do referido Monumento, lá no alto do Varandim, onde almoçaram e tiveram um dia alegre de sol e de festa.

SYMBOLO

Esta pequena cobra de prata, com a sua chata cabecinha rajada de verde, que se enrosca voluptuosa e dolorosamente no meu fragil pulso de mulher, é bem um symbolo... Se eu

por um momento a tirar do seu amplexo barbaro, verás, fortemente gravada, a sua perfida passagem na minha carne matte. Ella me maltrata, ella me martyriza, ella me atormenta desde que a ponho, até mesmo depois, muito depois, de a tirar... Mas, eu ainda gosto della... cada vez mais ... talvez...

:: Lanternas de Papel ::

OS SETE DEGRA'US DO TEMPLO

OS SETE PLANETAS

Para os antigos, sete planetas somente compunham o nosso systema sob a regencia do Sol, bemfeitor e moderador, soberano e guia, cuja luz immensa se espalha na amplidão infinita. O primeiro era o triste e fatal Saturno que inclina para o chão a cabeça dos homens como a velhice que elle symboliza. O segundo, Jupiter, dominador, propicio e generoso. O terceiro, Marte, côr de sangue, ameaçando a humanidade com os furores das carnificinas. O quarto, Venus, presidindo á belleza e governando o amor. O quinto, Mercurio, influenciando as astucias e a avidez do ganho. O sexto, a Lua, que augmenta as marés e as manchas das pantheras e as pupillas dos tigres, enchendo de effluvios mysteriosos a quietude das noites. Emfim, o setimo, a terra, immovel e cheia de soffrimento, em torno da qual todos os outros astros gyram...

E os sete planetas inclinavam o homem a sete especies de destinos.

AS SETE CÔRES

A luz solar, batendo nas facetas dos prismas ou rompendo os vapores de agua em suspensão na atmosphera, decompõe-se em sete côres: rôxo, vermelho, alaranjado, amarello, verde, ultramar e indigo. E' um circulo, como tudo na vida. A união do indigo e do vermelho dá o rôxo pelo qual iniciámos a ennumeração. A mesma coisa seria exacta no alaranjado e no verde. E nenhuma côr a visão humana póde perceber nem a sua intelligencia inventar além dessas.

Com ellas os homens reproduzem as feições de todas as coisas nas telas, genialmente as applicando com a palhêta e o pincel. E a gloria corôa todo aquelle que sabe ser um magico artista com as côres que lhe dá o espectro do sol...

AS SETE NOTAS

Pythagoras falou da harmonia das espheras e Scipião ouvia-as em sonho, segundo a palavra de Cicero. Era formada por intervallos iguaes e calculados em justas proporções, resultando do proprio impulso e movimento dos planetas, cujos sons agudos, temperados por outros graves, produziam regularmente accórdes variados. Porque, diz elle e parece que tem razão, tão grandes movimentos não se podem effectuar em silencio. E as espheras que elle ouvio davam sete notas distinctas, porque o numero sete é o nó de todas as coisas: qui numerus rerum omnium fere nodus est.

Os que sabem imitar com a propria voz, com o sôpro nos instrumentos ou com as cordas, da harpa e dos violinos as sete notas tocadas pelo eterno gyrar dos planetas na amplidão, esses se elevam da vida mortal aos conhecimentos divinos e até a consumação dos seculos encherão de emoções varias a alma da humanidade.

OS SETE METAES

Eram sete os metaes que os velhos alchimistas catalogavam: oiro, prata, e s t a n h o, *cobre, chumbo, mercurio e enxôfre. Desdobravam-se uns nos outros, segundo os dictames hermeticos da Grande Obra e, assim, se subia a escala, indo do enxôfre ao oiro, e encontrando a Pedra Philosophal, da qual tudo dependia: a transmutação dos metaes, a felicidade e a fortuna, a eterna mocidade. E essa Pedra foi o sonho inalcançado de gerações e gerações de homens.*

Segundo Platão, Deus fizera as almas, tirando-as dos sete metaes e entre ellas, havia, pois, sete differenças. Com effeito, quem conhece os homens sabe que entre elles existem almas de oiro e de prata, porém em maior porção almas de cobre, de estanho, de chumbo, de mercurio e de enxôfre...

OS SETE PERFUMES

Sete odores preciosos e propiciatorios queimavam-se outróra ante o altar dos grandes idolos dos olhos de carbunculos e de esmeraldas: myrto branco do Egypto, láudano rosa da Syria, styrax de Serendib, olibano, de Babylonia, aloé da India, coriandro lunar da Ethiopia e incenso macho da Bactriana.

Suas fumaças olentes espiralavam no ambito grandioso dos vastos templos hypostilicos, ennevoando os intercolumnios e esgarçando-se de encontro aos longos entablamentos carregados de baixos relevos votivos e rituaes. Longos seculos passaram e somente o incenso continúa dos sete a ser usados. Os outros morreram, mas ainda deante da mulher que se ama o coração os queima um a um, symbolicamente, como nos templos das idades mortas...

OS SETE VESTIDOS

Diz um velho poeta oriental que, para encontrar-se com Salomão, a rainha do Sabá vestio sete vestidos, ritualmente. O primeiro era de setim ultramar semeado de perolas e de cornalinas. O segundo de damasco indigo e as palavras não lhe podem pintar a belleza. O terceiro, de velludo rôxo com pedrarias faiscantes. O quarto, de sêda vermelha lantejoulado de rubis. O quinto, de gaze alaranjada coberto de bordados e de rendas. O sexto, de finissima teia amarella com estrophios de oiro massiço. E o setimo, de véos verdes como as aguas do mar.

Vede nesses sete vestidos a symbolica dos sete planetas, as sete côres de luz solar, as sete notas de musica, os sete metaes da Alchimia e os sete perfumes do Templo. E senti que a mulher que ama se orna com todas as grandezas do mundo para agradar ao seu bem amado... E que no Amor o mundo cabe.

NOTAS MEDICAS

O dr. Moura Brasil do Amaral, neto do grande e saudoso mestre dr. Moura Brasil, e joven oculista patricio, acaba de inaugurar a sua clinica nesta capital, installando o seu consultorio á rua Uurguayana, onde, segunda-feira á tarde, por occasião da solenne abertura do mesmo, offereceu uma taça de «champagne» aos seus collegas, aos jornalistas e ás familias presentes.

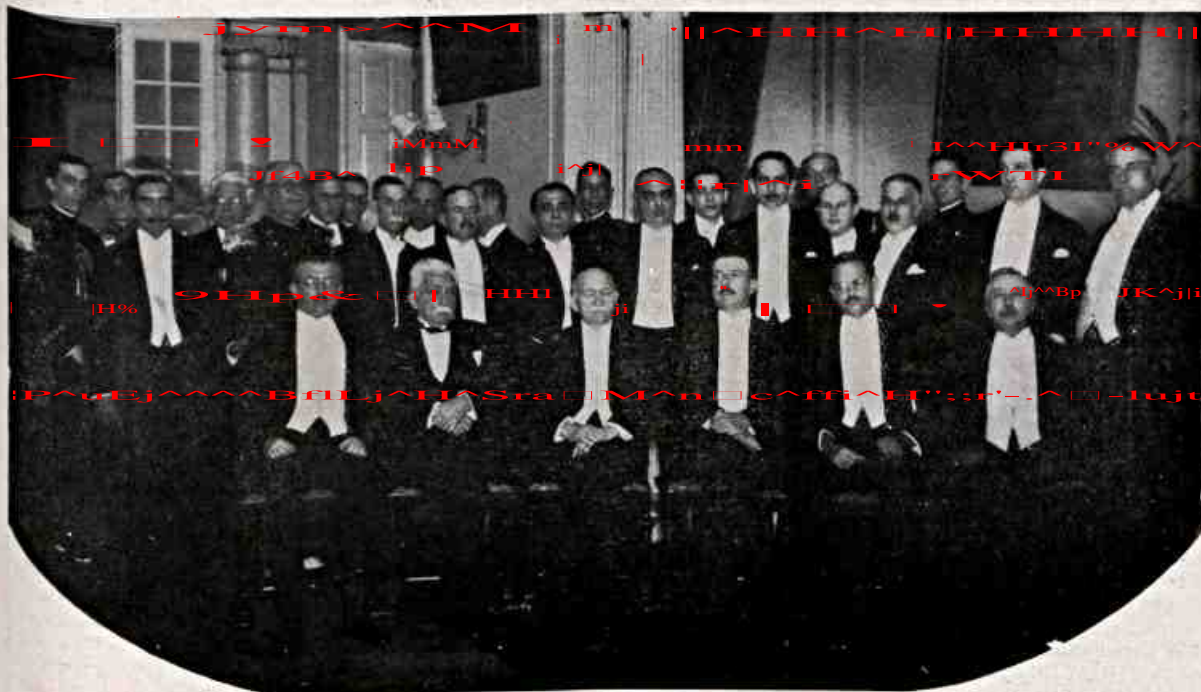
* * *

O arcebispo de São Paulo, d. Duarte Leopoldo, entre as autoridades e pessoas gradas que foram cumprimental-o por motivo do jubileu daquelle principe da Egreja.

AS SETE MARAVILHAS

Lembrando os astros que os illuminam e guiam, as côres que lhes deleitam a vista, as notas que lhes embevecem as almas, os metaes que lhes avivam a ambição, os perfumes que lhes enlanguescem o olfacto e os encantos que lhes offerecem as mulheres, os homens erguêram com suas proprias mãos á face da antiga terra sete maravilhas de bronze e de pedra: as pyramides do Egypto e o tumulo de Mausolo, o colosso de Rhodes e o templo de Diana em Epheso, a estatua de Jupiter Olympico, os Jardins Suspensos de Babel e o pharol de Alexandria.

E não sei por que esquecêram de pôr entre as sete aquella que, embora sem ser de marmore, granito, oiro ou bronze, é a unica, a verdadeira, a eterna, a incomparavel maravilha: o Amor.

CLAUDIO FRANÇA

PHOTOGRAPHIA tomada no palacio dos Campos Elyseos durante a recepção que o presidente Julio Prestes offereceu ao ministro da Agricultura, dr. Lyra Castro. Além do presidente de S. Paulo e do homenageado, apparecem ahi figuras de destaque na administração paulista e na politica nacional e o dr. Mattos Peixoto, presidente do Ceará, que acaba de visitar o grande Estado do sul.

O alvo calix do lyrio do valle freme ao sopro da brisa, borboleta immacula presa á terra e ansiando, talvez, pelo esplendor do azul. Em torno, toda uma ondulação de verdes, na baixada salpicada por milhares desses tremulos pontos brancos. Longe, as montanhas escuras engastadas na madreperola do firmamento, e por sobre tudo, a irradiação triumphante, a impalpavel filigrana d'oiro de um sol de estio.

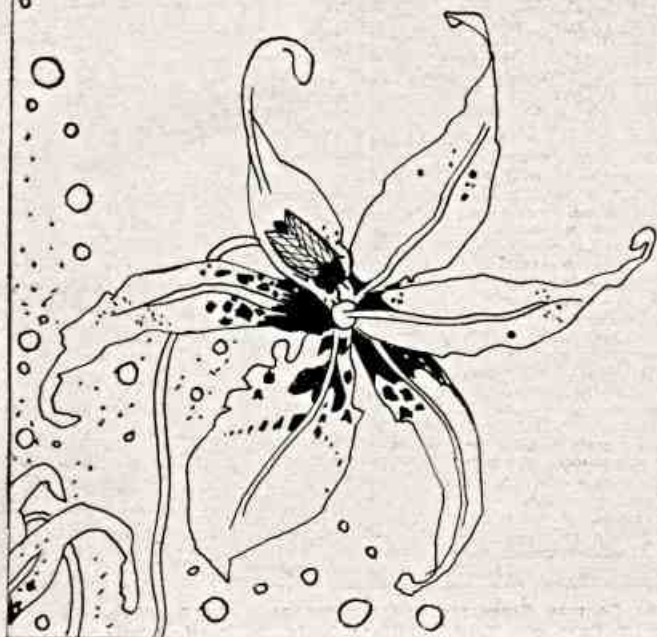
No ar leve e transparente, canta o zum-zum de uma abelha. Baila, hesita, ora sobe, ora desce, nas espiraes luminosas do espaço, até que, fechando as azas, mergulha no nevado seio da flor palpitante.

Uma alma de philosopho ou de poeta — que, aliás, philosophia é a poesia que parte em busca do desconhecido — uma alma de solitario sonhador que por ali passava, quedou pensativa, a contemplar o insecto e a flor:

— Lirios... borboletas captivas... Borboletas... flores que vôam... Por que, sendo tão semelhantes, têm umas toda a amplidão do azul e outras os curtos balanços de um galho? Em cada lirio que pende, machucado, fenecido, ha todo o triste abandono, todo o desalento de um sonho não realizado... Ambição morta, saudosa ambição de se elevar nas azas da amplidão, de voar, de voar tonta de espaço e de luz, de amar pelas manhãs claras e lindas... — Sonho, ambição, amor... E em cada degrau da sombria escada que o passado desce a se afastar de nós, quanta desillusão terrivel, quanta guerra cruel, quanto odio, quantas acções degradantes em nome desses tres sentimentos que se dizem bons e bellos! Feliz abelha que a elles renuncia na sua vida de infatigavel labor, na pratica da amizade forte e leal que une a colmeia...

Trabalho... não será a felicidade, mas é a absorpção das faculdades, a distracção segura, a paz. Amizade... não terá o delirio de gozo do amor, mas é profundo e sereno o elo que prende dois corações isentos de desejos, de ciumes, de rancores, affeição baseada na estima, gosto mutuo nascido de mutua comprehensão, querer de anjo, affecto que brota ás vezes num coração de virgem... Entre o homem e a mulher tão raramente elle desabrocha... Cedo o cresta a eterna maldição dos sentidos..."

De novo o zum-zum do trabalho e da alegria, e a abelha rutilante de aloirado pollen ergue-se na brisa, parte em linha recta e firme, e se dilue ao longe, no sonho azul e oiro do espaço infinito...

Feliz abelha!...

PAINEL DE AZULEJOS

PHILOSOPHIA SERTANEJA

O meu amigo Jurema, um sertanejo cearense tostado pela soalheira de muitas séccas, o rosto avergoado de rugas pelo tempo e pelas privações, uma vez me disse na alpendrada da fazenda onde passei os melhores dias de meninice:

— Moço, a gente que tem dinheiro é de duas qualidades.

— Como assim?

— Já lhe explico. Para uns, o dinheiro é cavallo. Para outros, o dinheiro é sella...

Já vistes maior philosophia do que a contida em tão poucas palavras? Meditae no que disse o rude filho do sertão cearense e vereis que é uma definição de mestre da vida. E elle o era pela sua longa e dura experiencia da miseria.

Com effeito, para alguns o dinheiro é cavallo: o meio de locomoção, o passeio, o luxo, a felicidade, o gôzo e mesmo o prazer de ajudar, de emprestar, que tudo isso o animal, ahi verdadeiramente symbolico, representa na áspera vida do interior. Para outros, o dinheiro é sella. Elles o levam ás costas, preso com cilhas e peitoraes e rabichos, embora lhes maltrate a espinha e o trazeiro. E' um peso que carregam e que não lhes traz a menor vantagem, nem a outros, porque não deixam ninguem montar.

Quantos millionarios não conheces tu, leitor, tão bem como eu, que passam a vida sellados com o seu dinheiro?...

Si o meu amigo Jurema soubesse lêr...

A ANECDOTA REAL

Quando Henrique IV entrou em Paris depois de sua conversão ao catholicismo, o povo fez-lhe uma ruidosissima recepção. No meio daquella acclamação enthusiastica, o soberano disse, sorrindo, ao condestavel L'Estoile, que estava ao seu lado:

— Si fôsse o meu peor inimigo que passasse neste momento, este povo lhe faria uma ovação igual...

O rei mostrava assim como conhecia a fundo a alma voluvel, apaixonada, credula e inconsciente das multidões de toda a parte e em todos os tempos.

O ROMANCE DA HORA PRESENTE

BENJAMIM Costallat é um escriptor que não precisa de elogios. Seu nome tem o prestigio de um nome feito nas letras nacionaes. Dahi o interesse que sempre desperta, entre todos aquelles que gostam de ler, o apparecimento de um livro desse romancista irreverente, que o Brasil tanto admira e acata. Interesse que refleote bem a sympathia efpontanea que cerca a sua figura mental. «Gurya» é o novo romance de Benjamim Costallat e é o romance brasileiro da hora presente. Livro de pensamento e de arte, movimentado e doloroso, elle não vem revelar um talento já revelado em obras anteriores, em obras de observação percuciente e de idéas que chamariamos de atrevidas, si não fossem amargamente humanas. «Gurya» vem, apenas, reaffirmar um valor tantas vezes discutido mas nunca negado. Um valor que se destaca em nosso estagnado ambiente literario pelo seu dynamismo vertiginoso e pelo successo magnífico, insuperável, inalcançado mesmo, de suas obras de ficção. Porque Benjamim Costallat é um escriptor de personalidade e imaginação fecunda, que conseguiu sempre, desde que eurgiu, o que muitos inutilmente desejam: vender seus livros. Esta é, sem duvida, a gloria maior, a gloria mais fulgurante e mais ansiada dos que ererevem. Esta impressionante «Gurya», que elle acaba de nos dar, e em cujas paginas palpita a vida inútil de uma bonequinha frivola destes dias alarmantes do nosso século, assignala um acontecimento literário de grande repercussão, porque se trata de um livro de Benjamim Costallat — o romancista notável, o chronista scintillante, o bizarro commentador da nossa vida pittoresca.

(Photo Nicolas.)

E' PENA!...

Perguntaram um dia a Isabel Carlota, princeza palatina, por que nunca se olhava nos espelhos do palacio. E ella respondeu com a maior simplicidade:

— Tenho demasiado amor proprio para me vêr feia como sou.

E' pena que esse amôr proprio não medre no coração dumas tantas peças de artilharia pesada que rodam diariamente pela Avenida. Porque, a cada passo, as taes Maritornes se miram e remiram, empoando-se e enrubecendo-se, nos espelhinhos das suas bolsas de mão!...

E' pena!

CALAMIDADE!

O outro dia, um de meus amigos, em quem nunca suspeitei a menor velleidade literaria, mostrou-me, em segredo, alguns sonetos. Leu-m'os com emphase, pedio a minha opinião e terminou dizendo-me:

— Sabes? Isto é o que ha de mais intimo. Jamais os publicarei.

Com os meus botões, pensei como Saint Beuve: a gente diz sempre isso quando escreve e acaba imprimindo...

São, portanto, um nove poeta e um novo livre para breve...

D. Jayme.

TREPAÇÕES

A primeira vez que a viu, foi num cinema, e quando o joven advogado se achava em companhia de sua senhora. Houve uma insistente troca de olhares, e o facto não teria maior importancia, si um acaso feliz não os tivesse novamente reunido no mesmo cinema, desta vez, porém, quando elle se achara sem a esposa...

Foi relativamente facil uma aproximação que ambos desejavam.

Ella fez nascer na vida do advogado uma alegria nova, mas, elle teve de reter os passos em meio do caminho porque a trefega criatura lhe fez sentir que não era presa ao alcance das mãos de aventureiros dos amores banaes...

O "flirt" continua, com grande encanto e enthusiasmo. E, pelo que ouvimos, o advogado enche de esperanças o coração da encantadora criatura, animando-a com a possibilidade de uma vida futura plena de felicidades, — isto deante da lei do divorcio, que será realidade breve, entre nós.

Ella, apezar do seu grande affecto pelo advogado, conserva-o discretamente á distancia, esperando pelo divorcio...

Ah! si a esposa do advogado adivinhasse a triste sorte que a espera!

A situação era de aperto. Queremos dizer: os dois namorados haviam feito as pazes. Havia muito tempo que se não viam. Porque, si elle é caprichoso, ella, loura pequena de olhos côr de cinza, sabe ser ainda mais pirracenta. Afinal, uma amiguinha commum do casal, isto é, do par de namorados, resolveu tramar a reconciliação entre elles. E agora, eil-os novamente como dois pombinhos, no portão.

Sim, porque elles, apezar de "chics", ainda são do tempo de namoro em portão.

Feitas as pazes, elle foi visital-a. As saudades eram grandes, de parte a parte. De modo que não tiveram duvida: ao se reverem, tão alegres ficaram, que ambos se beijaram ali mesmo, doidamente, num desvario de quem não tem medo da pretoria.

O diabo é que o pae della tudo presenciou. E como é homem de galão, não esteve para conversas: vae obrigal-o a casar.

Que bom para elles!

MADAME teve necessidade de ir á Camara em busca de uma carta de recommendação para um emprego qualquer.

Aperturas da vida obrigam-na a ganhar dinheiro, e, para realizar esta coisa trivialissima, pensou em arranjar uma profissão honesta.

Madame procurou um velho deputado, e este, solicito, se dispoz a escrever uma carta para um ministro amigo, um "pistolão" que era tiro e quéda.

Porém, devia voltar no dia seguinte, pois o illustre pae da Patria desejava escrever a carta em casa, com todo o socego, que era muito melhor...

Quando *madame* voltou ao dia seguinte, a carta ainda não estava escripta.

Desculpas muitas, a[...] fazeres politicos, co[...] rencias, uma trapalhad[...] isto e mais aquillo, tu[...] teve de ouvir *madam*[...] com a evangelica pacie[...] cia de quem necessi[...] favores de um "pistolão[...] para cavar um empre[...] publico.

Para encurtar a hi[...] toria, o deputado allega[...] que a sessão estava te[...] minada e que ia sahir[...]

Que *madame* poder[...] acompanhal-o, que e[...] uma grande honra pa[...] elle, que ia escrever [...] carta não sabemos onde[...]

Sahiram ambos e su[...] ram para um taxi.

Em meio do caminho[...] *madame* sentiu-se vexad[...] deante da attitude u[...] tanto imprudente do com[...] panheiro, que a convid[...] para uma excursão [...] longo das nossas praias[...]

Que remedio, si *mad*[...] *me* tinha a promessa d[...] "pistolão" tiro e quéda[...]

O *taxi* deu voltas, v[...] tou ao centro da cidad[...] e a carta ficou para o[...] tro dia.

Quando *madame*, e[...] casa, scismava na s[...] triste sorte, appareceu-l[...] um mensageiro com u[...] envelope acompanha[...] de um minusculo paço[...]

Que seria?! O "Pi[...] lão"?!...

Qual!... Era uma d[...] zia de palavras melosas[...] uma pequena lembran[...] — um relogio pulsei[...] joia de relativo valor.

Madame rasgou a car[...] e, como tinha necessid[...] de de dinheiro, levou [...] joia a uma *casa de pre*[...] arranjando trezentos n[...] réis para as despesas [...] mez...

Depois, a historia a[...] bou.

Nem *madame* voltou [...] presença do deputad[...] nem este lobrigou vêr [...] olhos pretos que tanto [...] impressionaram...

E confessou-nos a bel[...] criatura que não dese[...] mais negocios com [...] lhos.

Ella vae tentar a p[...] tecção de um deputa[...] moço, menos atrevido[...]

NOTAS DE ARTE

Maria Francelina de Barreto Falcão é uma jovem pintora brasileira, cujos quadros, mais de uma vez, têm figurado, com successo, em nossas exposições officiaes, revelando uma artista de sensibilidade delicada. «Sorriso» é o titulo do trabalho que a photographia acima reproduz e que é um estudo dessa artista de traço pessoal e technica segura, como se póde verificar pelas linhas anatomicas e a expressão da sua obra.

O sr. presidente da Republica, dr. Washington Luis, ladeado pelas altas autoridades civis e militares, junto ao monumento de Barroso, assiste á parada com que a Marinha de Guerra solennizou, terça-feira pela manhã, o anniversario da batalha naval de Riachuelo

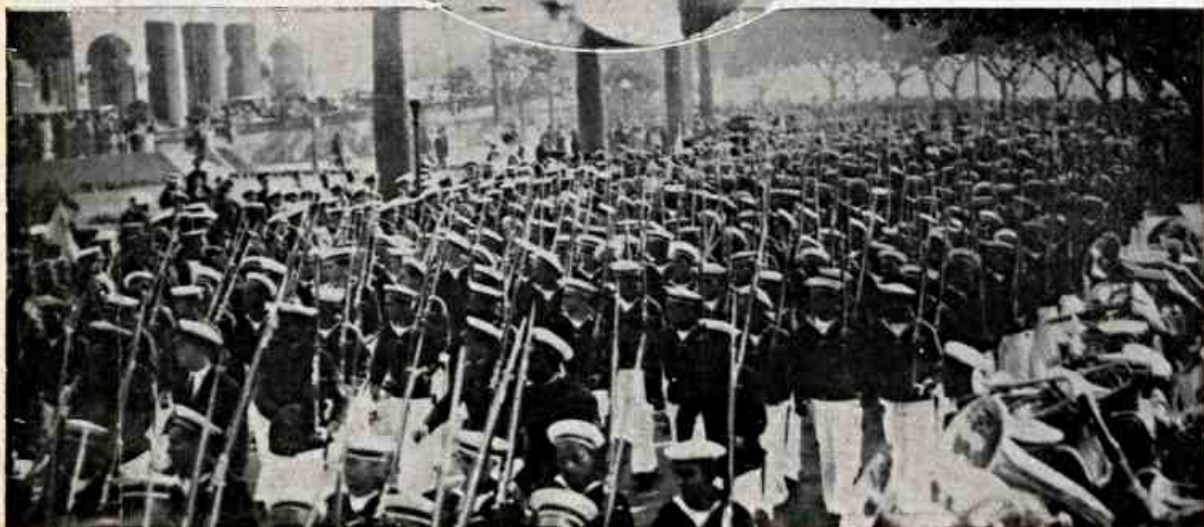
ONZE DE JUNHO E A PARADA DE TERÇA-FEIRA

A data gloriosa da Marinha — aquella que relembra o grande feito naval de Riachuelo — teve, este anno, as commemorações de praxe. Entre essas commemorações, teve especial realce a parada militar realizada junto ao monumento do almirante Barroso, que se ergue, como um symbolo do heroismo dos nossos marinheiros, alli na praia do Russell. Sob o sol de ouro da manhã radiosa, a mocidade militar do Brasil desfilou, garbosamente, em continência á estatua do grande heroe de Riachuelo e ao chefe da Nação, dr. Washington Luis, e demais altas autoridades da Republica alli presentes. No alto, os aviões da Armada, em lindas evoluções, em vôos de fantasia, na luz clara que banhava a Guanabara; em baixo, a multidão que se enfileirava ao longo da Avenida Beira Mar e o apparato das forças de mar. Tudo isso tinha uma alta significação, como attestado vivo e eloquente do nosso patriotismo e da soberania nacional.

Aspectos do desfile das forças de mar e terra que tomaram parte na formatura de 11 de junho, na praia do Russell.

RR

AS PENNAS DE PAVÃO DA BURRICE

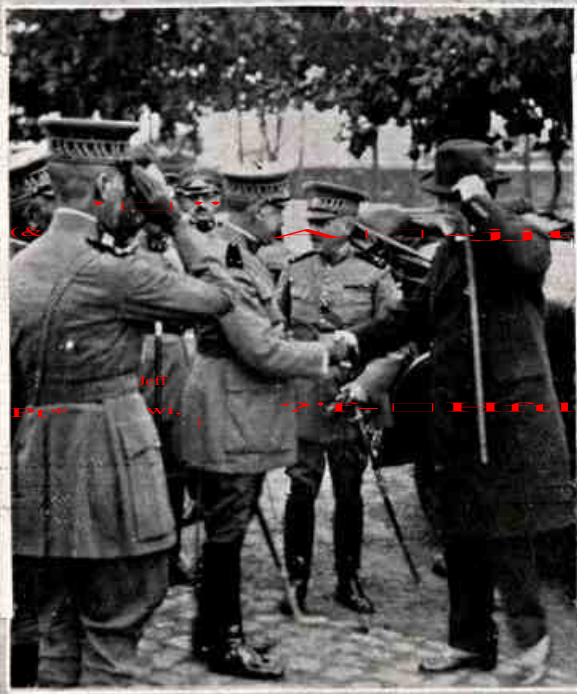
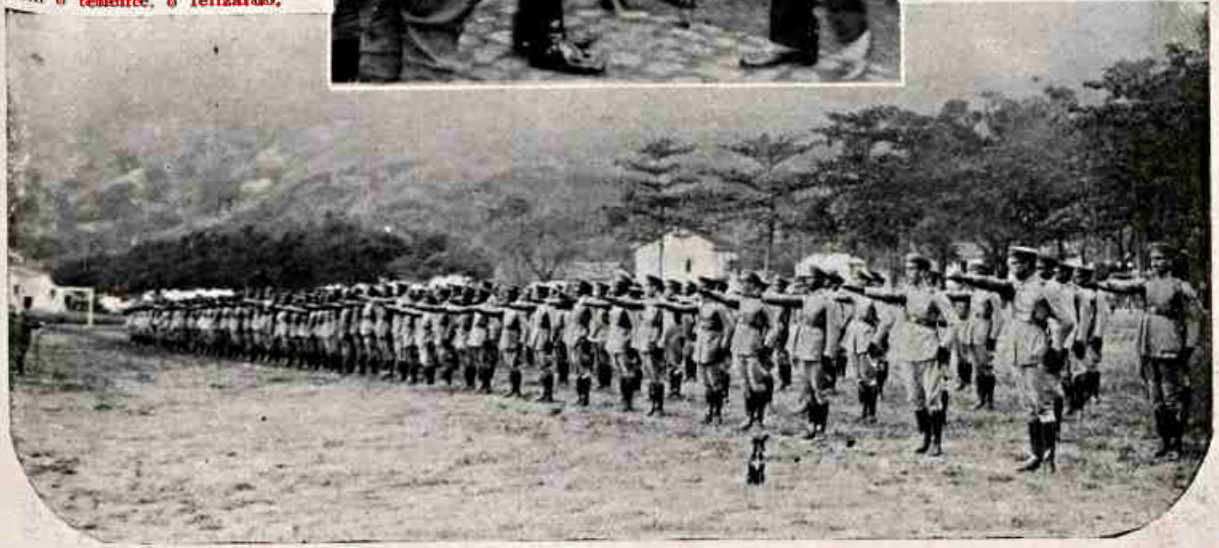
E' a intelligencia quem vence e quem governa o mundo». Que importa as apparencias apontem os êxitos dos ignorantes e incultos? Não serão elles os que prevalecerão. O futuro elevará os outros e lhes atirará sobre os nomes sem brilho uma piedosa pá de cal! A humanidade — affirma Anatole France — cêdo ou tarde realiza os sonhos dos poetas e dos sábios. E só os homens de espirito, disse Duclos, governam os espiritos. A direcção da sociedade é obra da intelligencia. A burrice engalana-se com simples pennas de pavão...

FESTINA LENTE

O tenente da Armada Nacional brincava de bem-querer com a linda senhorinha. Porém elle, como ella, julgava ser aquillo realmente e simplesmente um brinquedo. Um dia se arrufam, capricham, rompem.

De quando em quando, a imagem da encantadora fluminense passa pela mente do nobre gaucho, e este a espanca dos seus pensares. De longe em longe a figura mascula do official vem á retina da senhorinha, e esta espanta a apparição, procurando afastal-a tambem do pensamento.

Neste interim se apresenta jovem medico, candidatando-se ao coraçãozinho daquella joia. A familia fará gosto, mas a interessante criaturinha, sem saber por que, não pode gostar do esculapio!

O outro dia, numa festa de club, encontra-se ella com o tenente, o felizardo, e dançam e brincam e impressionam-se profundamente: só agora comprehende elle a razão pela qual lhe apparecia em mente a imagem da senhorinha; só agora sabe ella o motivo por que não havia geito de se afeiçoar ao joven medico!

São coisas que acontecem! E o que advirá dahi? Calma, amiguinhos! *Festina lente!*

NA fortaleza de S. João realizou-se, ha dias, a cerimonia do juramento á bandeira pelos conscriptos pertencentes aos grupos de artilharia de costa. O sr. presidente da Republica, dr. Washington Luis, acompanhado dos officiaes de sua casa militar, esteve presente a essa patriotica solennidade, de que offerecemos alguns detalhes photographicos nesta pagina.

Bazar de Bonecas

Feira de Vaidade e de Elegancia

BALCÃO FLORIDO

A tonalidade cinza da tarde, que desce, e se concentra, como em prece, no grande recolhimento das sombras crepusculares, enche minha alma de mysterio e de infinito. E mysteriosa e infinita é tambem a nevoa de tristeza que meus olhos trahem, na inquietação de sua retina, distendida, ansiosa, para a benção da tarde que desce, cheia de céo, cheia de Deus.

Recolho-me e concentro-me, tambem, á aproximação dessa hora "inhumana", de que falava Thomaz Hardy. E calo-me, para escutar, no mais profundo de meu coração, *la petite voix silencieuse du crepuscule qui baisse* — "the still small voice", de Wordsworth — ou a voz de Deus, a voz infinita e mysteriosa das coisas que palpitam, em redor de mim, num rythmo lento e arfante de azas cansadas de voar.

Velada de sombra e de mysterio, a alma, parece, sente, mais intensa e mais profundamente, a sua ansia de belleza, na fascinação e no encanto desse ambiente de luz diffusa, indecisa, de lusco-fusco, que o *abat-jour* do infinito espalha na terra, fazendo-a reflectir-se no coração da gente.

E' uma luz doce, esbatida, de fundo de quadro, a que, neste momento, se derrama sobre as coisas, sobre a natureza, sobre a alma, sobre os corações.

Por que esta influencia da luz crepuscular sobre o espirito humano?

Abro as paginas de um livro de Ruskin e leio: "Por mais bellas que sejam as luzes dos primeiros planos — a que tremúla na herva orvalhada, a que se irradia e refulge de uma cascata, a que prateia o tronco de uma arvore, ou mesmo as puras côres mais sombrias ao sol (e ha alegria em tudo isso), ha uma luz que o olho busca sempre com um desejo mais profundo de belleza: a do dia que baixa ou se ergue, que morre ou que nasce — o vermelho dos frócos de nuvens que ardem como signaes nocturnos no verde do céo no horizonte. Inspira um desejo mais profundo de belleza porque contem maior intensidade de aspiração e de esperanças espirituaes, e participa menos da vida animal e presente.

Esses effeitos de distancia, calma e luminosa, não são realmente os mais singulares e bellos que conhecemos?"

E' que essa luz — a do crepusculo que baixa, ou a da aurora rubra que desponta, *derrière une mer obscure sur la trouble ligne liquide d'horizon* — é a luz que mais desperta e acorda dentro de nós a revelação do infinito e do divino.

Pela manhã ou á noite, essa luz do céo é como uma palpitação mysteriosa de Deus, a illuminar e abrir as almas para a suprema revelação do divino nas coisas, na natureza, na gente...

Recolho-me, e cada vez mais me concentro, e encho de silencio e de mysterio a amphora que encerra a essencia mesma de meu sêr.

O crepusculo desce, lento e lento, como uma ave que a vertigem do céo fizesse baixar, inquieta e insegura, sobre a terra. E do mais profundo das coisas, chega até mim a vozinha silenciosa — *the still small voice* — que só quem sabe calar pode escutar no intimo de seu coração.

E eu a escuto e a ouço, tomado de recolhimento, a buscar, ao longe, esbatida na linha curva do horizonte de meu coração, o sentido vago, impreciso, deste anseio que me impelle para alguem, para outra alma, aquella que, certo, será a alma da minha alma, a sua essencia e a sua razão de ser...

Mas, *la petite voix silencieuse* consola-me, como uma benção de mãe, a dizer-me, querida, que, através de ti, é que eu terei, um dia, toda a revelação de Deus e do seu amor, porque tu és a aurora rubra e illuminada de meu coração e o suave e doce crepusculo de minha alma...

As senhoritas Yole Venosa, Suzanne Vuillequez, Durvalina Schultz, Irene Venosa e Emy S. Peixoto (da esquerda para a direita), alumnas da professora senhorita Maria José de Aquino (ao centro), por occasião da recente audição no Conservatorio Dramatico de São Paulo.

BONECA NA AVENIDA

Como uma revoada alácre, zig-zagueante e festiva de passaros tontos de sol, que descessem sobre os passeios da Avenida para a delicia de uma ronda de azas inquietas, na terra firme, as mais lindas bonecas do "set" carioca encheram de deslumbramento e de graça, durante a semana ultima, a grande artéria central da cidade — a alameda do "outro mundo" onde ellas ostentam a sua belleza e os seus encantos.

Aqui e ali um par de namorados, *bras dessous, bras dessus*, turturinava umas coisas

que a gente não ouvia mas adivinhava. Porque essas "coisas" todos nós, moços e velhos, um dia, ao menos, na vida, já as repetimos, com a mesma voz melosa e tremula de caricias e os mesmos olhos encendidos na chamma ardente com que os illumina a divina loucura do amor.

Um par que passava, porém, chamou-me a attenção. Iam, de certo, elle e ella, arrufados. Boneca, com o seu narizinho arrebitado, falava e gesticulava, nervosa, e *diablement saccadée*. Polichinello, a seu lado, abria os braços, desconsolado, como quem já não sabe o que fazer para ser comprehendido.

— Desculpas! Pretextos que você está arranjando para ver se me *tapeia*! Não, meu caro, não vou mais nisso. Procure outra, porque eu não gosto de amor a prestações. E você, em materia de amor, mercadeja seu coração, aqui e ali, como o homem das prestações os artigos que vende! — dizia boneca, fóra de si.

— Escuta, minha filha, tu estás enganada, dominada por um injusto despeito...

— Eu, despeitada! Ah! Ah! Ah! Ih! Ih! Ih! Uh! Uh! Uh! E, com uma gargalhada, forçada, articulada em todos os tons vocaes, graves, agudos, etc., Boneca, apertando com a sua mãozinha, ferozmente crispada, o braço de Polichinello, disse-lhe, dura e cruelmente:

— Eu, despeitada por causa daquelle "espantalho" por quem tu andas embeiçado? Coitadinho! Vae para ella e deixa-me em paz, porque realmente vocês foram talhados um para o outro... Adeus e muitas felicidades...

E separou-se bruscamente, emquanto Polichinello, desconsolado e afflicto, corria-lhe no encalço, a dizer-lhe:

— Filhinha, ouve, escuta! Tu não me comprehendeste... Eu, trocar uma bonequinha como tu por aquella bruxa?! Estás louca!...

Ella estacou, prestes. Deram-se o braço novamente e seguiram...

SEARA ALHEIA

JUANA DE IBARBOUROU.

Yo digo — pinos! — y siento
que se me aclara el alma.
Yo digo — pinos! — y en mis oidos
rumorea la selva.
Yo digo — pinos! — y por mis labios pasa
la frescura de las fuentes salvajes.

Pinos, pinos, pinos! Y con los ojos cerrados
veo la hilacha verde de los ramajes profundos,
que recortan el sol en obleas desiguales
y lo arrojan, como puñados de lentejuelas,
a los caminos que bordean.

Yo digo — pinos! — y me veo morena,
quinceabrileña,
bajo uno que era amplio como una casa,
donde una tarde alguien puso en mi boca,
como un fruto extraordinario,
el primer beso amoroso.
Y todo mi cuerpo anémico tiembla,
recordando su antiguo perfume a hierbabuena!

Y me duermo con los ojos llenos de lágrimas,
así como los pinos se duermen con las ramas
llenas de rocío.

ESTRELLAS CADENTES

Ainda hontem eu me sentia confortado ao calor da minha esperança, da unica esperança que minha alma e meu coração acalentavam — a doce e consoladora esperança de, um dia, talvez bem proximo, realizar o sonho de felicidade e de amor que me inspiraste.

Não quizeste, porém, que assim fosse e, brusca, inesperadamente, te revelaste o que realmente eras — mulher... como as outras, e, como as outras, falsa, volúvel, incapaz de alimentar dentro de ti o fogo sagrado de um intenso, profundo e sincero amor, amor

A TEMPORADA LYRICA.

Mlle. Madeleine Grey, notavel cantora franceza, que este anno prestigiará, com sua voz e seu nome, a temporada lyrica do nosso Municipal.

fort comme la mort, grande na serenidade de seus momentos de alegria e, maior ainda, se possivel, na sua dôr, nos seus instantes de soffrimento.

Uma a uma, as illusões que fizeste rebentar em minha alma, coroando-a e florindo-a com essa nova e exuberante primavera de sonhos que desabrochou em meu coração, se vêm desfazendo, numa agonia lenta, cruel e intensamente dolorosa para mim.

E eu confiei em ti, porque te julgava tão differente do commum das mulheres. Eras um ser á parte a quem, na minha idolatria, eu rendia o culto de uma adoração cheia de mysticismo e de fé, de exaltação pagã e de pureza religiosa.

Hoje, porém, que fazer? Que sentido e que rumo dar a uma vida, que vivia de ti, que em ti encontrara a sua expressão e a sua finalidade, a sua razão de ser e a sua essencia?

Na inquietação que me domina e me arrasta, tacteante, pela noite de meu soffrimento, em vão busco vislumbrar deante de mim um ponto luminoso, o aceno bom e amigo de uma nova estrella cadente a indicar-me um porto de salvamento.

Sem amor, sem fé, sem esperança; amargurado de constante pela decepção da miragem, ora desfeita, do meu pobre e louco sonho de felicidade, sinto-me tão só, tão triste e tão pequenino, em meio ao abandono em que me deixaste, que forças sequer já não encontro, dentro de mim, para uma nova e torturante peregrinação da Illusão.

Em vão appello para a minha ansia de sonho, para a minha resistencia ao soffrimento.

Sueña... sueña... sueña, espiritu mio,
porque si no sueñas morirás de hastio!

Qué importa que nadie tu ansiedad comprenda?
Hazte un mundo aparte, vive tu leyenda!

Como viver, porém, a minha "legenda" de dôr e de soffrimento, sem a consolação do teu amor e o suave conforto da minha fé em ti?...

HYMNO

E's tudo para mim.

Eu nunca mais posso esquecer-te, nunca!

Tu és o veio d'agua que estanca a minha sêde cruel.

Tu és a fruta doce e sazonada que mata a minha fome de ventura.

Tu és a fonte de todos os prazeres, de todas as volupias, de todos os sonhos bons, de todas as fagueiras promessas...

E's a brisa que passa indifferente pelo rosal em flor do meu amor, mas que o acaricia e envenena com o veneno doce da tua alma.

E's o Sol que tudo aclara e vivifica.

E's a Lua que esparge a saudade e a esperança.

E's, para o entardecer da minha mocidade, o crepusculo divino dos meus sonhos...

E's o meu divino sonho vivo, a minha propria Ventura humanizada, o meu infallivel Prompto Allivio!

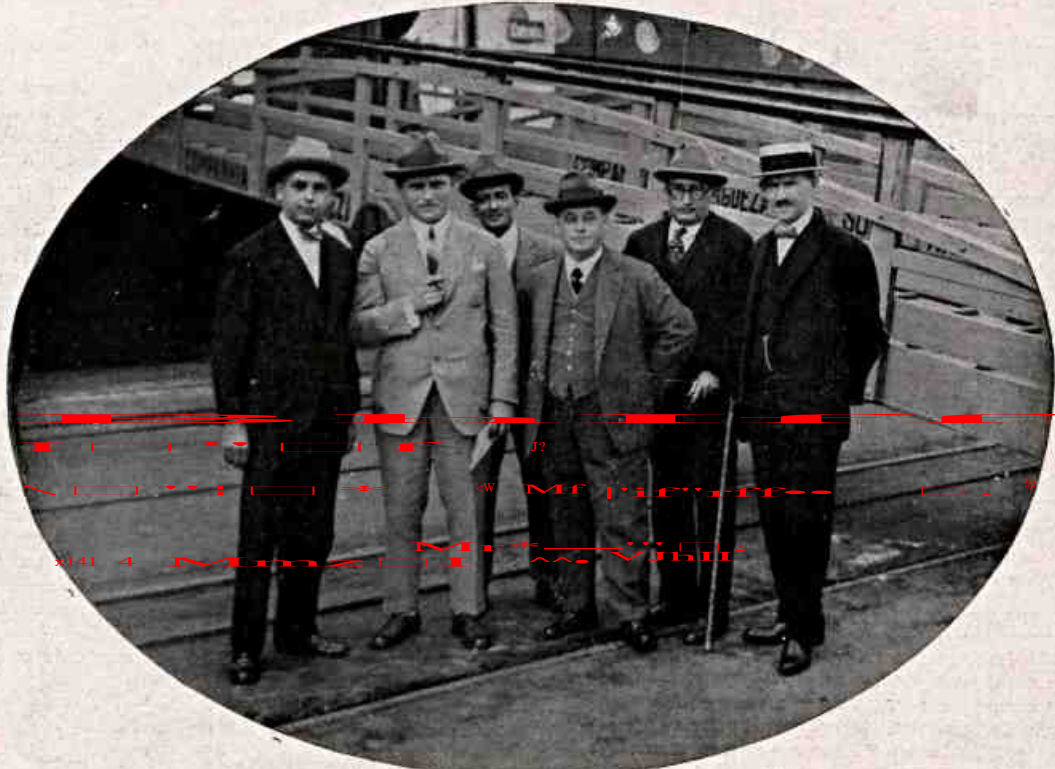
Não fazes mais do que subir na escala infinita do meu Sonho!

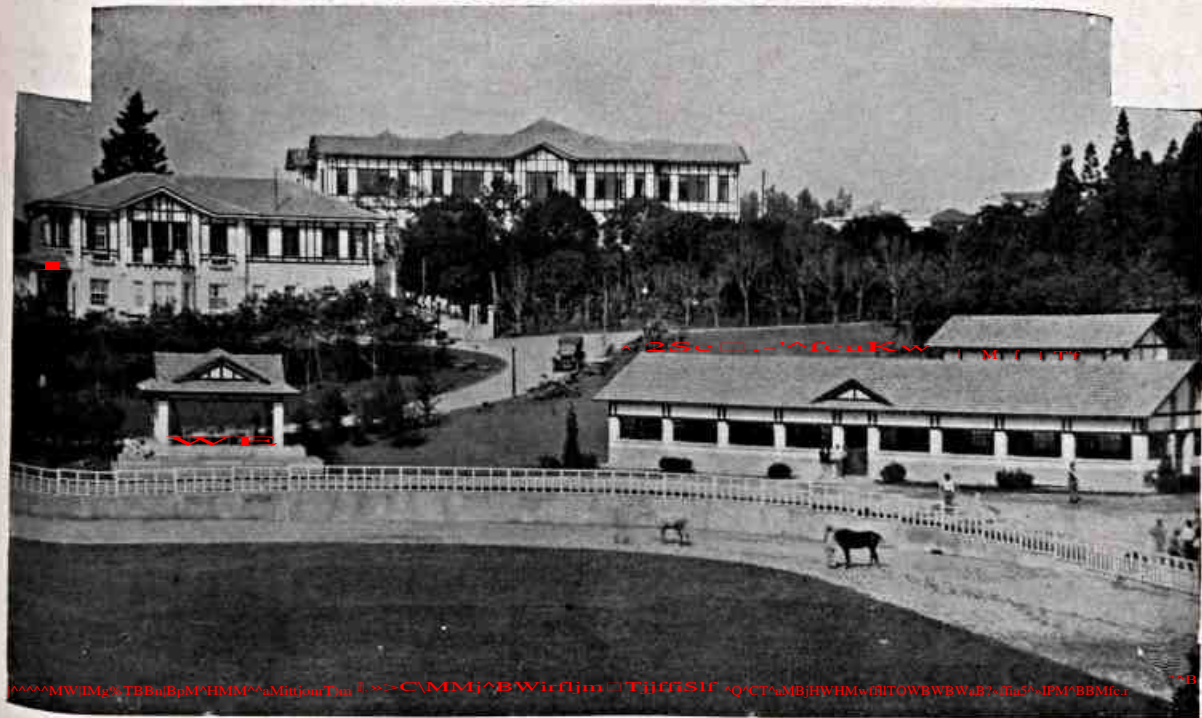
Entretanto, as tentações se succedem ininterruptamente.

Vão surgindo e vão se apagando tambem ao sopro indomito da minha vontade. Nada temas! Tu és e serás sempre o unico!

■ ■ ■

A ARTE PHOTOGRAPHICA E UM «STUDIO» DE LUXO

ANNUNCIATO de Souza é um artista de nome já firmado nos nossos «studios» photographicos. Na sua arte, que elle cultiva com enthusiasmo e carinho, excelle a sua technica admiravel, a par do mais fino e apurado bom gosto. Seus retratos, as photographias que elle apanha com a objectiva de sua machina, revelam a alma do delicado artista que elle é, tão justamente conhecido e apreciado em nosso meio elegante. Installando, ha poucos dias, em luxuoso salão do edificio Guinle, seu lindo e bizarro «studio», arranjado com gosto e distincção, Annunciato acaba de dotar a nossa cidade com um «atelier» photographico não só confortavel e luxuoso, mas attendendo rigorosamente a todas as exigencias da technica. Artista, na accepção real da palavra, ao acreditado e estimado photographo do nosso «grand monde» foi confiado o trabalho do quadro de formatura da grande turma de doutorandos de medicina deste anno. Annunciato está, assim, de parabens — elle e o publico carioca, que, certo, visitará o seu novo e luxuoso «studio», installado na sala 12 do 6.º andar do edificio Guinle.

O sr. Otto Weil, representante dos acreditados e excellentes perfumes da conceituada fabrica 4711, ao desembarcar nesta capital, de bordo do «Cap Arcona», procedente da Europa. Ladeando o conhecido industrial se vêem os srs. Hans Hartmann e Walter Hoffmann, respectivamente, socio e chefe da propaganda da casa Herm. Stoltz & Co., e o sr. G. Roth, chefe da filial da mesma casa, em Recife, além de representantes da imprensa.

S. PAULO — A EXPOSIÇÃO ESTADUAL DE ANIMAES

Uma vista parcial da pista, destacando-se ao fundo o predio da Directoria.

PARA o observador da vida administrativa de S. Paulo, o momento é de verdadeira admiração: em menos de uma semana, o governo daquella poderosa unidade da Federação realiza duas iniciativas de notavel alcance economico. Queremo-nos referir á inauguração do Museu Agricola e Industrial do Estado e á abertura da Exposição Estadual de Animaes, na Avenida Agua Branca, que constituiram uma affirmação pujante da obra administrativa devida ao zelo e á dedicação do Presidente Júlio Prestes e seus auxiliares.

A creação da feira permanente de Agua Branca, subordinada aos serviços modelares da Directoria da Industria Animal que o governo acaba de reorganizar sob moldes modernos, representa um emprehendimento historico para o desenvolvimento da pecuaria paulista, quiçá de todo o Brasil.

Não ha departamento da publica administração do Estado em que o governo do Presidente Júlio Prestes não haja intervido, com solicitude e vontade de realizar o seu operoso programma governamental.

Na Secretaria de Agricultura o trabalho desenvolvido, quer na defesa scientifica da producção, quer no amparo á lavoura, é absolutamente notável.

O programma do governo vae sendo executado sem alardes e com firmeza.

As obras apparecem, realizadas dentro das dotações orçamentarias respectivas.

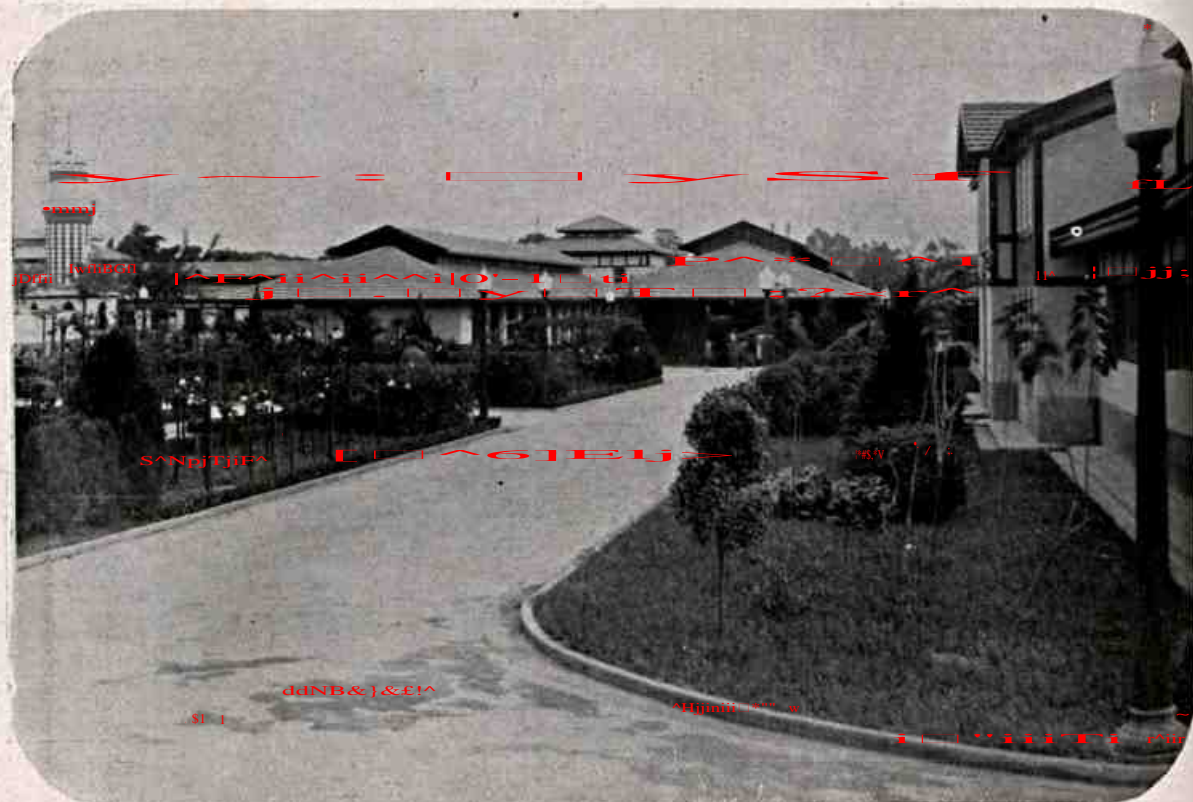
A construcção da Exposição de Ani-

Um trecho do recinto, erguendo-se ao fundo o pombal.

Tanques de criação e escada de peixe.

maes, do novo edifício da Directoria da Industrial Animal e dos confortaveis pavilhões destinados aos expositores particulares e ao Estado, offereceu um espectaculo inédito a São Paulo.

Milhares de pessôas e interessados no desenvolvimento de uma das maiores riquezas nacionaes visitaram aquelle certamen, de que damos hojo documentada reportagem photographica.

Os louvores são unanimes: ... Palermo, na Argentina, com as ... tradicionaes e afamadas feiras, ...

Outro trecho do recinto, destacando-se os focos de luz, alimentados por conductores subterraneos.

O edificio da Directoria de Industria Animal.

installações tão completas e tão excellentes.

Cabe nesta nota, com que "FON-FON" regista a actividade formidavel do actual governo paulista, uma referencia especial ao Dr. Fernando Costa, digno titular da pasta da Agricultura e "the right man in the right place". S. Exa. é o collaborador efficiente e solicito do Presidente Julio Prestes, na acção administrativa que São Paulo observa, admira e bemdiz porque é relativa ao seu progresso e ao seu desenvolvimento economico. Um consorcio patriotico entre o esforço realizador do povo paulista e a actividade patriotica de seus governantes

Portão principal — em estylo moderno — percebendo-se ao fundo o predio da Directoria.

O QUE E' A ORGANIZAÇÃO TECHNICA DA DIRECTORIA DA INDUSTRIA ANIMAL.

A séde central da Directoria está localizada na Avenida Agua Branca, numa área de 5 alqueires e ¾, e comprehende:

1 — *Prédio da Directoria. Nelle estão installadas as salas de trabalho, a bibliotheca, o museu e diversos laboratorios.*

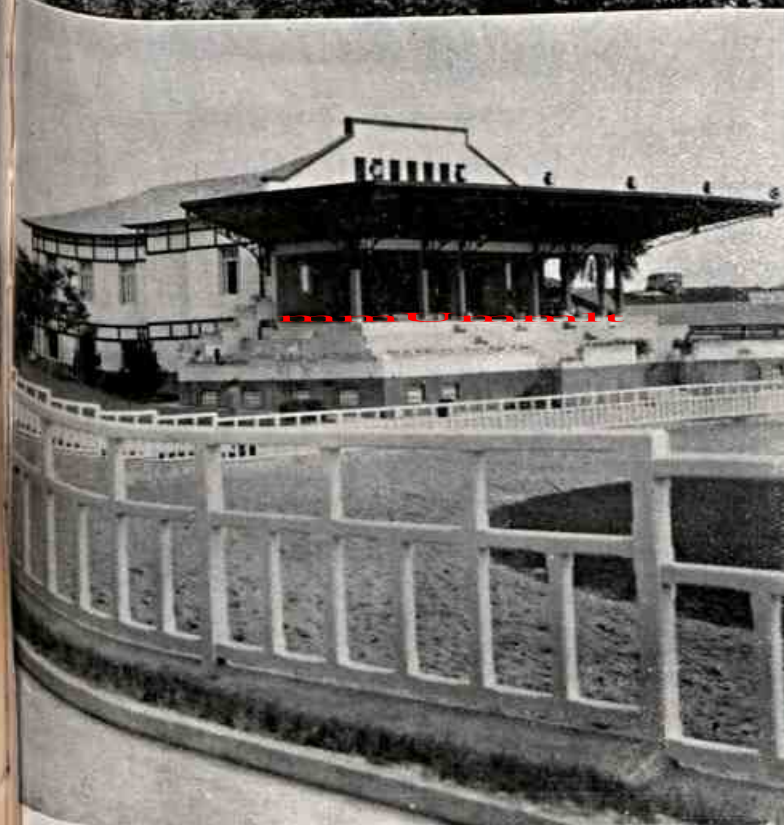
2 — *Recinto para exposições de animaes, comprehendendo archibancada, 2 pavilhões para equinos, 6 pavilhões para bovinos, 1 pavilhão para bois gordos, 1 pavilhão para vaccas leiteiras, com laboratorios para contrôle de producção de leite, 1 pavilhão para porcos, 1 pavilhão para carneiros e cabras, 1 pavilhão para aves, 1 pavilhão para industrias connexas e derivadas e 1 almoxarifado.*

3 — *Posto Zootechnico.*

4 — *Parque de Avicultura, destinado a centralizar o trabalho de aperfeiçoamento e desenvolvimento da industria avicola no Estado, comprehendendo 38 parques duplos de reproducção, 3 cercados para recriação de pintos, 12 divisões para palmipedes, 1 divisão para incubação e cria natural, 2 parques para criação de perús, 1 para gallinhas d'angola, 1 para capões e engorda de aves, 100 gaiolas de descanso para reproductores e engorda de aves e 1 parque para pombos. Divisões para criação de coelhos, 1 casa com installações para incubação, escriptorio e laboratorios, 1 casa para deposito e preparo de rações e aproveitamento dos sub-productos avicolas.*

5 — *Exposição permanente de caça e pesca, com viveiros para passaros, parques para mammiferos e passaros mais úteis ao homem. Os peixes são distribuidos em tanques apropriados para criação e em um aquario.*

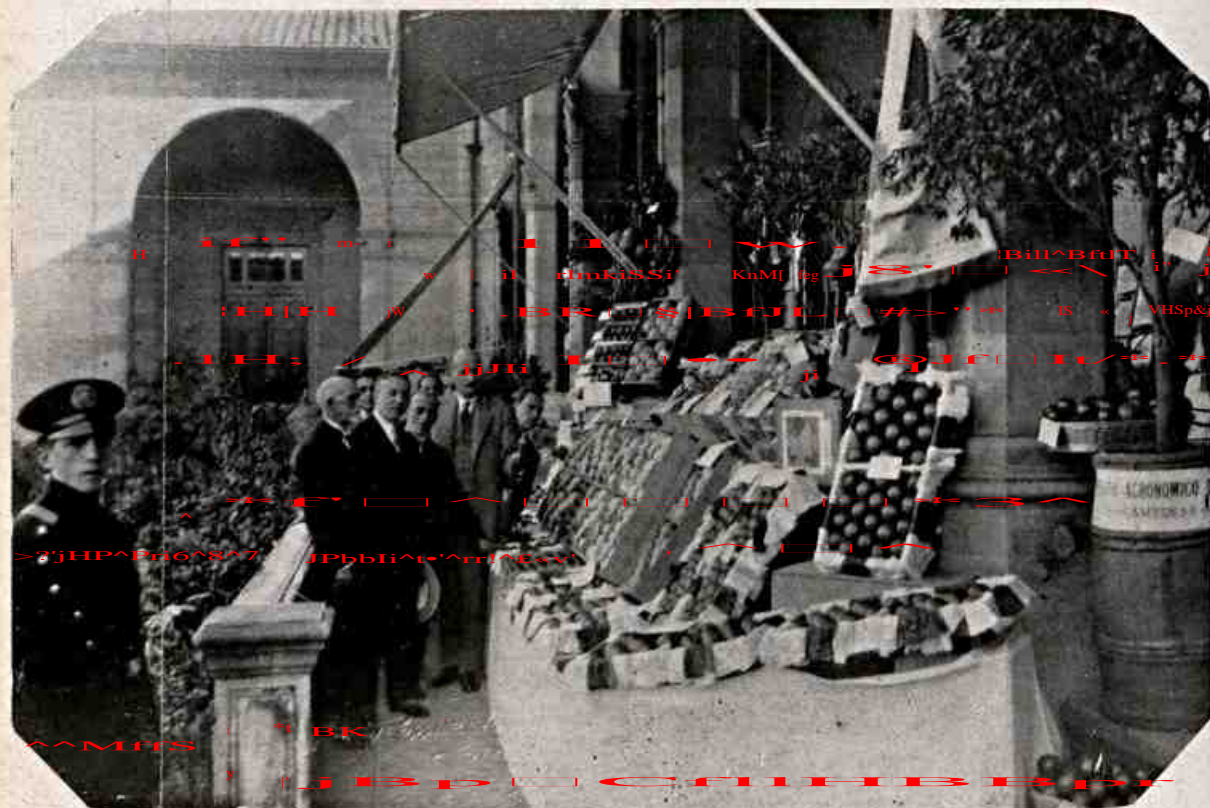
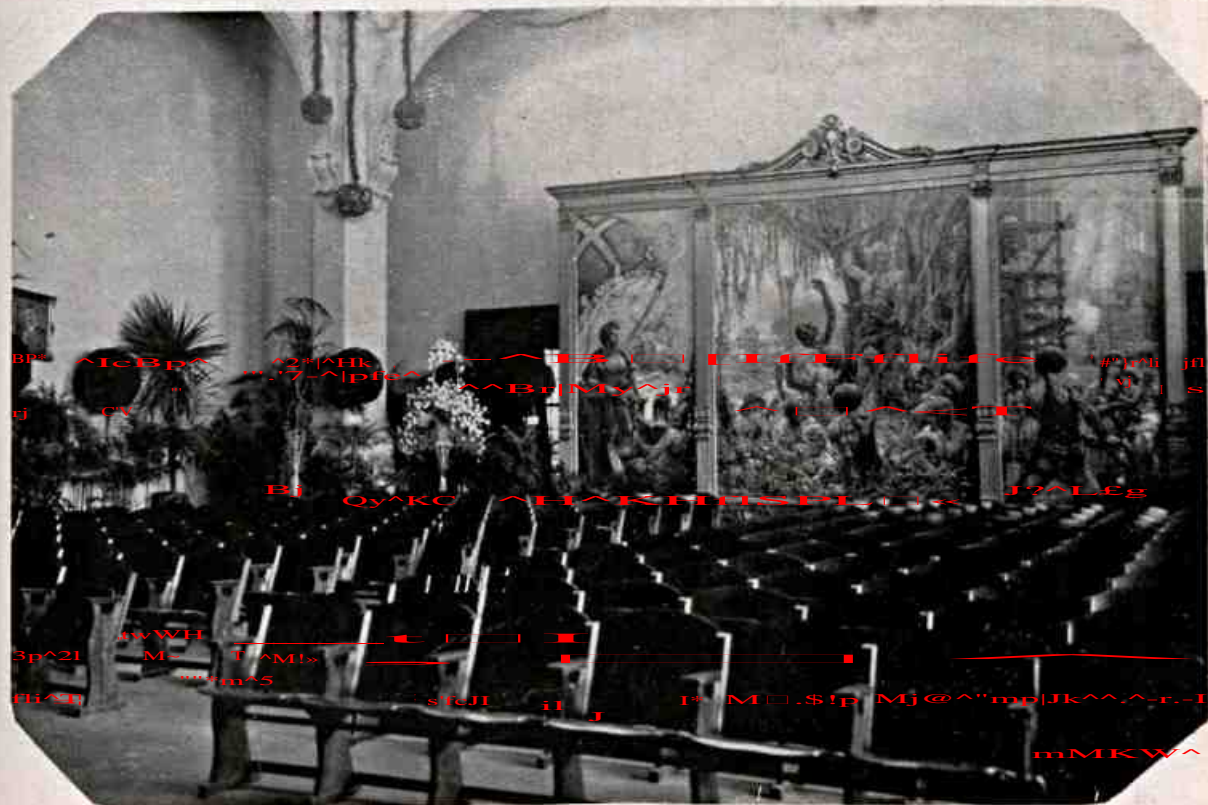
6 — *Serviço de immunização contra a tristeza dos bovinos.*

7 — *Mostruarios permanentes de plantas forrageiras, apicultura, sericicultura, etc.*

Uma vista parcial do recinto, vendo-se ao fundo a archibancada.

Uma vista geral do recinto para exposições de animaes da Directoria de Industria Animal.

Vista do majestoso Palacio das Industrias, onde está installado o Museu Agricola e Industrial do Estado.

O que é o Museu Agricola e Industrial de S. Paulo

O Museu Agricola e Industrial que está installado no majestoso Palacio das Industrias, cuja solenne inauguração se deu no dia 26 do mez p. f., é outra recente realização do governo do Presidente Julio Prestes, destinada a prestar incal-

Um aspecto da exposição de laranjas e tangerinas de Sorocaba e Campinas. Amostras esplendidas obtidas pelo Instituto Agronomico desta ultima cidade. Vê-se na photographia o doutor Heitor Penteado, vice-presidente do Estado.

Sala de conferencias e projecções do Museu, vendo-se, ao fundo, o soberbo quadro historico de Helios Soelinger, que vae figurar futuramente no palacio do governo.

culaveis beneficios ao Estado.

S. Paulo, que é uma potencia agricola e industrial de incontestavel influencia na economia nacional, não possuia ainda a casa das suas amostras agricolas, commerciaes e industriaes.

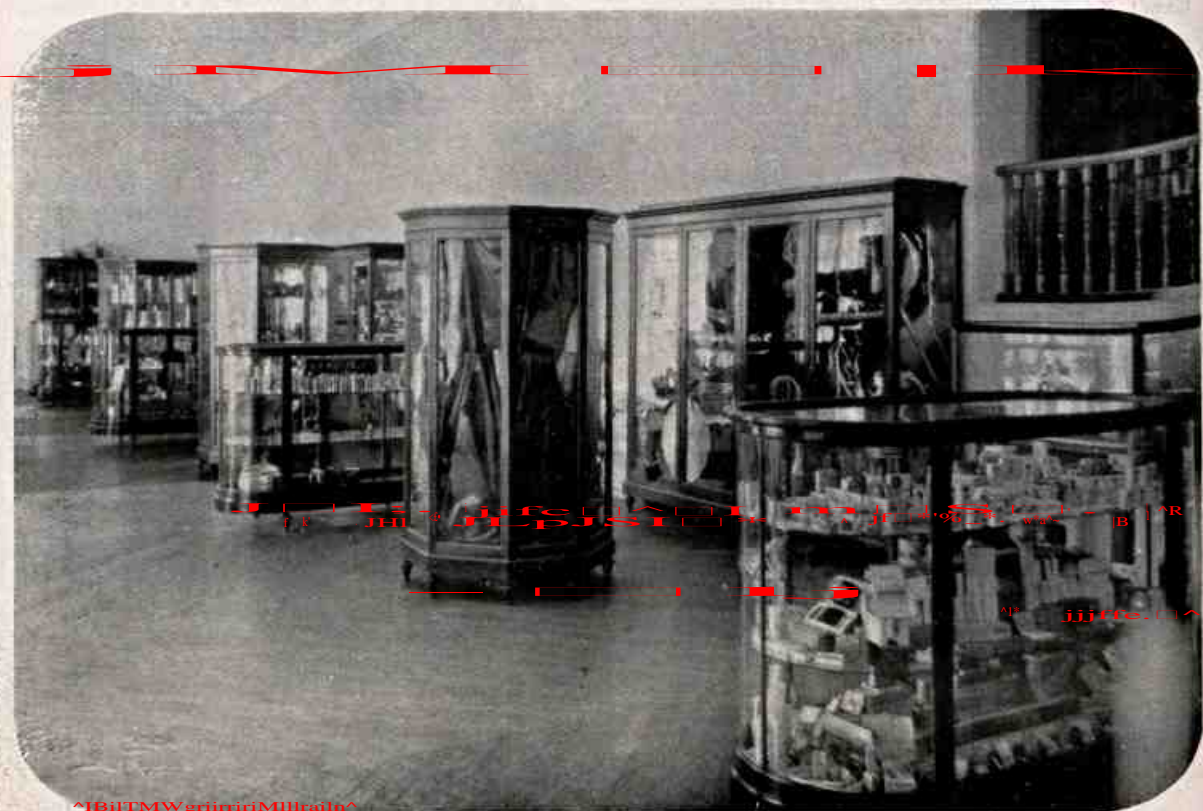
Tem-n'a agora, com finalidades e objectivos modernos, que abrangem um vasto campo de expansão economica, dentro do programma basico do Museu, que se resume em dois postulados: *"Pelo fomento industrial e commercial"* — *"Pela educação industrial e commer-*

Secção de crystaes, vidros e louças.

Secção de productos chimicos, pharmaceuticos e perfumarias.

cial". Não se sabe o que mais admirar nas installações da rica feira do Palacio das Industrias.

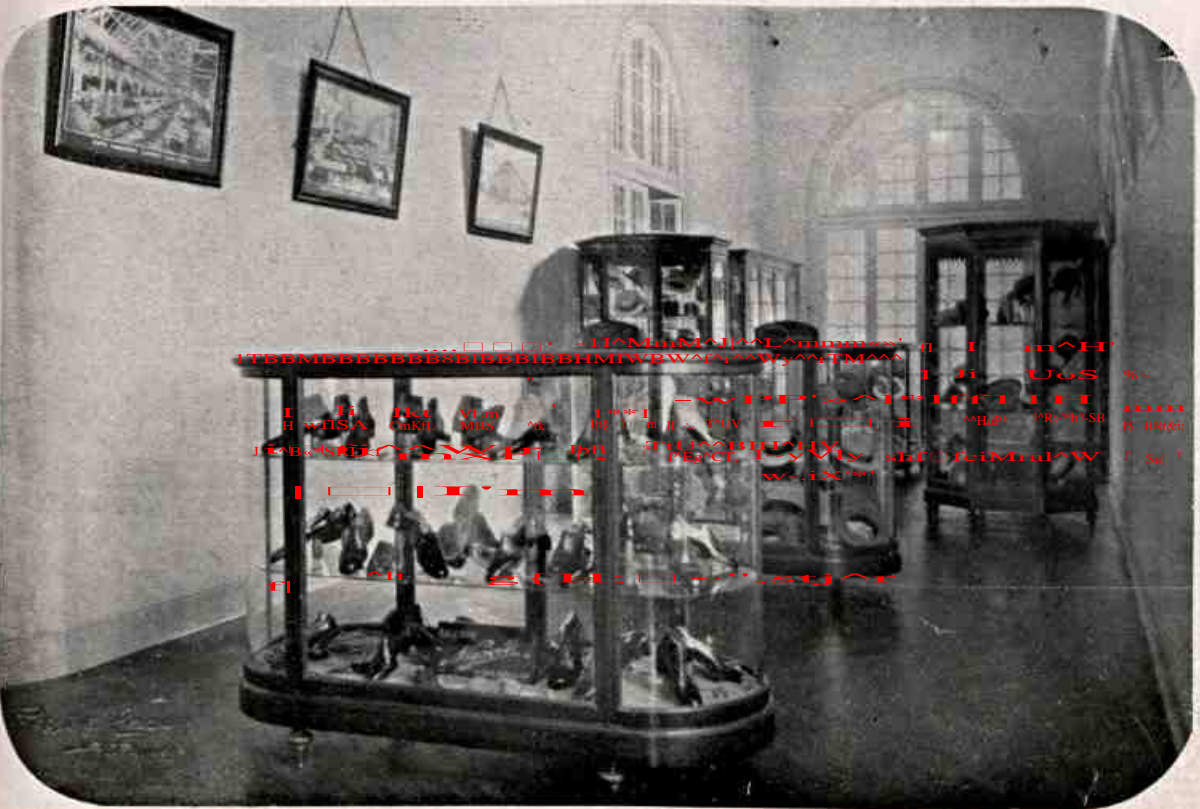
O pavilhão especial de amostras e classificação de typos dos nossos cafés — é um trabalho completo e definitivo.

Todas as industrias estão representadas condignamente. S. Paulo está apto, hoje em dia, a produzir até material metallurgico e electrico para as suas grandes officinas

Industrias diversas.

Pequena metallurgia.

...fabricas. E' a fabrica de cobre de S. Caetano.

Além das exposições permanentes, o Museu vae possuir secções de informações industriaes e commerciaes, secções de relações commerciaes com as principaes praças do paiz e uma secção de dados estatisticos referentes ás producções do Estado e do estrangeiro para orientação do productor. Só isto constitue um vasto e patriotico plano do governo.

Mas, o Museu tambem se incumbirá da educação technica dos agri-

Secção de chapéos e calçados.

Um aspecto da secção de papel e manufacturas de papel.

cultores, por meio de conferencias, palestras, formação da sua bibliotheca commercial, catalogos e "films" educativos de comprehensão simples.

Assim se formará uma legião de bons agricultores, reunidos sob a direcção technica e coordenadora do Museu, onde pontifica o espirito trabalhador e culto de seu Director, Dr. Architiclino dos [illegible]

Ao Museu Agricola e Industrial têm acorrido milhares e milhares de visitantes que admiram as [illegible] magnificas installações.

A galeria de sedas no Museu Agricola e Industrial.

O PINTOR VOGUE

De FREDERICO BOUTET

DEANTE do vidro redondo da janella da casa traçou a divisão da sua larga cabelleira. Ajustou a sua alta gravata romantica; puxou o casaco e metteu o chapéo de feltro na cabeça.

— Prospero, faz o possivel para trazer algum dinheiro esta noite. Temos apenas o que comer hoje e amanhã. E que faremos, — gemeu a sua mulher.

Sentada ao pé de uma garota franzina, de doze annos de edade, aproximadamente, e que remendava meias, apparecia a senhora como uma figura informe e sem edade, dentro do seu vestido rôto. Dirigindo o olhar para o esposo, continuou:

— Ah! E' certo! Hoje vaes fazer as tuas visitas. Puzeste a roupa nova...

O outro não respondeu, e sahiu. No pateo, os seus dois filhos menores brigavam com outros pequenos. Ao passar deante da porta de uma tenda de sapateiro, ouviu alguem lhe gritar:

— Sr. Vogue! E o meu dinheiro? Quando me pagará? Necessito do que me deve... E já faz muito tempo que me faz esperar.

— Penso nisso. Eu lhe pagarei. Não tenha medo — respondeu Vogue, em um tom que queria mostrar despreoccupação.

Sahiu apressadamente, sob as

invectivas do sapateiro, e accelerou o passo para evitar os novos doestos qu eteria de ouvir, ao defrontar o porteiro.

Na rua, respirou. Cada passo que dava, afastando-se da sua casa, allivíava o peso da sua miser . Quando chegou ao outro bairro, endireitou o busto, pisou o chão com mais força, e deixando de ser Prospero Vogue para converter-se em Gastão de Cormalis — dirigiu-se até o seu *studio*.

A sua vida se compunha de dois aspectos mui distinctos; porém ambos se consolavam entre si. Era Prospero Vogue (este, o seu verdadeiro nome, lhe era odioso) na casa de habitação collectiva onde vivia com os seus cinco filhos. Alli, se debatia com a quotidiana pobreza, sempre maior, com as suas humilhações e com os seus odiosos mexericos.

Na sua casa, soffria sem tregua, por si mesmo e por aquelles que o rodeavam, pois tinha a convicção de que havia desbaratado a sua vida, casando-me joven, contra a vontade de seus paes, com uma provinciana, extremamante formosa, mas sem fortuna, nem educação e que devia ser mantida longe das suas relações.

Gastão de Cormalis era o nome que, depois de maduras reflexões, se havia dado ao chegar á capital, com a intenção de se fazer um illustre pintor. Uma a uma, todas as suas esperanças se haviam desvanecido, do mesmo modo que o pouco capital que possuia. E só lhe ficara o seu pseudonymo que, para as suas relações, era o seu verdadeiro nome.

Nesse nome elle punha uma vaidade pueril, que a sua altaneria, com duras penas, chegava a esconder. Era Gastão Cormalis no alfaiate que um dos seus amigos, semper ausente em viagens, lhe apresentara. Ali, recebia as suas cartas; ali, elle fingia que pintava, — pois a verdade é que não trabalhava mais — descorçoado pelos continuos desenganos recebidos, e sobretudo porque as cores e as telas custavam caro. Era Gastão de Cormalis nos salões que frequentava, e nos quaes não se conhecia a sua vida privada, mas onde era um perfeito artista mundano, muito amavel e brilhante *causeur*.

Depois de haver passado no seu alfaiate, Gastão de Cormalis se dirigiu até o boulevard. Era o dia de recepção da senhora Rivalte que, sendo joven e rica, se comprazia em obsequiar os seus amigos, entre os quaes Gasão era um dos mais preferidos. No salão daquella senhora se encontravam muitas pessôas que distinguiam o artista.

Quando, em certos momentos, dissertava fogosamente, sobre amor e arte, Gastão esquecia, por completo, que era Prospero Vogue; esquecia a mulher e os filhos mal vestidos e mal educados; os credores, os cartões postaes insolentes e casa onde morava. Esquecia até a sua propria miseria.

Tendo comparado, deante do vidro da janella da sua casa, a correcção do seu traje, que o envolvia com grande solicitude, e que apresentava bom aspecto, entrou em casa da senhora Rivalte.

Numerosas pessôas achavam-se já na sala. O sr. de Cormalis se inclinou ante a dona da casa, e afastou-se depois de trocar uma fria saudação com um senhor Preseville que estava perto della, e a quem tinha uma forte antipathia.

Saboreava uma taça de chá, emquanto explicava a um grupo de meninas as bellezas da pintura moderna, quando a sra. Rivalte se aproximou delle:

— Ah! sr. de Cormalis — disse-lhe amavelmente — necessito um pouco do sr. E' para a nova obra da qual sou presidente... Asseguro que ha de interessar-lhe pois a sua finalidade é a de soccorrer os artistas pobres. Si o sr. soubesse quantos ha por ahi que são dignos de pena! A proposito, classifiquei-o entre os meus contribuintes. Já vê que com o sr. não me incommodo. — Mas... é que... A sra. bem sabe — interpoz Gastão, cheio de angustia.

A sra. interrompeu-o:

— Tornaremos a falar sobre isso. Hoje só desejo do sr. um momento. Amanhã realizo a minha primeira festa de caridade. Uma pobre familia... uma situação desesperadora: a mãe, uma admiravel mulher que se mata,

trabalhando para alimentar cinco pessôas. Foi o sr. Preseville quem m'o informou.

O sr. Preseville, perto delles, sorriu amavelmente.

A senhora proseguiu:

— Ha um pae, um artista. A respeito delle não tenho a menor informação. Mas o sr. de Cormalis, penso eu, ha de conhecel-o, pois vive no seu meio. E' um pintor. Chama-se... Não me recordo bem do seu nome, mas sei que moram na rua Glaciére. Ah, já me recordo! Chama-se Vogue...

O sr. de Cormalis olhou a sra. Rivalte, cuja bôa fé era insuspeitavel. Fitou Preseville e não viu no seu rosto senão um sorriso agradavel. Titubeou um segundo. Quasi gritou: "Não é verdade! Essa gente não precisa de nada." Mas teria sido inutil: nem conseguiria dissuadir a dama do seu proposito, nem poderia dissimular o que occorria. Depois, surgiu deante de si o misero alojamento: pensou naquella que, durante tantos annos, compartilhava, resignada e dissimulada a sua horrenda miseria. Pensou nas cinco

O PINTOR VOGUE

(Conclusão)

...

creaturas famintas e miseravelmente mal vestidas.... Em torno a si, pareceu que alguma coisa se desmoronava. E, pallido de horror, sentiu que o circulo da miseria se estreitava, definitivamente.

— Vogue? — respondeu. — Sim, eu o conheço... Uma espantosa miseria, sra. Vá visital-o, o mais depressa que possa, afim de que tenha alguma coisa que comer... Certamente achará lá o pintor Vogue.

E sahiu do salão.

ALMANAK LAEMMERT

Acabamos de receber a edição do *Almanak Laemmert* de 1929, que gentilmente nos é offerecida annualmente pela importante Empresa que o edita.

Bem podemos comprehender as mil difficuldades vencidas pelos editores para completarem e desenvolverem por todo o Brasil um programma traçado pelo seu fundador Laemmert, no anno de 1844, mas só realmente attingido pela administração actual, com escriptorio á Avenida Almirante Barroso, 1, 2°. andar, sala 1 e officinas proprias á rua Carlos de Carvalho, 48.

O desenvolvimento do *Almanak* aconselha a todo o commercio a attender aos pedidos de informações gratuitamente publicados para a orientação do publico em geral e a possuir essa preciosa collecção de 5 grossos volumes que constitúe, hoje, o mais completo repositorio administrativo, commercial, industrial e agricola do nosso Paiz.

Inscrever-se na Radio Sociedade e no Radio Club do Brasil é um dever de patriotismo: é concorrer para o desenvolvimento da cultura brasileira.

VARINHA DE CONDÃO

GUARNIÇÕES DE VIEZES

Faceis de executar, leves e graciosas, são as guarnições de "a jour" feitas sobre papel. Estão agora em moda e apparecem, tanto em um vestido singelo, como nas roupas brancas ou nos vestidinhos das crianças.

Com ellas se fazem bonitas applicações, entremeios vistosos, palas para camisolinhas de meninas.

Os viezes, preparados com antecedencia são cuidadosamente fixados sobre um papel, por meio de um fio grosso; elles devem seguir o desenho, rigorosamente. O "a jour" é então executado, evitando-se apertar demasiadamente os pontos ou deixal-os muito frouxos: só depois de terminar tudo é que se retira o trabalho do papel.

Para simplificar o serviço, os viezes podem ser substituidos por estreitas fitas. A fita de seda lavavel é empregada para roupas brancas, a fita, galão de setim ou veludo, é usada para os vestidos.

Damos nesta pagina tres modelos differentes de guarnições que serão facilmente copiados. E eis, no centro, o meio de as utilizar.

Um vestido de crepe beige

levará na barra da saia em forma, e em torno do decote irregular, uma guarnição de viezes do mesmo tecido, unidos por "a jour" de mão.

Um galão de guarnição semelhante ornamenta uma calça e camisa de crepe lavavel, salmão.

Uma combinação saia de crepe creme, se alarga por meio de um grupo de pregas preso por um entremeio de viezes e "a jour", que enfeita o corpo.

Uma camisa de noite, de crepe da China côr de laranja é terminada por uma barra de viezes do proprio tecido, presas com linha de côr identica.

Umas guarnições em triangulo, executadas pelo mesmo systema, se incrustam graciosamente num jogo de seda verde musgo, composto de calça e camisa.

A ARCA DE... NOEL — Todos conhecem, ao menos de nome, a arca de Noé. Não pensem, porém, que houve engano quanto ao titulo acima, pois me refiro não só a essa senhora de antiguidade respeitavel, mas a uma graciosa innovação americana que resolvi baptizar assim; a arca do papae Noel é simplesmente uma caixa, um bahú para guardar brinquedos nas casas das mamães elegantes.

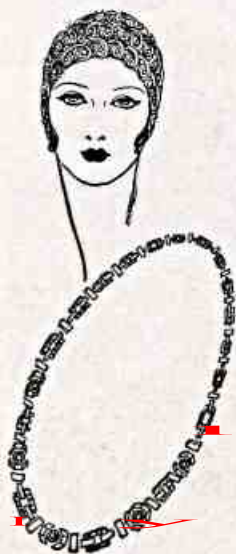



Fig. 3

Quem não sabe o quanto são difficeis de arrumar esses queridos das crianças? E espalhados, elles, que nem sempre — coitados! — estão muito perfeitos, o quanto desorganizam o arranjo de uma sala! Além de que as crianças gostam de ter um cantinho só dellas, onde possam governar á vontade, e, o que é mais serio, isso as vae habituando a serem ordena-das.

Todas as razões, as de utilidade pratica, bem como a esthetica, as agradaveis e as educativas, convergem, pois, para que eu aconselhe ás mamães que arranjem um canto para os brinquedos, e como nem sempre poderão ceder uma gaveta, ou um armario, eis a idéa americana a resolver a questão.

Fig. 1

A figura 1 mostra a arca do papae Noel.

E' uma simples caixa de madeira pintada com esmalte branco, azul ou rosa. Não deve ser muito grande, nem a tampa excessivamente pesada; é preciso que seja adequada á criança a quem é destinada, afim de que esta a possa abrir e fechar sem risco de se magoar. Para que a arca e pareça mais bonita ante os olhos dos pequeninos, enfeitem-na com umas figurinhas de bichos e de garotos travessos, recortadas dos livros de historia. Essas figuras, depois de fixadas sobre a madeira, devem ser cobertas por uma fina camada de verniz branco, a qual póde ser estendida por toda a superficie do caixote; assim, ficarão as gravuras protegidas contra os dedinhos curiosos e irreverentes que poderiam pretender desgrudal-as.

Um bom systema, tambem, para enfeitar a arca é o emprego das figuras de decalco-mania, que vêm sendo usadas pelos fabricantes de camas esmaltadas, com bastante exito. Escolhe-se uma figura de tamanho sufficientemente grande e com um pouco de trabalho e paciencia não é difficil trasladal-a para a superficie pintada, graças ao facto de ser o esmalte liso e escorregadio.

Fig. 3

Novas combinações. O gosto moderno é irrequieto e voluvel. Cansa-se depressa das mesmas visões e procura renovar sem descanso os pequenos pormenores das toilettes. Assim é que a mania das combinações, si bem que

relativamente recente já nos vae parecendo monotona e banal. Os sapatos combinando com a bolsa ou com o chapéu é coisa já sediça.

Eis porque, mesmo dentro da mesma ordem de idéas da correspondencia dos accessorios fe-

mininos, surgem diariamente novidades inesperadas.

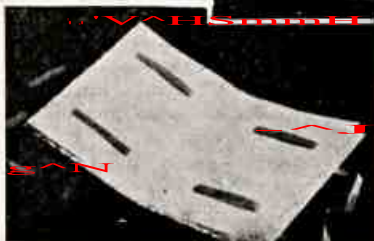
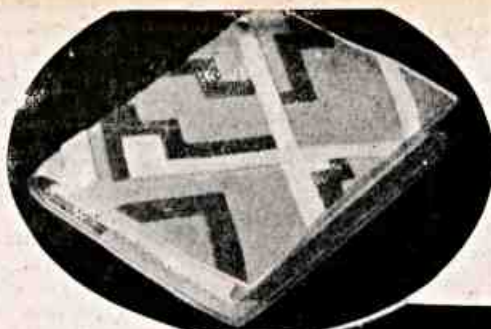
Eis na fig. 2 novas suggestões nesse sentido. São originaes, e bem interessantes o dezenho de um cinto em metal todo trabalhado, imitando prata velha, repete os arabescos em fio prateado de um toucado para a noite. Um cinto para uma toilette de passeio, arrematado na frente por uma banda de couro envernizado ladeada por uns cabouchons de strass é copiado na barrette de um sapato na qual, de duas pequenas tiras de couro envernizado sae uma longa e estreita fivella de strass. Emfim, e ultima novidade apparecida — cinto combina com um bonito annelão (fig. 3) de fantasia, trazendo como fivella uma pedra semelhante á daquelle.

HORAS DE VIAGEM

— Quem ama os livros, sabe conversar com elles; porquanto o verdadeiro affeiçoado ás leituras, não recebe apenas a impressão das idéas do autor, porém estas despertam nelle seus proprios pensamentos, e um verdadeiro convivio espiritual, uma troca muda de opiniões e sentimentos se estabelece entre o leitor e o escriptor morto — ás vezes — ha annos já. Verdadeira immortalidade esta, que faz reviver como num rastro fulgente e inapagavel, a intelligencia de um cerebro já desfeito em pó...

Fig. 5

Bemaventurados os que amam os livros, porque nunca estarão sós... poder-se-ia acrescentar ás bemaventuranças... Quer no silencio do seu aposento, quer no tumulto anonymo de uma viagem, têm amigos fieis que os esperam incansavelmente, que se não zangam ao serem abandonados e se não fatigam ao serem interrogados horas a fio.

Porém, ha quem, amando a leitura, ame tambem a apparencia externa dos livros; as bonitas encadernações, as edições de luxo. Os apreciadores destas, muitas vezes se privam da leitura de um novo livro, numa viagem por exemplo, com receio de o estragar...

Façam ou arranjem quem lhes faça essa util capa protectora que vêem na figura 4. Para esse fim, arranjem uma folha de papel fantasia, encorpado, bastante larga, e a cortem segundo o tamanho do livro que desejam cobrir, deixando, porém, um rebordo de tres ou quatro dedos, a maior, em toda a volta. Dobra-se esse rebordo, junta-se internamente uma folha de papel cartão em tom condizente, e, fazendo-se quatro furos em cada pagina, conforme se vê da gravura, fixam-se por meio de dois pedaços de fita ou cadarço, tambem á folha de tom adequado, á folha externa, o rebordo dobrado e o forro; as pontas das fitas, amarradas, fixarão a capa no livro quando o quizerem guardar.

Esse protector para livros tambem poderá ser executado em chitão, devendo, neste caso, levar entre este e o forro interno uma folha de papelão para cada uma das duas faces da capa.

Cinderella

Concurso Sabonete EUCALOL

(Menção Honrosa)

Emfim sós! diz elle, terno,
E ella, terna e commovida,
Tem no olhar a luz do sol.
— Nosso amor será eterno,
E usaremos toda a vida
O sabonete EUCALOL!

Esther Pinto Coelho.

Hotel Suisso — Gloria — Rio

Nos cinemas da Avenida

Cotações: OPTIMO — MUITO BOM — BOM — SOFFRIVEL — NÃO — E . . . DETESTAVEL

QUE RAPAZ ESPERTO

DA UNIVERSAL

Cinema PATHE' — Film comico. E' um nunca acabar. Nós confessamos sinceramente que não achamos graça nenhuma a este sr. Glenn Tryon. E' uma semsaboria o seu trabalho, excepto quando as situações o ajudam. N'este film da Universal essas bôas situações não são muitas. De modo que o film decorre numa torturante semsaboria, que o publico recebe com sorrisos. O recurso ao disparate nem sempre surte effeitos.

Cotação — SOFFRIVEL

A DAMA MYSTERIOSA

DA METRO

Cinema ODEON — Greta Garbo no cartaz! Que é preciso mais? Ella é a coqueluche das platéas cinematographicas de bom gosto. Porque ha mais de uma platéa de cinema no Rio... Não sabiam?... Ha as que amam vêr na téla pelo seu talento de artista. O enredo d'este film da Sofar (Programma Serrador) é o de um uma mulher, que sente, que as faz estremecer, que as sensibiliza. Essas vão vêr Greta Garbo. Ha as que estimam as bonecas futeis, os enredos sem alma, as banalidades. Essas vão vêr Clara Clara Bow, a gordinha Clara Bow. Nós acceitamos de melhor vontade as primeiras, que têm mais gosto. Este film da Metro é uma pellicula de grande emoção. Certo não é um dos melhores enredos entregue a Greta Garbo. Comtudo, as scenas com o seu *partenaire* Conrad Nagel têm muita naturalidade e vibração. E' um artista que não procura apagar, com o seu brilho proprio o brilho da su atalentosa collega. Nem sempre isso tem acontecido á maravilhosa *estrella* européa. E', em resumo, esta pellicula um bom trabalho, sobe todos os pontos de vista.

Cotação — BOM

REFORMANDO O ROSTO DE UMA MULHER

(Do "Household Friend")

Qualquer mulher que não esteja contente com a sua tez, póde reformal-a e ter uma nova.

O pequeno véo amortecido da epiderme velha é um estorvo e deve ser retirado para fazer apparecer a pelle vigorosa e nova que se esconde debaixo, deixando-a respirar.

Ha um remedio velho caseiro, muito suave que póde fazer esse trabalho. Compra-se pure mercolized wax numa pharmacia e applica-se antes de deitar-se, como se fôra cold cream, e pela manhã lava-se o rosto.

A cera mercolized, em inglez pure mercolized wax absorve toda a pelle morta, deixando a cutis saudavel e formosa e tão fresca como si fôra a cutis de uma menina.

Naturalmente, desapparecem todas as imperfeições da epiderme, taes como: sardas, manchas, pallidez, queimaduras do sol, etc., etc.

É de uso muito agradavel, real e economico.

O rosto tratado por esse processo immediatamente parece muitos annos mais joven.

PARA EXTIRPAR AS RAIZES DOS PELLOS

As senhoras que se contrariam com o crescimento de pellos superfluos, devem saber que existe um meio que permitte obter o seu definitivo desapparecimento matando-lhe as raizes. Para se conseguir este resultado basta applicar porlac puro pulverizado ás partes onde surjam tão incommodos hospedes. Recommenda-se muito especialmente este tratamento, porque elle força o instantaneo desapparecimento dos pellos e, além disto, ao extirpar as raizes dos ditos pellos, faz com que estes não reappareçam. Uma onça de porlac, que póde ser adquirida em qualquer pharmacia, é sufficiente para o tratamento.

A célebre farinha alimenticia
a
FOSFATINA FALIÈRES

que da ás creanças desde a idade de 7 á 8 mezes força e saude é tambem o alimento perfeito dos anêmicos, dos velhos e convalescentes, em razão da facilidade da sua digestão e de suas virtudes fortificantes.

Exigir a grande marca depositada
FOSFATINA FALIÈRES
de reputação universal e desconfiar das imitações

Pharmacias e Casas de Alimentação.

VESTIR
SEMPRE MODERNOS
E AUTHENTICOS
PADRÕES INGLEZES
COM
ARISTOCRATICA
ELEGANCIA

54
RUA DA CARIOCA

ALFAIATARIA
GUANABARA

REPARAR O QUADRO
NA VITRINE
COM O N. — 54 —

LA GRANDE MAISON DE BLANC

PLACE DE L'OPERA
DEAUVILLE PARIS NICE
LONDON CANNES

ROUPA DE MESA E DE CAMA

ROUPA BRANCA
DESHABILLÉS
ARTIGOS DE MALHA
ENXOVAES

La Grande Maison de Blanc não tem succursal na America

NOS CINEMAS DA AVENIDA —— (Continuação)

UMA DUPLA DE ALMIRANTES

DA METRO

Cinema PALACIO — Karl Dane e George K. Arthur, com os seus nomes na téla, realizam o milagre de attrair o publico. E' que elles têm graça. De quando em vez repetem-se. E' natural. A culpa cabe a quem abusa do seu successo, obrigando-os a filmar com excessiva frequencia. As notas comicas d'esta pellicula enchem quasi toda a acção. Não ha sequer para o publico descanso de rir. A direcção cercou os dois astros comicos d'um mundo de raparigas bonitas, que tornam o film muito mais agradavel. Das pelliculas alegres dos ultimos tempos, é das mais espirituosas e attraentes. A par dos dois engraçados artistas está essa figura encantadora de Josephine Dunn uma linda mulher com bastante valor artistico. Além da direcção louvemos com justiça a parte technica, que é da Metro, o que chega para affirmar que é excellente. *Uma dupla de almirantes* é uma hora de excellentes gargalhadas, que recommendamos a quem soffrer do figado.

Cotação — BOM

BEIJOS DE PALCO

DA COLUMBIA

Cinema CENTRAL — A vida intima dos bastidores anda ultimamente muito na berra nos *studios* de Hollywood. Realmente ella provara interesse, mormente porque é muito parecida com a dos palcos de todo o mundo. Se ha gente que se parece, seja ella donde fôr, é a que pinta a cara, para apparecer á luz das gambiarras. O que prejudica este genero de films é a sua repetição de ambiente, que obriga a uma repetição de motivos. Este film da Columbia não tem nada de extraordinario, seja qual fôr o aspecto sob que se examine. E' um drama banal de traição feminina, que, pela sua vulgaridade, não chega a despertar interesse. Os interpretes são bons, mas ninguem, por mais valor que tenha, consegue fazer vida de nada. Soffrivel direcção e soffrivel technica, o que dá, em resumo,

Cotação — SOFFRIVEL

UM MARQUEZ EM COMMANDITA

DA PARAMOUNT

Cinema IMPERIO — O homem do bigodinho, o arbitro da elegancia, o Petronio da téla; e outras varias bobagens com que, de quando em quando, o classificam os meninos hystericos que tolamente o admiram, está a dar as ultimas. Elle abusa — e n'este film mais do que em nenhum outro, do direito de se fingir, sendo soffrivelmente velho, um galanzuras irresistivel. O argumento é soffrivel, a direcção cuidada, e da parte technica nem se fala. E' impeccavel. Mas a verdade é que o publico está enjoado do Menjou e do seu bigode. Já está pau. Quando desapparecer da téla, não deixa um simples trabalho para ser lembrado. O melhor era cortar o bigode, para ninguem mais o conhecer.

Cotação — SOFFRIVEL

SUZY - SAXOPHONE

DA SOFAR

Cinema GLORIA — Mary Parker é uma pequena tão naturalmente alegre, que o mais convencional dos seus trabalhos não consegue apagar-nos a impressão de que é ella mesma que está vivendo a sua vida. Não se póde affirmar que vença pela sua belleza physica. Vence pelo seu talnto de artista. O enredo deste film da Sofar (Programma Serrador) é o de um authentico *vaudeville*. Uma trapalhada, que custa a seguir com segurança. Não constitue isto qualidade depreciativa. E' do genero, não ha que dizer. Trata-se, pois, de um film alegre, cuja verosimilhança é cousa secundaria; com uma excellente direcção e technica, e sobretudo com uma interpretação fina e brilhante. O seu agrado no publico foi grande. E como não poderia ser se o publico carioca morre por este genero de pelliculas?

Cotação — BOM

Olhos das Estrellas que usam diariamente LAVOLHO

Condição primordial para boa saude — Lavar diariamente os olhos com LAVOLHO — os vossos olhos nunca parecerão cançados ou doentios. LAVOLHO torna os olhos doentes e sem brilhos, bellos e arrebatadores.

Carta de Mãe:

"Minha filha: O maior numero das molestias das Senhoras tem origem no utero. Facil é evital-as tomando o

ELIXIR FERRO ERGOTE MANNET

FORTIFICANTE GERAL — REGULADOR UTERINO

"RHONE - POULENC" — PARIS

Licenciado pela Saude Publica em 7-4-895 sob n. 14

NAS DROGARIAS E PHARMACIAS

AS DESORDENS DO SYSTEMA DIGESTIVO

Basta pouco para causar uma desordem estomacal. Uma irregularidade involuntaria da mesa pode provocar seja azedias, pesadumes, ardencias, dilatações, oppressão estomacal ou outros incommodos digestivos. São precisamente estes primeiros mal-estar que se não devem descuidar. São provavelmente todas as consequencias d'um excesso de acidez que leva á fermentação dos alimentos, á irritação das membranas mucosas delicadas do estomago e ás consequencias graves que podem sobrevir. Logo que se sinta a primeira indisposição digestiva, tome V. S. meia colher de café de Magnesia Bisurada n'um pouco de agua. Este anti-acido tão bem conhecido neutralisa a acidez, facilita a assimilação dos alimentos durante a digestão e evita a inflammação das paredes do estomago. A Magnesia Bisurada acha-se á venda em todas as pharmacias.

BURIDAN Romance do escriptor francez MICHEL ZEVACO, que sae ás quartas-feiras

GARANTIDA COMO É A ACÇÃO DO excellente depurativo-tonico

LUESOL

de SOUZA SOARES

certamente deverá ser elle o medicamento preferido pelos numerosissimos portadores da terrivel syphilis (adquirida ou hereditaria), pois é positivo que com o seu uso chegarão ao resultado desejado, isto é, recuperarão a saude e o bem-estar.

A' venda nas principaes drogarias e pharmacias

"Bem principiado é meio caminho andado"

O primeiro na meza e o primeiro na cozinha; inteira pureza e grande economia eis o

SAL DE MEZA

Cerebos

A MULHER QUE MATOU...

DE PEPE

ACHAVA-SE em deploravel situação. Cansada, quasi sem forças para trabalhar, apezar de ainda moça, ella soffria com verdadeiro heroismo. Tinha filhos para alimentar e vestir e era, sózinha, a arranjar o sustento para elles. E, na época de agora, de difficuldades, vicios e degradações, ella, attrahente, era a verdadeira virtude por que enfrentava todos os revezes e abysmos com a honradez de seu trabalho. E se muito soffria, muito mais lhe martyrizava a vida o abandono do esposo, a quem amava apezar de tudo — ente vil que desprezára o amôr de um lar honesto, os innocentes filhinhos, por uma mulher, talvez mais seductora, porém menos mulher porque não soubera comprehender a desgraça que atirára sobre uma familia feliz...

Poderia ter uma vida de trabalho, bastaria para tanto que, como muitas, algumas em holocausto, outras por vicio, se entregassem áquelles que pretendiam se prevalecer de sua situação afflictva... Entretanto, heroicamente, em um sacrificio verdadeiramente digno de veneração, rompia privações e necessidades... E com o correr dos dias, mais se aggravava a sua triste situação...

Agora, sentia-se exhausta, já sem forças mesmo. A fome invadia-lhe o lar, que era um pobre aposento onde trabalhava e vivia com os filhinhos — o baluarte, talvez da sua virtude... Se não fossem elles... quem sabe?...

Aos ouvidos da esposa martyr chegára a noticia da felicidade que desfructava a amante de seu marido, que possuia delle tudo que a sua imaginação perversa e ambiciosa desejasse...

Emquanto ella, os filhos...

Em verdadeira demonstração de heroismo, humilhou-se procurando, em nome dos filhos, o marido. Foi repellida.

A repulsa soffrida, a sciencia da desigualdade de viver, della e sua rival, fizeram irromper em seu intimo um verdadeiro incendio de revolta, que lhe privou os sentidos e destruiu toda a resignação de até o presente... A fraqueza physica em que se achava déra-lhe mais força para revoltar-se... Olhou para os filhinhos pallidos, magros, que a fitavam espantados dos seus desvarios, olhou para si propria e viu em cada miseria, em cada decadencia physica, dois unicos culpados... A causa de tudo eram elles os venturosos; o effeito, os desgraçados... Aquella situação não teria melhora, muito pelo contrario... E uma terrivel idéa passou-lhe pela mente, privando-lhe os sentidos...

....

Grande, immenso, era o movimento na cidade, no ponto onde o povo chic se distráe... E naquelle borborinho intenso, uma physionomia attribulada de mulher passava despercebida... Ninguem a notava.

Repentinamente, tiros ecoaram... Gritos, correrias, gemidos, morte...

A mulher desprezada, vingando-se, fazendo justiça pelas proprias mãos, matára o esposo e ferira-lhe a amante, em nome da miseria que curtiam, ella e os filhinhos... Entregou-se, após, á prisão, sem crime pelo amôr e julgando-se absolvida pela justiça dos homens...

E, tempos depois, a justiça humana, tantas vezes falha, não lhe foi contraria ás esperanças...

EM PEKIM

O Templo do Céo

Por LABIENNO SALGADO
(Secretario de Embaixada)

(Especial para o FON-FON)

"Foi n'um dos primeiros dias da decima segunda lua, no trigesimo terceiro anno de reinado do infeliz Kuang-Ssu, o prisioneiro da Cidade Prohibida.

"Naquella manhã glacial e tristonha de dezembro, á hora do despertar da cidade para as luctas e trabalhos de cada dia, em edito imperial, publicado na *Pai-Ching-Ji-Pao*, — a *Gazeta Official* —, rapidamente levou o alvoroço a todas as lojas do Quarteirão Chinez. Esse edito do Filho do Céo, que tanta sensação causou, impunha, aos moradores de Tchien-Men-Ta-Tieh, a demolição immediata das casas afim de se proceder ao alargamento dessa arteria, que é a mais importante da Cidade Exterior.

"Outra noticia não teria causado maior consternação, e essa se manifestava em todas as faces de ordinario impassiveis, calmas, impenetraveis. O reboliço era geral e notava-se sobretudo nos grupos que se desfaziam, n'um fluxo e refluxo agitado, nas esquinas, sob os Pai-Lu e junto ao ingresso monumental de Tchien, deante dos cartazes e recortes do jornal, que continham o edito que os zeladores do quarteirão haviam collado aos muros. O temor e a angustia reinavam em toda a parte, mas ninguem ousava commentar ou discutir a ordem do Filho do Céo, tão habituados estavam os celestes a prestar-lhe a mais céga obediencia.

"Tres semanas faltavam para o dia em que o Imperador, acompanhado da sua côrte, deveria dirigir-se a *Tien-Tan*, o "Templo do Céo", para o sacrificio annual e Tchien-Men-Ta-Tieh, a rua que leva áquelle templo, sendo até então estreita e tortuosa, bem necessitada estava de alguns melhoramentos que a tornassem digna aos olhos do personagem augusto que dentro em breve iria percorrel-a.

"Urgia, portanto, alargal-a dentro de um prazo reduzido e o trabalho, com todos os sacrificios que acarretava, foi logo executado. Durante tres semanas, a rua classica dos mercadores de Cantão e de Shangai, em toda a sua extensão, foi theatro de uma agitação incrivel, no meio da qual os operarios se afanavam na lida pesada das demolições e reconstrucções e, entre uma poeira suffocante ao lado dos escombros, as lojas installadas em tendas provisorias ou ao livre não interrompiam a marcha quotidiana dos seus negocios. Dia e noite durou esse trabalho de reconstrucção e era de vêr então, os negociantes, incansaveis e pacientes, repartindo a attenção entre as suas transacções e as obras no predio que lhes pertencia e que pouco a pouco ia surgindo dentro do alinhamento prescripto pelo edito. Um dia, por fim, a velha rua, livre de andaimes e de operarios, larga e recta em direcção do sul, appareceu á população admirada, que já não mais recordava a ruela estreita e poeirenta indigena de abrigar o commercio mais activo e opulento de Pekim.

"Bem avisado andou o Imperador em determinar esse alargamento que beneficia a grande rua desde a Porta de Tchien (Tchien-Men) que a communica com a Cidade Tartara, até a Porta de Yung-Ting, no extremo sul dos Quarteirões Chinezes.

"Uma semana não teria decorrido após essa transformação, quando novo edito imperial circulou ordenando que todos os habitantes de Tchien-Men se trancassem nas suas casas no dia seguinte a partir do meio dia e prohibindo, sob pena de morte, o transito por aquella arteria e pelas ruas adjacentes. Assim, á tarde de 21 de dezembro daquelle anno, a grande rua, de um extremo a outro, recordava um trecho de cidade abandonada e occupada por tropas inimigas. Com effeito, os regimentos tartaros, desde o amanhecer, começaram a affluir á grande rua e aos poucos, em fileira dupla ao longo dos passeios, foram se extendendo para os lados de Tien-Tan. Ao mesmo tempo, numerosos soldados da gendarmeria percorriam a rua dos Mercadores e as vizinhanças para verificar se todas as fachadas se achavam convenientemente embandeiradas e para afastar algum transeunte que ainda por alli se demorasse.

"O sol descambava para as bandas de Hsi-Shan, — as montanhas do Occidente, — quando, de sob a abobadda escura da Porta de Tchien, começaram a surgir as lanças e as flamulas dos guerreiros manchus e um cortejo numeroso fez enrada na Cidade Exterior.

"Este povo que, dias antes, havia dado provas de céga obediencia ás ordens do palacio, ao realizar, ás pressas e sem esperanças de indemnização alguma, o alargamento da Grande Rua, parecia ter completamente abandonado as suas casas, pois nem nos pateos internos consegui descobrir viv'alma através do binoculo que eu assestava do alto da muralha onde clandestinamente me havia estabelecido para observar a passagem do cortejo.

"O espectaculo que então se desdobrou ao longo da rua dos Mercadores — uma soldadesca numerosa tranjando uniformes pittorescos, caracteristicos dos regimentos mandchus, movendo-se sob uma floresta de lanças e de flamulas amarellas que o vento continuamente agitava, e circumdando e acompanhando dezenas de liteiras, entre as quaes, dourada, com as cortinas abaixadas, se destacava a que conduzia o Filho do Céo; — a scena do cortejo do Imperador da China dirigindo-se ao templo maximo de Wai-Tcheng ficou-me para sempre na memoria entre as mais gratas recordações da minha vida em Pekim."

Assim me lia o Colaço, esta tarde, uma chronica que, ha tempos, enviára ao jornal dos portuguezes de Hong-Kong. Pouco depois, tomando os nossos *rickshaws*, seguimos para os lados de Tchien-Men, que alcançámos após termos atravessado de leste a oeste o Bairro Diplomatico. Tinhamos decidido ir ao Templo do Céo, situado no extremo sul da Cidade Exterior.

A porta de Tchien, que se abre sob o muro da Cidade, fica na extremidade sul de uma praça não longe do ingresso principal da Cidade Prohibida. Ahi chegados, transpuzemos a Grande Porta e, entre os numerosos *rickshaws* que iam e vinham — quarenta mil são os que diariamente passam por ahi — ganhámos a praça exterior de Tchien Men. Com as estações ferroviarias de Kin-Han e Kin-Feng á direita e á esquerda, em estylo europeu, destoando das construcções chinezas do grande castello que lhe occupa o centro, dos bancos, dos negocios e das lojas, com um trafego incessante que vae e vem da rua dos Mercadores e adjacencias — um sem numero de vehiculos de fórmas varias que transportam uma multidão pittoresca emquanto que outra massa de gente

O TEMPLO DO CÉ'O

(Continuação)

se move-nos passeios e na entrada das ruas tributarias, essa praça xterior impressiona e empolga todos os que a vêem pela primeira vez.

Por ella passaram e passam sempre as opulentas caravanas dos principes mongões que vêem á Capital do Norte render tributo de vassalagem ao Bogdô Khan, o Grande Senhor do Imperio. Daquellas terras distantes de além do deserto de Gobi, como, tambem, das regiões dos grandes rios, os mercadores transportam nas costas dos camellos ou em carretas os preciosos fardos de sêda, de chá e de porcelana que se disputarão os negociantes desta zona. Mil e um funccionarios e soldados, a caminho das dezoito provincias ou dellas regressando, missionarios de todas as crenças, diplomatas e senhores das nações amigas e dos paizes tributarios, todos por aqui transitaram e penetraram na Cidade Interior através da Porta de Tchien.

"Sómente um, disse-me o Colaço, aqui chegou e penetrou na Cidade Imperial sem haver passado sob as abobadas de Tchien-Men. Um dia, já no occaso da monarchia, vindo a esta cidade como hospede do Filho do Céo, o Da-Lai-Lama, com um interminavel cortejo de bonzos e guererros, aqui fez a sua apparição. Para entrar na Cidade Interior sem passar pela porta, o Governo de Pekim ordenou a construcção de um passadiço de madeira que, desde a base da praça exterior, se elevava o alto da muralha e de lá descia ao lado opposto. Por elle, em liteira da Côrte, foi transportado o Chefe Supremo do Buddhismo, que o Imperador recebeu com honras excepcionaes."

E nós, grandemente deslumbrados, percorremos a praça exterior e penetrámos na rua dos Mercadores, que se prolonga para o sul e recebe as ruas das Lanternas e dos Negociantes de Sêda, cada uma abrigando um genero especial de negocio, todas muito animadas, ostentando opulentas lojas de sêdas e de laças do sul do Imperio, os mais afamados restaurantes, nos quaes se póde comer segundo o estylo de cada provincia, os theatros que representam, horas a fio, os interminaveis dramas e comedias dos tempos distantes do feudalismo.

Ao passo lento dos *coolies* que puxavam os nossos *rickshaws*, pouco a pouco fomos avançando, e a nossa attenção se dividia entre os variados aspectos da multidão e o espectaculo inedito das lojas e das casas, umas terreas, outras com um e, raramente, dois andares, com as fachadas escuras cheias de curvas caprichosas e rendilhados de madeira pintados com côres vistosas, cada porta encimada por longa haste que supporta enormes estandartes rectangulares, vermelhos e dourados povoados de caracteres que indicam o nome e a especialidade do negocio.

O movimento de Tchien-Men, intenso na primeira metade, começa a diminuir após uma larga rua que se bifurca á direita e, obliquando para o sudoeste, se extende até o Novo Mundo, zona de diversões, vizinha de Liou-Ly-Tchang, o bairro classico dos vendedores de *bibelots* e antiguidades. Dahi para deante, as casas escasseam e aos poucos vão cedendo logar aos vastos descampados á direita e á esquerda do caminho, e, passados os ultimos Pai-Lu e a Ponte do Céo, nada mais impede á vista de alongar-se até Yung-Ting-Men, a porta extrema do sul, entre os muros dos Templos da Agricultura e do Céo, cuja cupola azul, afunilada, se destaca no horizonte. Pouco antes de Tien-Tan, um resto de vegetação e uns charcos vizinhos, de aguas esverdeadas, á esquerda, são tudo o que subsiste do celebre parque e dos lagos dos Peixes Encarnados, uma das maravilhas de que outr'ora se ufanava a Cidade Exterior.

O TEMPLO DO CE'O

(Continuação)

Mais além, á direita, um longo muro occulta o recinto arborizado, do Templo da Agricultura, com um altar consagrado á memória do Imperador Tchen-Nung que, ha mais de sessenta seculos, reinou sobre este povo, lhe ensinou a cultura do arroz e do trigo e lhe legou a charrúa e outros instrumentos de lavoura, que inventára. Defronte, os muros cinzentos do Templo do Céo, encimados por um ornato de telhas azues, extendem-se por mais de uma milha em direcção de Young-Ting-Men. O seu ingresso monumental, flanqueado de duas portas menores, em outros tempos, só se abria para dar passagem ao Imperador e ao seu cortejo?

Por uma das portas lateraes, esta tarde, penetrámos no parque immenso, que se extende por mais de tres milhas quadradas e encerra os altares mais insignes das crenças deste povo.

Decadente do seu esplendor de outr'ora, abandonado e descuidado como todos os monumentos de Pekim, este parque sagrado de Tien-Tan, com as suas alamedas e bosques de tuyas e cyprestes, conserva intacto o seu encanto unico, sobretudo agora, que a primavera reina e dá vida e colorido ás peonias, ás papoulas e ás cerejeiras que, desordenadamente, crescem e desabrocham em mil flôres por entre a relva inculta, maltratada.

A grande alameda que, em linha recta, se extende do ingresso principal até os altares venerandos, com a fileira dupla de arvores centenarias, melhor cuidada do que as demais, parece ainda disposta para receber o Imperial Sacrificador e os seus nobres. Desta rua principal, á metade do caminho, uma alameda lateral bifurca-se á direita e, por sob um tunnel de verdura, se prolonga até o ingresso de um templo que se occulta entre o arvoredo. Nada se vê de extraordinario neste templo vazio e inteiramente abandonado. Nelle, entretanto, se abrigava o Filho do Céo quando, no solsticio do inverno, vindo da Cidade Prohibida, se preparava toda a noite, em jejuns e orações, para, no dia seguinte, bem cêdo rodeado dos nobres funccionarios da sua comitiva, celebrar, no Altar do Centro do Universo, o solenne sacrificio a Shang-Ti, o Pae Celeste.

O arvoredo copado, ao longo dos caminhos e no meio dos gramados, impede que se veja, á distancia, o altar dos sacrificios e, para alcançal-o, é necessario tomar-se um atalho que se aprofunda no meio da verdura.

Ha pouco, quando o buscavamos e, através dos ramos dos cyprestes e dos galhos floridos das cerejeiras, lobrigamo-lhe o vulto gigantesco, a nossa admiração não conheceu limites deante de tanta belleza e Majestade. No meio de uma clareira, rodeado por um muro baixo, que o protege da invasão dos espiritos malignos, o immenso altar circular, com os seus tres terraços superpostos, appareceu-nos em toda a sua grandeza, rico de esculpturas sobre o marmore amarellado pela idade, que o reveste inteiramente. As rampas suaves que sobem pelo centro das escadas olhando os quatro pontos cardeaes das balaustradas que circumdam as esplanadas, ostentam, em relevos [illegible], as fórmas retorcidas e nervosas de centenas de phenix e de dragões.

Longo tempo estivemos parados na contemplação desta mole portentosa e depois, attrahidos e encantados, lentamente fomos galgando os vinte e sete degráos da escadaria tripla até alcançar o terraço principal. Impossivel imaginar-se maior belleza e harmonia do que a que encerra este altar insigne, construido ha cinco seculos por ordem de Yung-Loh, o mais illustre Imperador da dynastia Ming.

O TEMPLO DO CÉ'O

(Conclusão)

No alto, a vasta esplanada é revestida de enormes blocos rectangulares de marmore em torno de um disco central e distribuidos de tal fórma, que nove blocos contornam o centro, dezoito constituem um segundo circulo e assim successivamente até o circulo junto á balaustrada, que conta oitenta e um blocos, quatrocentos e cinco formando nove circulos em torno do disco central, que era considerado o centro do Universo.

O Filho do Céo, após a noite de jejum e orações, passada no Templo da Vigilia, ao amanhecer do dia do solsticio do inverno, acompanhado da sua comitiva, era conduzido na sua liteira até o centro do altar. Seguiam-se então cerimonias a um tempo singelas e imponentes, que obedeciam ás prescripções d eritos millenarios. O Imperador, trajando a tunica negra de pelle de carneiro, forrada de raposa branca e envolvido no manto sagrado em que se viam, bordados a ouro e prata, o dragão, o sol, a lua e as estrellas, prosternado e cheio de fervor, lentamente erguia a face para o céo, e, conversando com Shang-Ti, o Pae Celeste, dava-lhe conta de tudo o que durante o anno fizéra em beneficio dos seus subditos. Seu pensamento, nessa occasião, errava entre o céo e a terra e o seu olhar, semi-cerrado, baixava e se perdia no horizonte como querendo abarcar as Dezoito Provincias nas quaes, á mesma hora, os heroicos filhos de Han labutavam para tirar da terra o seu sustento. Em torno, atirados contra o solo, os nobres e os guerreiros não ousavam levantar a cabeça e mais além, quebrando o silencio, estertoravam e agonizavam as rezes sem macula que dentro em pouco seriam consumidas, com o disco de lapis lazuli entre rolos de seda e de algodão, pelo fogo dos altares lateraes.

Como tudo isso vae longe dos tempos actuaes em que o Filho do Céo, prisioneiro da Cidade Prohibida, já não vem mais ao altar dos sacrificios invocar a Shang-Ti a protecção para todos os chinezes!... Agora, só o silencio aqui reina, apenas quebrado pelo sussurrar do vento entre o arvoredo; um silencio povoado de fantasmas de outras éras, de quando os filhos de Han não se haviam ainda esquecido dos seus deuses...

. . . .

Um longo passeio em direcção do Norte, entre templos e pateos abandonados, conduziu-nos ao Templo do Anno Bom, que occupa o centro de um terraço triplo semelhante ao Altar dos Sacrificios. Nelle, todos os annos, no inicio da primavera, o Imperador vinha pedir ao Céo bôas colheitas para o seu Imperio.

De fórma cylindrica, as paredes pintadas de encarnado vivo, côr da felicidade e do poder, com o telhado triplo, de telhas azues tendo a extremidade superior afunilada e encimada pela esphera dourada que representa o sol no meio do firmamento, o Templo do Anno Bom é o monumento mais caracteristico de Pekim, e cuja silhueta incomparavelmente bella se divisa de qualquer ponto da cidade. Interiormente, formando uma só peça circular, com o seu altar central guarnecido de candelabros pesados de bronze e prata e cheio de inscripções votivas dos Imperadores, com o pequeno throno a um lado, abandonado junto á parede povoada de arabescos esculpidos, esse templo é todo revestido de um madeiramento possante, que sustenta a cupola e em que o azul domina entre as demais côres e se aviva á claridade que de fóra penetra através do rendilhado das janellas.

Na verdade, já não se trata da primitiva construcção, levantada ha cinco seculos e que ha seis lustros foi destruida por um incendio provocado pela quéda de um raio. Dias antes dessa desgraça, corrêra por Pekim a noticia de que uma centopeia havia sido vista na esphera que dominava o telhado, o que, estudado pelos magos da cidade, foi traduzido como prenuncio de proximas calamidades e quéda da dynastia.

Destruido o templo, o Governo apressou-se em reconstituil-o no estylo e dimensões adoptados por Yung-Loh. Conta-se que os novos esteios que sustentam a cupola tiveram que ser importados dos Estados Unidos, visto não se ter mais encontrado em toda a China postes de madeira do tamanho dos postos destruidos. Ao serem feitas excavações no local, verificou-se que o madeiramento antigo do sub-solo se apresentava em perfeito estado. Então, foi recordada a legenda da construcção do Templo pelo Imperador Ming, que, para garantir-lhe uma longa duração, mandou que se enterrasse no local em que pousaria cada esteio uma tartaruga, que symboliza a eternidade.

. . . .

Muito vimos no decurso desta tarde. Cansados de tanto caminhar e de experimentar mil sensações fortes entre tanta coisa bella e nova para nós, depois de termos visitado o Templo do Anno Bom, nos detivemos longamente no terraço que o circumda, e repousamos o espirito contemplando a cidade, que, ao longe, se extende em direcção do Norte.

O encanto incompravel do ambiente e da paizagem que, em torno, se desdobra, fez-nos perder a noção das horas. O sol já havia deixado de illuminar a esphera de ouro que encima o Templo; as sombras do crepusculo começavam a invadir o parque magnifico e, á distancia, a cidade, pouco a pouco, se ia pontilhando de mil luzes sobre as quaes negrejavam, confundindo-se com o céo escuro, os telhados e muros da Cidade Prohibida, prisão actual do ultimo Imperador, a Porta de Tchien entre as torres illuminadas das estações ferroviarias, os tectos concavos dos velhos templos de Lao-Tseu e de Fó e as torres esguias da egreja de São Miguel, que semi-occultavam a fachada do Grande Hotel.

Era tempo de partir de Tien-Tan e regressar a Hsin-Kai-Lu. Ao tomar o caminho da sahida, alongámos o trajecto para, uma vez mais, passar pelo altar cheio dos sacrificios. E o revimos dentro em pouco, illuminado pela lua cheia que acabava de surgir detraz de um bosque de cyprestes. Os terraços superpostos, com as suas balaustradas em columnas esculpidas, appareceram-nos como em um sonho, banhados pela claridade suave do luar que lhes emprestava um aspecto vago e diluido das coisas que não são mais deste mundo...

Hsin-Kai-Lu, 4.ª Lua do 8.º anno da Republica.

O que nem todos sabem

Um dos mais originaes mappa-mundis antigos que se conhecem é o que pintou Fra Mauro sobre os muros do mosteiro de São Miguel, perto de Veneza, ali pelo anno de 1459.

A Italia era, então, o centro cartographico da época, e foi nesse paiz que se organizaram as principaes cartas marinhas que chegaram até nossos dias: carta dos irmãos Pizzigani, 1367; carta veneziana de Walkenaer, 1384 a 1400; atlas de Andréa Branco, 1436; carta dos irmãos Benicasan, 1461 a 1480; carta de Freduce, 1497.

•

Cervantes era italiano? Assim o affirma o sr. Antonio Beltramelli, em artigo recentemente publicado no *Popo d'Italia*.

O sr. Beltramelli diz que viu o baptisterio do autor de *D. Quixote* na egreja de São Ruffillo, de Limpopoli, e póde, assim, assegurar que Miguel Cervantes, cujo nome de baptismo seria Michele Cervanti, nasceu naquella cidade da Romagna, na Italia, a 12 de outubro de 1547. Cita, ainda, um "diario" de Leone Cobelli, descrevendo o casamento dos paes de Cervantes: Rodrigo Cervantes e Eleonora Cortina.

•

Em Yena, a formosa cidade, celebre pelos seus jardins, pela sua Universidade e pela suprema precisão dos instrumentos de optica que nella se fabricam, acaba de ser inaugurada uma lapide dedicada á memoria de Wilhelm Demelius, o "estudante eterno".

A historia de Demelius é certamente unica no mundo e, pela sua singularidade, bem merece o esforço que a cidade de Yena acaba de fazer para perpetual-a.

Filho de um pastor protestante, chegou Wilhelm Demelius a Yena em 1825, attrahido pela fama da sua Faculdade de Theologia, matriculando-se na Universidade, onde começou a seguir os seus cursos.

Tal affeição tomou Wilhelm Demelius pelo estudo, que, quando morreu, em 1873, aos 70 annos de idade, ainda continuava inscripto no registro da Universidade de Yena como estudante de Theologia.

Apesar de, longo periodo do seu tempo de estudante, Wilhelm Demelius morreu sem conseguir deixar uma prova conveniente dos seus meritos como theologo.

Salvitae

O MELHOR DISSOLVENTE DO ACIDO URICO DIURETICO E LAXANTE

CONTRA

A GOTTA RHEUMATISMO PRISÃO DE VENTRE
DOR DE CABEÇA BILIOSIDADE INDIGESTÃO
DIABETES DOENÇA DE BRIGHT

A VENDA EM TODAS AS DROGARIAS E PHARMACIAS PRINCIPAES

AMERICAN APOTHECARIES COMPANY. NEW YORK

Pela sua inconfundivel perfeição, elegancia, durabilidade e bom gosto, FOI O UNICO que obteve a mais alta classificação na Exposição Internacional do Centenario da Independencia do Brasil em 1922: *Hors Concours*.

A venda em todas as bôas casas da Capital e dos Estados.

Fabrica — FERREIRA SOUTO & C.
Rua Fonseca Telles, 18 a 30 — RIO DE JANEIRO

INSTITUTO HYGIENICO

— DE —

Mme. ELLA

unica representante dos afamados productos da Academie Scientifique de Beauté de Paris, e da Marca registrada *Glicia* que são incomparaveis, para emmagrecer, o creme adstringente Lysial N°. 15, faz o effeito espantoso, tratamento da cutis, massagens, Electrolise, galvanisação raio violete, raio solar, raio azul, para acné e espinhas. Banho de Luz para emmagrecer o ventre. Manicure de primeira ordem, embellezamento das sobrancelhas.

. . .

Becco Manoel de Carvalho n.° 16-1.°

Esquina da Rua 13 de Maio

Telephone 3091 Central

EIS AQUI

a MARCA da ELEGANCIA
e do BOM GOSTO

que sempre levam

CAMISAS, CEROULAS, PYJAMAS

BERTHOLET

CAMILLERI & C^ie, Suc^rs

82, Rue d'Hauteville, 82 - PARIS

que faz a roupa de luxo á mão e á medida.

ACEITAMOS PEDIDOS POR CORRESPONDENCIA

DIETA DE AMOR

De Horacio Quiroga

HONTEM de manhã esbarrei na rua com uma rapariga delgada, de vestido um pouco mais comprido do que os usuaes, e bastante bonita, pelo que me pareceu. Voltei-me para olhal-a e segui-a com os olhos até que dobrasse a esquina, tão pouco preoccupada com a minha parada como o teria feito minha propria mãe. Isso é frequente.

Tinha, no emtanto, aquella figurinha delicada um tal ar de modestia ansiedade por passar despercebida, um tão franco desinteresse por um papalvo qualquer que, com o rosto voltado, espera que ella volte o seu tambem, tão cabal indifferença, em summa, que me encantou, apezar de ser eu o papalvo que a seguia naquelle momento.

Ainda que tivesse os meus affazeres, fui-lhe no encalço e detive-me na mesma esquina. Em meio do quarteirão, atravessou a rua e entrou num saguão de uma casa assobradada.

A rapariga trazia um traje escuro, e as meias muito esticadas. Muito bem até ahi; agora, desejo que me digam se ha cousa em que se perca melhor o tempo do que seguir com a imaginação o corpo de uma pequena muito bem calçada que vae trepando por uma escada.

Não sei se ella contava os degráos; mas juraria que não me enganei num unico numero e que chegámos juntos ao vestibulo.

Deixei de vel-a então. Mas eu queria deduzir a condição da pequena pelo aspecto da casa. Desci, e da calçada opposta pude ler na parede da casa, numa grande chapa de bronze:

DOUTOR SWINDENDORG

Physico dietetico.

Physico dietetico! Está bem. Era o menos que me podia acontecer essa manhã. Seguir uma graciosa pequena de traje azul marinho, effectuar a seu lado uma ideal subida de escada, para concluir...

Physico dietetico!... Ah, não! Não era esse o meu logar por certo! Dietetico! Que diabo tinha eu que fazer com uma rapariga anemica, filha ou pensionista de um physico dietetico? A quem póde occorrer alinhavar como a um lençol, estes dois termos: amor e dieta? Não era isso uma promessa de ventura, certamente. Dietetico!... Não, por Deus! Que tudo seja assim, menos o amor! Amor e dieta... Não, com mil diabos!

* * *

Foi isto hontem de manhã. Hoje as cousas mudaram. Tornei a encontral-a, na mesma rua; e seja pela belleza do dia, ou por haver adivinhado em meus olhos quem sabe lá que religiosa vocação dietetica, o certo é que me olhou.

—"Hoje eu a vi... eu a vi... e ella me olhou."

Ah, não! Confesso que não pensava precisamente no final da estrophe. O que eu pensava era no seguinte: que tortura deve ser a de um nobre amor, constantemente submettido aos extases de uma ineffavel dieta!...

Mas que ella me havia olhado, eu não tinha a menor duvida. Segui-a como no dia anterior; e, como no dia anterior, emquanto com um sorriso idiota ia sonhando atraz dos sapatos de verniz, esbarro com a placa de bronze:

DOUTOR SWINDENDORG

Physico dietetico

Ah! Queria isto dizer que nada do que eu havia sonhando poderia ser verdade? Era possivel que por detraz dos aveludados olhos da minha pequena não houvesse senão uma celestial promessa de amor dietetico?

Devo crel-o, sem duvida, porque hoje, ha apenas uma hora, acaba de olhar-me na mesma rua e no mesmo quarteirão, e li claramente em seus olhos o alvoroço de ter visto subir, limpido a meus olhos um fraternal amor dietetico...

Ao diabo o amor!

* * *

Quarenta dias são passados. Não sei já o que dizer, a não ser o seguinte: que estou morrendo de amor aos pés de minha pequena de vestido escuro... E se não é a seus pés, é, pelo menos, a seu lado, porque sou seu noivo e vou a sua casa todos os dias.

Morrendo de amor... Sim, morrendo de amor, porque não tem outro nome esta exhaustiva adoração exangue. A memoria me falta ás vezes, mas me recordo muito bem da noite que cheguei a pedil-a a casamento.

Havia tres pessoas na sala de jantar — porque me receberam na sala de jantar — o pae, uma tia e ella. A sala era muito grande, muito mal illuminada e muito fria. O doutor Swidendorg olhou-me de pé, observando-me sem dizer palavra. A tia olhava-me tambem, mas desconfiada. Ella, a minha Nora, estava sentada á mesa e não se levantou.

Eu disse tudo o que tinha que dizer, e fiquei olhando tambem. Naquella casa podia haver de tudo, menos ostentação. Passou-se um momento ainda, e o pae me olhava sempre. Trazia um immenso sobretudo pelludo e as mãos nos bolsos; um grosso chale no pescoço e uma barba muito grande.

(Continúa no proximo numero)

ARVORE MALDITA

Sou arvore, tambem, mas arvore maldita
que nem sombra offerece e nem fructos produz
e, em desesperação, seus dois braços agita,
— unicos braços nús como uma enorme cruz.

Arvore condemnada á excommunhão precita,
onde o raio do sol não vem deixar a luz...
esguia, colossal, que, apavorada, fita
a immensa vastidão dos pincaros azues.

Que tem por seiva o fél; em cujo vulto enorme
a infensa maldição dos peregrinos dorme
que, jamais dará flôr, ou fructo ou um rebento..

— arvore condemnada a ter no proprio espectro
o gemido de dôr, se sacudida ao vento,
e o throno secular dos monarchas sem sceptro!

PAULA CHAVES.

DORMEM EM VEZ DE ESTUDAR

MENS SANA IN CORPORE SANO!

Nada mais exacto, especialmente nas escolas onde se verifica que os alumnos mal nutridos atrazam-se em geral, são desanimados e cochilam nas aulas em vez de prestarem attenção ás lições e dormem até nas bancas durante as horas de estudo!

São o martyrio dos professores. Falta nelles o elemento vital, animador do sangue que alimenta as funcções organicas e assim se arrastam por um estado de indolencia, de somnolencia, e de incapacidade geral.

Ha um meio simples e altamente efficaz para acabar com esta situação lastimavel: dar-se ás creanças, nas horas de intervallo de aulas, ou em casa, uma bôa chicara de **LEITE MALTADO HORLICK** diariamente.

Acabemos com as chamadas merendas, que em geral consistem de um pedaço de pão com carne ou queijo, e, raramente, uma frueta qualquer. Essas merendas pouco valor teem.

O **LEITE MALTADO HORLICK** dá vigor e animação ao pequeno corpo, as funcções organicas serão despertadas, sangue novo e rico correrá pelas veias e afugentará as causas da fadiga, accumuladas no cerebro em virtude da má nutrição.

Veremos, então, as creanças indolentes, distrahidas, somnolentas, tornarem-se, para alegria dos mestres, espertas, vivas, alegres e attentas ás aulas.

O **LEITE MALTADO HORLICK** para os collegiaes atrazados no seu desenvolvimento, é salvavida contra o naufragio imminente e, certo de um organismo mal nutrido.

PEÇAM AMOSTRAS A

PAUL J. CHRISTOPH COMPANY

Ouvidor, 98 — Rio. S. Bento, 35 — S. Paulo.